



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

MARIA ISABEL ALVES RAMOS

**UMA CONVERSA EM VOLTA DA FOGUEIRA: BRUXOS, FEITICEIROS,
BENZEDEIRAS E BENZEDORES QUE CONTAM E ENCANTAM COM
HISTÓRIAS, AFETOS E CUIDADOS POR MEIO DO SAGRADO**

Campinas, SP
2023

MARIA ISABEL ALVES RAMOS

**UMA CONVERSA EM VOLTA DA FOGUEIRA: BRUXOS, FEITICEIROS,
BENZEDEIRAS E BENZEDORES QUE CONTAM E ENCANTAM COM
HISTÓRIAS, AFETOS E CUIDADOS POR MEIO DO SAGRADO**

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Educação, na área de concentração Educação.

Orientador: Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL
DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA MARIA ISABEL ALVES RAMOS,
E ORIENTADA PELO
PROF. DR. ADILSON NASCIMENTO DE JESUS

Campinas, SP

2023
Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Gustavo Lebre de Marco - CRB 8/7977

R147c Ramos, Maria Isabel Alves, 1977-
Uma conversa em volta da fogueira : bruxos, feiticeiros, benzedeadas e benzedores que contam e encantam com histórias, afetos e cuidados por meio do sagrado / Maria Isabel Alves Ramos. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Adilson Nascimento de Jesus.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Bruxas. 2. Feiticeiras. 3. Benzedeadas. 4. Histórias. 5. O Sagrado. I. Jesus, Adilson Nascimento de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: A conversation around the bonfire : witches, sorcerers and healers that tell stories and enchant them with sacred affection and care

Palavras-chave em inglês:

Witches
Sorcerers
Women
healers
Stories
Sacred, The

Área de concentração:

Educação

Titulação: Doutora em Educação

Banca examinadora:

Adilson Nascimento de Jesus [Orientador]
Gabriela Di Donato Salvador Santinho
Ana Elvira Wu
Adriana Paes Leme Paiva Gomes
Alik Wunder

Data de defesa: 30-10-2023

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0008-0567-4975>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/3602099723118287>

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TESE DE DOUTORADO

**UMA CONVERSA EM VOLTA DA FOGUEIRA:
BRUXOS, FEITICEIROS, BENZEDEIRAS E BENZEDORES QUE CONTAM E
ENCANTAM COM HISTÓRIAS, AFETOS E CUIDADOS POR MEIO DO SAGRADO**

MARIA ISABEL ALVES RAMOS

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus
Profa. Dra. Gabriela Di Donato Salvador Santinho
Profa. Dra. Ana Elvira Wuo
Profa. Dra. Adriana Paes Leme Paiva Gomes
Profa. Dra. Alik Wunder

A Ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade

2023

Dedico esta tese a Luiz Alves Ramos (*in memoriam*), Janete Franciscatto Alves Ramos (*in memoriam*), Maria Luisa Franciscatto Gonçalves (*in memoriam*), Leonardo Gonçalves (*in memoriam*), Luis Carlos Gonçalves (*in memoriam*), Josefa Martins (*in memoriam*), Eufrosina de Carvalho (*in memoriam*), Maria “Lavadeira” (*in memoriam*), Joyce Marly Gonçalves Freire (*in memoriam*) e Maria Helena Pompeu.

Cada qual, à sua maneira, me ensinou sobre afeto e cuidado.

AGRADECIMENTOS

Esta tese de doutorado foi escrita a muitas mãos. A todas, deixo meu profundo agradecimento:

À presença sutil da Espiritualidade e da minha Ancestralidade, as quais estiveram comigo durante todo o percurso deste trabalho acadêmico.

Aos meus pais, Luiz e Janete, que diante de tantas situações difíceis, escolheram aceitar minha vinda a este mundo e me ensinaram, aos seus modos, sobre acolhimento e amor.

Aos meus tios, Leonardo Gonçalves (*in memoriam*) e Maria Luisa Francescato Gonçalves (*in memoriam*), e aos meus primos, Luis Carlos (*in memoriam*), Margareth, Amauri e Elizabeth, pelos gestos amorosos que sempre recebi de cada um.

Aos meus irmãos, Paulo Henrique e Luís Marcelo, por tantas aprendizagens, deixo registrada minha gratidão.

Ao Bruno de Moura Barbuda, por tanto amor, apoio e companheirismo.

À Cláudia Marisa Teixeira, pela amizade e pelo amparo de profunda ternura neste período acadêmico.

Aos participantes desta tese, Maria Francisca dos Santos, Igor Alexandre Tabaral Sílvio, Zelinda Orlandi Hypolito, Carlos Fernando Macedo da Silva, Tânia Gori e Luciana (Ahamy) Denize Caetano, por tanta disponibilidade e ajuda, pelo cuidado, ensino e afetuosidade para comigo e com esta tese.

Ao Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus, pela confiança em tantas empreitadas e por me incentivar a caminhar rumo a lugares fronteiriços.

Aos professores: Profa. Dra. Gabriela Di Donato Salvador Santinho, Profa. Dra. Ana Elvira Wuo, Profa. Dra. Adriana Paes Leme Paiva Gomes, Profa. Dra. Alik Wunder, Profa. Dra. Ana Luisa Fernandes de Moraes, Prof. Dr. Nelson Filice de Barros e Profa. Dra. Adriana dos Santos Teixeira Barcellos, pelo aceite para membros da banca docente de defesa desta tese.

A Moisés Baldissera da Silva e Isabel Scremin da Silva, pelo cuidado e respeito ao revisarem meus escritos.

Às tantas pessoas que encontrei em minha jornada até aqui, e que, em algum momento e de alguma maneira, trilharam ao meu lado.

Enquanto restar uma criatura que saiba contar a história e enquanto, com o fato de ela ser repetida, os poderes maiores do amor, da misericórdia, da generosidade e da perseverança forem continuamente invocados a estar no mundo, eu lhe garanto que... será suficiente.

(Clarissa Pinkola Estés)

RESUMO¹

Quando falamos de bruxos, benzedoras, benzedores e feiticeiros, geralmente mergulhamos nos conteúdos de mitos, histórias e outras narrativas. Esses personagens, assim como nas narrativas, sempre estiveram presentes na história da humanidade e foram eles os norteadores desta tese. O propósito inicial deste trabalho era o de encontrar benzedoras e benzedores, feiticeiros e bruxos da vida real com suas histórias de vida e refletir sobre sua importância social, cultural e simbólica. Os encontros aconteceram em locais como Campinas (SP), São Paulo (SP) e São Thomé das Letras (MG), todos eles repletos de histórias. Durante o processo de criação desta tese, houve uma mudança de olhar, não só acadêmico, mas também pessoal. Bruxos, feiticeiros, benzedoras e benzedores me afetaram profundamente, me ensinaram sobre criar, educar, curar e, de maneira sutil e acolhedora, me convidaram a participar deste trabalho para muito além da interação enquanto pesquisadora. Como resultado, esta tese tornou-se um livro de histórias de vida, de cuidados e de afetos que levaram ao processo de ressignificações de uma pesquisadora em sua jornada da bruxa.

Palavras-chave: Bruxas; Feiticeiras; Benzedoras; Histórias; Sagrado.

¹ A apresentação de resumo da tese pode ser conferida em: DEFESA Tese MIAR 2023. Apresentação de resumo de tese de doutorado de Maria Isabel Alves Ramos. Youtube, 2023. Disponível em: <https://youtu.be/iL8QXG0K-Js>. Acesso em: 18 nov. 2023.

ABSTRACT

When people talk about witches, sorcerers and healers, they usually think of myths, tales and legends. These characters have always been present in human history, as well as their stories. Besides, they guide this thesis, which have aimed to find them in real life, with their sacred narratives and crafts, and to consider their social, cultural and symbolic importance. The meetings happened in Campinas (SP), São Paulo (SP) and São Thomé das Letras (MG), and they brought a lot of stories. During the process of creating this thesis, there was a change of perspective, in academic and personal terms. Witches, sorcerers and healers have deeply affected me, inviting me to participate in this survey well beyond as a researcher. As a result, this work became a book about life stories, about care and affection that gave new meanings to me, through my journey as a witch.

Keywords: Witches; Sorcerers; Healers; Stories; Sacredness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Igor Alexandre Tabaral Sílvio.....	43
Figura 2. Carlos Fernando Macedo da Silva.	45
Figura 3. Tânia Gori.	47
Figura 4. Maria Francisca dos Santos.....	49
Figura 5. Zelinda Orlandi Hypolito.	51
Figura 6. Luciana Denize Caetano (Ahamy).....	53
Figura 7. Maria Isabel Alves Ramos.	56
Figura 8. Pedra azul.....	98
Figura 9. O anel.....	101

SUMÁRIO

MEMORIAL: O INÍCIO DE TUDO	12
ABRINDO UM BAÚ DE HISTÓRIAS	22
PONTOS DE PARTIDA	31
ENCONTROS	42
Igor Alexandre Tabaral Sílvio	43
Carlos Fernando Macedo da Silva	45
Tânia Gori	47
Maria Francisca dos Santos	49
Zelinda Orlandi Hypolito	51
Luciana Denize Caetano (Ahamy)	53
Maria Isabel Alves Ramos	56
CONVERSA EM VOLTA DA FOGUEIRA	58
AO PÉ DO FOGO	62
A bruxa	62
A feiticeira	69
A benzedeira	71
A noite: o sagrado e a magia	77
A Lua: o sagrado feminino	80
Convite da madrugada: o despertar do dom	83
Raiar do dia: afetos e cuidados	90
REFLEXÕES DE UMA BRUXA	97
Bruxa, feiticeira e benzedeira se misturam	101
Seres de fronteiras	103
O poder da fala	104
O encontro com o sagrado pessoal e a retomada da jornada	107
Ensinamentos de bruxos, feiticeiros e benzedores	110
O cuidado pessoal e o cuidado com o outro	111
FINAL DE UM CICLO: CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	121
ANEXOS	124

MEMORIAL: O INÍCIO DE TUDO

Como a natureza, tudo tem início, meio e fim, assim é o ciclo. Eis um bom motivo para contar uma história feita de outras histórias e ciclos...

Há muito tempo, meus pais encontraram um palhaço de circo. Tramela era o nome dele. Esse palhaço convidou meus pais para atuarem em uma peça de teatro. A peça teatral seria sobre o nascimento de Cristo e sua apresentação estava prevista para o final de 1976.

Minha mãe estava grávida e meu nascimento era aguardado para o mês de janeiro do ano seguinte. Ela dizia que tinha algumas ideias para meu nome: um nome já era certo caso fosse um menino, mas havia dúvidas quanto ao nome feminino. No entanto, fez uma escolha quando se apresentou naquele palco. Ela encenou a personagem bíblica Isabel, e uma amiga interpretou Maria. Minha mãe contava que ter representado a cena do encontro entre as duas personagens mexeu tanto com ela que, ali, no palco, ela teve certeza de meu nome. Conversou com meu pai e os dois resolveram que, nascendo uma menina, seria Maria Isabel. Acredito que ter conhecimento sobre a origem de meu nome foi uma grande influência para meu vínculo com práticas corporais como teatro, dança, música e contação de histórias.

Meu pai, Luiz Alves Ramos, era de família simples e humilde. Tinha ascendência cigana espanhola e indígena por parte de meu avô, além de portuguesa por parte de minha avó. Era o mais novo de sete irmãos. Se o que dizem é verdade, por pouco ele não se tornou lobisomem, já que havia uma irmã no meio disso tudo². Estudou até o equivalente ao quarto ano do Ensino Fundamental I, se comparado aos dias de hoje. Gostava de escrever poesias, tocava gaita nas noites quentes, amava tomar chimarrão e cantava muito bem.

Minha mãe, Janete Franciscatto Alves Ramos, era filha de uma mistura italiana e cabocla, por minha avó, e italiana por parte de meu avô. Ela nasceu numa família simples, porém abastada. Era a caçula e tinha mais sete irmãos. Gostava de desenhar e fazia belas pinturas. Também tinha mãos de fada para crochê, costura e cuidado com flores. Apesar de nunca ter frequentado escola, aprendeu a ler e escrever com uma cunhada no sítio onde moravam. Ela também escrevia poesias.

Nasci numa tarde quente de verão, no final de janeiro de 1977. Minha chegada foi uma surpresa, porque na época não existiam esses exames de hoje em dia, em que os pais ficam

² Existe a crendice, apresentada nas histórias do folclore brasileiro, de que, quando nasce um menino, sendo este o sétimo filho e seus irmãos somente homens, este carregará o fardo de ser lobisomem.

sabendo o sexo do bebê antes do nascimento. Para meu pai, a chegada de uma menina na família era motivo de extrema alegria.

Com trinta e sete anos, logo depois que nasci, minha mãe teve uma depressão pós-parto com maior intensidade do que as anteriores, decorrentes do nascimento de meus dois irmãos mais velhos, Paulo Henrique e Luís Marcelo. Com uma semana de vida, fui separada dela e levada aos cuidados de sua irmã, Maria Luisa, e de seu cunhado, Leonardo – que mais tarde se tornaram meus padrinhos de batizado e meus pais de coração. Ela foi internada num hospital psiquiátrico e meus irmãos foram morar com minha tia Zula, também irmã de minha mãe; eles ainda eram pequenos e não podiam ficar sozinhos. Meu pai foi o único da família que ficou na casa onde moravam: trabalhava o dia todo e, no final da tarde, visitava cada um dos filhos.

Durante um ano, recebi os cuidados de meus tios e primos, Elizabeth, Margareth, Amauri e Luis Carlos. Apesar de muito pequena, guardo algumas lembranças dessa época. Lembro o sol da tarde batendo na porta dos fundos da casa e eu ali, com meu vestido xadrez azul e branco; recordo os banhos na banheira azul da casa de Luis Carlos, as vezes em que eu ficava debaixo do sofá da casa de tia Maria Luisa e as roupas que eu arrancava para ficar apenas de fralda sobre o tapete vermelho e amarelo da sala.

Passados os doze meses, a vida voltava ao normal. Minha mãe saía do hospital psiquiátrico, e meus irmãos e eu voltávamos para casa. No entanto, meu vínculo afetivo com tios e primos tornou-se profundo e eu sempre queria vê-los. Queria ir até a casa de Luis Carlos, que ficava em um quintal imenso, cheio de margaridas acompanhadas de jabuticabeiras, abacateiros e pés de carambola. Sua casa era diferente, repleta de desenhos pelas paredes, portas e tetos: um convite para qualquer criança. No quarto, que era um dos meus lugares favoritos, havia uma estrutura de metal em forma de pirâmide sobre a cama. Mas a casa também tinha outros lugares interessantes, como a bancada de experimentos alquímicos, o observatório na laje do quarto com um telescópio, o grande aquário de caixa d'água e os instrumentos musicais como a bateria, a guitarra e o violão, além das revistas esotéricas *Planeta* e das cartas de *tarot* que eu não me cansava de ver. Meu primo, mesmo sem saber, foi uma das pessoas que influenciou tanto minha vida pessoal quanto acadêmica.

Nos anos seguintes, minha avó paterna ficou por alguns períodos em nossa casa. Ela amava narrar e falava de acontecimentos que dizia ser reais e vívidos, ou por ela, ou por algum conhecido, ou por um parente seu. Eram encontros com sacis e lobisomens, boitatás, assombrações, mulheres-vampiras que se alimentavam do sangue de crianças, bruxas e benzedeiras que protegiam as pessoas ou lhes rogavam pragas. Cresci ouvindo causos e

histórias assim, que ora causavam medo, ora eram motivo de infinitas gargalhadas. Com as narrativas de minha avó, vinham as histórias contadas por meus pais, os famosos “causos de família”, e os acontecimentos que marcaram suas infâncias. Ao mesmo tempo em que isso acontecia, as idas à casa de meus tios e padrinhos tornavam-se frequentes, e lá as histórias também ganhavam vida. Tudo isso foi fundamental em meu ofício como contadora de histórias.

E as influências continuavam. Minha avó paterna, que frequentava casas espíritas e terreiros de umbanda, que conhecia e ia em tantas benzedeadas, que amava seu cachimbo – os quais poucas vezes tive a alegria de pitar – buscava ervas nos pastos para curar minhas dores de barrigas e as “impinges”³. Mas dizia que não conseguia me curar de outros males, como o mau-olhado, o quebranto e a lombriga, e por isso me levava em benzedeadas. Eu não sabia bem o que aquilo significava, mas entendia que era bom. Eu ouvia o cochicho da anciã como se ela falasse um segredinho a alguém. Observava o ramo verde de ervas que segurava em uma de suas mãos. Aquilo me encantava. Era bom me sentar na cadeira de madeira, no banquinho ou no tronco de árvore para receber o benzimento. Quando chegava em casa, repetia em brincadeiras o que eu acabava de experimentar. A casa de minha infância tinha um quintal grande, cheio de flores e árvores. Lembro que escolhia alguns ramos de plantas do jardim e começava a “benzer” os gatos que dormiam espalhados pelo quintal. Depois, pegava um copo com água e começava a “benzer” a casa; minha mãe via e sorria. Então eu fazia meus “remédios e poções” com galhos e folhas de árvores, com terra e flores caídas no chão.

Além de minha avó, havia uma mulher que frequentava nossa casa e que também acreditava em benzimentos e os indicava. Ela, Dona Maria Lavadeira – era assim que eu a chamava, nunca soube seu sobrenome –, às vezes levava as roupas de minha família para lavar, todas juntas numa trouxa enorme que equilibrava sobre a cabeça. Ela vivia dizendo, quando me via: “essa menina tá muito chorosa, tá com o olho lustro, precisa benzer”. Era a mulher que me pegava no colo e me ensinava a amarrar os sapatos, da qual eu nunca me separava quando ela estava em casa. Negra linda, do sorriso largo, magra e forte, Dona Maria nem imaginava o quanto era importante para mim.

Também havia a Dona Helena Pompeu, uma vizinha dos tempos em que precisamos mudar de casa por conta de um poço desbarrancado. Ela era alta, corpulenta, lembrava-me de deusas africanas. Ela também me pegava no colo e dizia que habitualmente era bom receber uma “benzeção”. Recordo sua fala, olhando-me, com olhos que mais pareciam duas jabuticabas

³ A impigem, popularmente conhecida como “impinge”, é uma infecção causada por fungos. Geralmente, a região acometida fica avermelhada e com muita coceira. Minha avó costumava usar a seiva de uma planta conhecida popularmente como “erva de Santa Maria”, que mais tarde eu soube ser o mastruz.

brilhantes, em meus tombos e choros nas brincadeiras da rua de terra: “Você precisa ser forte, viu...”. Ela foi mais uma grande influência em minha vida.

E tinha a Dona Josefina, também conhecida como Zefa ou Zefinha Benzedeira. Muito respeitada, conseguia parar qualquer briga que acontecia na rua onde morava. Ela me conhecia desde que nasci: a partir de meus vinte anos, nosso vínculo tornou-se tão forte que ela costumava dizer que me considerava como uma de suas filhas. Quando eu ia visitá-la, sempre sem avisar, lá estava ela, em pé ao lado do portão, olhando justamente para o lado onde eu despontava na rua. Ela dizia: “eu sabia que você vinha, me avisaram...”, e eu sempre me pegava pensando que “esses Espíritos que acompanham Dona Zefa já sabem até o que vou falar...”. Conversávamos. Às vezes eu chorava, outras vezes a gente ria, ela sempre me benzia. Antes de sair, ela me dava algumas balas dizendo que era para adoçar um pouco a vida.

Fui crescendo em meio a todas essas influências e, aos poucos, por meio das histórias de família, contaram-me que meu avô materno sabia fazer sinais no chão para espantar incêndios em plantações de eucaliptos ou para “abrandar” temporais, e que ele também conhecia rezas diferentes. Também ouvi que minha tia madrinha chegou a fazer algumas benzeduras, mas que, com receio dos familiares em ganhar fama de benzedeira, não deu continuidade ao que tinha aprendido com meu avô.

Aos poucos compreendi que minha mãe também benzia. Todas as sextas-feiras, pela manhã, ela acendia uma vela em seu altar na cozinha e fazia o sinal da cruz na testa dos filhos com óleo de cozinha, consagrado por um padre que conhecera. Benzia o quintal, os gatos e as plantas, usando a água benta⁴ de uma garrafa – daí também as minhas brincadeiras de “benzer” a casa usando um copo com água. Ela costumava benzer partes do corpo de quem estava doente: passava o óleo com o dedo na região afetada, fazia imposição da mão, fechava os olhos e mentalmente rezava. Muitos anos depois, percebi que eu fazia a mesma coisa quanto à imposição de mãos, com animais que estavam doentes e pessoas conhecidas que não estavam muito bem. Minha mãe também queimava galhos de palmeira – vindos da missa de Domingo de Ramos –, em momentos de tempestades com raios e relâmpagos, e ficava quietinha num canto de sua cama, com a luz apagada e em silêncio, até tudo se acalmar. Fazia chás com receitas dos antepassados e às vezes pressentia ou sonhava com situações que acabavam acontecendo. Isso a assustava a tal ponto que não queria parar de tomar os medicamentos psicotrópicos que

⁴ Todo ano, numa data específica de festividade católica, minha mãe levava uma garrafa com água para que o padre a santificasse. Durante o ano, ela ia repondo o conteúdo da garrafa, conforme usava o líquido para benzer a casa. Nunca deixava a garrafa ficar vazia. Todo ano a água era renovada na festividade da igreja que frequentava.

tiveram início em seu tratamento de depressão pós-parto, pois dizia que eles impediam que seus dons fossem desenvolvidos – ela mesma dizia que muitas vezes tinha medo deles.

Fui crescendo em meio a tantas influências e, na adolescência, fui tomando gosto pelos esportes e acentuando meu jeito de ser. Nesse período, os conflitos adolescentes chegaram. Como toda adolescente, eu começava a prestar mais atenção em minhas preferências. Os conflitos entre gerações aconteciam, assim como os questionamentos sobre a vida.

Foi também nesse período que algumas reflexões se tornaram mais presentes. Duas, principalmente, estavam sempre em minha cabeça. A primeira era muito confusa para mim, pois eu não conseguia entender o misto de carinho e de certa rejeição que recebia de minha mãe e lembro que sempre associava isso à depressão pós-parto decorrente de meu nascimento; sentia-me culpada por esse acontecimento e, aos poucos, fui ocupando e aceitando os papéis de responsável pela felicidade familiar e de depositária de seus insucessos. A segunda também era confusa e voltava-se à religião e ao meu modo de ser. Meus pais eram católicos e durante muito tempo também fui, ou pensava ser. Cheguei a participar de um grupo de canto da igreja, mas sempre questionava sobre alguns posicionamentos e situações que para mim eram muito contraditórios num ambiente onde era dito que se praticavam o amor, o acolhimento e a compreensão. Aos poucos fui me afastando da igreja e de tudo o que pensava acreditar: comecei a pesquisar sobre assuntos que me fascinavam na infância, como *tarot*, benzimento, bruxaria, cristais, cromoterapia, quiromancia e meditação. E a vida seguia.

Mas, no início de meus vinte anos, ela tomou rumos diferentes daqueles que eu imaginava. Em 1997, recebi a notícia de que meu pai tinha pouco tempo de vida devido a um câncer no pulmão. No mesmo ano, ingressei na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no curso de Educação Física, onde conheci o Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus. Num encontro de grupo de estudos na mesma faculdade – Grupo de Estudos em Dança (GEDAN) –, comentei com a Profa. Dra. Ana Elvira Wuo que gostaria de realizar algum trabalho acadêmico que falasse sobre benzedeadas, mas a ideia ainda era muito vaga.

Em março de 1998, meu pai veio a falecer e, com sua morte, senti-me completamente só. Meu irmão mais velho, Paulo Henrique, já estava casado, então éramos eu, meu irmão do meio e minha mãe ocupando o mesmo ambiente, no interior de uma relação familiar que, aos poucos, se tornava abalada e desgastada.

Por toda minha história, uma sombra⁵ me acompanhava. Um sentimento de rejeição e uma sensação de não me fixar na vida que as pessoas mostravam se encaixar me faziam sentir diferente, incompreendida e deslocada de tudo o que me rodeava. Nessas horas a sombra sempre estava presente, mas eu ainda não sabia como me aproximar ou dialogar com ela. Eu não sabia o que ou quem ela era. Houve um dia em que pensei em arrumar alguns pertences numa mochila e seguir pela Rodovia Anhanguera pedindo carona, a fim de me tornar uma viajante das estradas, mas foi durante uma conversa com um andarilho, num posto à beira dessa rodovia, que ele me convenceu a não seguir aquele plano. Por fim, pensei em resolver aquela angústia, de uma vez por todas, na semana seguinte, e “partir dormindo” com auxílio de relaxantes musculares e antidepressivos em altas doses. Meu irmão Paulo e minha cunhada Eliane perceberam minhas aflições – mas não minhas reais intenções – e me orientaram a pedir a ajuda certa. Assim o fiz. E minha escolha foi me escolher.

A partir daí muita coisa mudou. Consciente de uma crise depressiva agravada pela morte de meu pai e em acompanhamento psicológico, comecei a participar de um grupo de formação de contadores de histórias, na Faculdade de Educação Física da Unicamp, no final de 1998. As histórias lidas e contadas ora me alegravam, ora me davam acalanto, falavam diretamente à alma e faziam o que nenhuma explicação racional conseguia realizar. A história de *O teatro de sombras de Ofélia*, de Michael Ende (1993), foi marcante para mim, pois apresentou conteúdos sobre morte e sombra de maneira tão acolhedora que me fez entender as narrativas como bálsamos curativos.

Como contadora de histórias, novamente surgiam personagens que já me eram conhecidas: bruxas, benzedeadas e feiticeiras. Conteí “Vasalisa, a sabida”⁶ e “La loba, a mulher lobo”⁷, narrativas que eu sempre associava à cura. Também contava histórias como “As sete corujas”⁸ e contos de fadas como “Chapeuzinho Vermelho” e “Branca de Neve”⁹. As narrativas com conteúdo diferente sobre feiticeiras, bruxas e benzedeadas me faziam questionar: elas eram boas ou más? De alguma maneira, essas personagens estavam sempre me acompanhando. Sempre.

⁵ A sombra é entendida como uma estrutura do inconsciente, segundo a Psicologia Analítica. Ela abarca desejos, ideias e lembranças, todos reprimidos. Campbell (2008) fala da sombra como o ser sinistro que encontraremos na descida ao abismo de nosso inconsciente, o qual também guarda as grandes potencialidades não realizadas.

⁶ Conto de origem russa, presente na obra *Mulheres que correm com os lobos*, de Estés (1994).

⁷ História contada por antigos espanhóis lavradores, também encontrada e contada nos Estados Unidos e no México. Também está presente em Estés (1994).

⁸ História do folclore norte-americano, retirada de Prieto (1997).

⁹ Os contos de fada foram retirados de Machado (2010).

Em 2002, cheguei ao final de meu curso de graduação. Enquanto outros trabalhos de conclusão de curso falavam de sobrecarga de exercícios, de *marketing* esportivo ou de biodinâmica de movimentos, meu tema voltava-se às considerações sobre o treinamento corporal do contador de histórias. Entendo que esse momento marcou minhas muitas mudanças pessoais de pensamentos e atitudes, já que eu começava a não sentir mais tanta necessidade de me encaixar em situações cotidianas que me incomodavam. Aí foi o início de uma bela jornada com o Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus, que aceitou me orientar no trabalho de conclusão de graduação.

Em 2005, finalizando o reingresso de graduação do mesmo curso na modalidade de licenciatura, afastei-me do meio acadêmico a fim de colocar em prática o que havia vivenciado e aprendido. Iniciei a atuação como professora efetiva na Rede de Ensino do Estado de São Paulo. Cinco anos depois, retornei à Unicamp, pela Faculdade de Educação e, no final de 2013, apresentei e defendi minha dissertação de mestrado sobre o ofício de contar histórias, também sob a orientação do Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus. Nesse período, concluí uma especialização em Psicanálise, voltada para o atendimento de crianças e adolescentes. Foi nessa época que, além de lecionar em escola pública, contei histórias em livrarias, feiras de livros, escolas particulares, empresas, congressos e realizei acolhimento e atendimento psicanalítico para crianças e adolescentes de abrigos de uma Organização Não Governamental (ONG) localizada em Campinas, SP.

Durante o processo criativo de minha dissertação de mestrado, tive a certeza do quanto as histórias são curativas. A formação em psicanálise e meu contato com os atendimentos voltados à ONG me auxiliaram em métodos com os quais as histórias eram abordadas em diferentes situações de acolhimento e de amparo emocional.

Todos esses acontecimentos me aproximavam um pouco mais de minha sombra, mas ainda era difícil alcançá-la. Sentia que, em algum momento, tal encontro teria que acontecer, mas procurava evitá-lo enquanto era possível.

Em 2016, expressei vontade de pesquisar e de escrever sobre aquelas que faziam parte de minha história: as benzedeadas. Era uma vontade antiga. Paralelamente, Carmem Rossi e Camila Ramos – terapeutas afetuosas e acolhedoras – me ajudavam e orientavam a olhar para minha jornada pessoal. A velha sombra continuava a me acompanhar; tanto Carmem quanto Camila me ensinaram a olhar para ela com outros olhos e a praticar o autoacolhimento. Aos poucos, tudo aquilo que para mim era assustador foi ganhando espaço em meu processo de limpeza psíquica. Lembranças com benzedeadas, histórias que ouvi, experiências e memórias pessoais eram meus guias. Eram conteúdos que, de alguma maneira, me ensinavam a olhar de

maneira acolhedora aquele ser obscuro que me acompanhava e a começar um caminho por terrenos desconhecidos. Deparei-me lendo novamente *O teatro de sombras de Ofélia*, a história de uma velha que, diante de um final triste para si, começa a encontrar sombras sem dono pelo mundo, as quais, juntas, criam um teatro cujos atores são obscuros: figuras que passam a encontrar sentido para elas, dando sentido também para Ofélia. Nesse período, me voltei para leituras e cursos espíritas e comecei a conhecer um pouco mais de mim mesma.

De modo subjetivo, as histórias me mostravam o caminho a seguir depois de uma grande perda e ajudavam a dar direção à minha vida. Da mesma maneira, as lembranças das benzedeadas, as narrativas de bruxas e feiticeiras, as leituras e os cursos que fazia me mostravam um caminho de cura e de aprendizagem. Nesse período, fiz cursos de massoterapia, uso terapêutico de óleos essenciais e Reiki; no início de 2017, ingressei no curso de doutorado na mesma universidade onde havia cursado a graduação e o mestrado.

Novamente a dinâmica da vida trazia mudanças. Em junho de 2018, minha mãe teve um sério problema de saúde, diagnosticado inicialmente como acidente vascular cerebral e posteriormente como surto psicótico. Em novembro do mesmo ano, ela precisou ser acolhida numa casa de cuidados e de repouso para idosos, pois era a única possibilidade de ela receber os zelos necessários para sua qualidade de vida. Lembro-me das tantas conversas com ela, esperando que sua escolha fosse a vontade de melhorar. Numa dessas conversas me dei conta de quanto é preciso respeitar as escolhas alheias e de que não somos responsáveis por aquilo que o outro decide para si mesmo. Lembrando tantas histórias e acontecimentos, a velha e conhecida sombra se aproximava mais de mim. Nesse período, começavam minhas pesquisas e andanças teóricas do curso de doutorado. Também conheci Igor Alexandre Tabaral Silvio¹⁰ e, com ele, comecei a aprender feitiços, benzimentos, uso de ervas e leitura de *tarot*.

Nessa época, era impossível dar continuidade ao curso de doutorado. Sentia que precisava olhar para outros conteúdos e, na busca por respostas e processos curativos, desejei ter acesso aos prontuários médicos de minha mãe durante a sua passagem pelo hospital psiquiátrico. Era um desejo antigo, mas sempre me faltava coragem para o primeiro passo. Agora, adulta e esclarecida de tantas coisas, desejava descobrir sobre a depressão de minha mãe e sua relação com meu nascimento. Eu me aproximava de minha sombra, mesmo sem saber. Quando lia histórias, pensava nas bruxas que precisam ir ao encontro de suas origens e de seus propósitos iniciais para desatarem um feitiço e pensava nas benzedeadas que perguntam sobre a

¹⁰ Igor Alexandre Tabaral Silvio é professor de artes plásticas e ilustrador. É bruxo tradicional hekatiano, sacerdote de Hekate e Babalorixá de Umbanda/Kimbanda. Iniciou seu caminho na bruxaria aos dozes anos; na mediunidade, aos dezoito anos.

doença para então eliminá-la. Eu ansiava em conhecer minha história por completo. Anos de terapia e de autorreflexão foram muito bem-vindos, mas eu reclamava por algo mais profundo, necessitava de peças faltantes para finalizar um quebra-cabeça antigo e empoeirado. Uma contadora de histórias ansiava, portanto, em conhecer sua história desde o início. E muitas conversas sobre esse desejo de fazer o caminho de volta, indo à raiz dos acontecimentos, aconteceram com Paulo, meu irmão mais velho.

No entanto, o estado de saúde de minha mãe piorava e, assim, adiei a ida ao hospital psiquiátrico e o pedido de autorização para acesso aos prontuários. Então, certo dia, algo mudou e comecei a me dedicar à cura mútua feita por gestos, olhares, cuidados e presenças. Aos poucos, as idas aos médicos tornavam-se constantes, as visitas à casa de repouso eram ainda mais frequentes e os remédios administrados aumentavam em nomes e quantidades.

Em meados de fevereiro de 2020, aconteceu um encontro com Paulo. Numa conversa muito acolhedora sobre meu nascimento, soube que, entre a gravidez de minha mãe e meu nascimento, haviam ocorrido situações de questões familiares e bagagens emocionais intensas que não haviam sido resolvidas. Foi quando parei para refletir que as pessoas antes de nós também são feitas de histórias, as quais nem sempre ganham um final. Compreendi que é necessário entender e respeitar as dores alheias para não carregar pesos emocionais desnecessários. Um processo de cura se iniciava em mim.

Só então fui capaz de ver minha sombra tão de perto, bem pertinho, sob a forma de uma menina assustada. Aquela figura sombria ganhava, enfim, conteúdos e contornos. Pude tocá-la e abraçá-la com profundo respeito e carinho. Em algum momento de *O teatro de sombras de Ofélia*, uma das sombras diz à velhinha que há muitas sombras sem dono pelo mundo, porque ninguém as quer. Pois bem, minha sombra não seria uma dessas. Não mais. Começou, assim, uma nova fase de profundo processo de transformação pessoal. Compreendi que fazer o caminho de volta nem sempre está vinculado a ter acesso a papéis, registros e prontuários. O caminho de volta era aprender a olhar a mim mesma com outros olhos e acolher as histórias vividas e contadas antes da minha. Benzedeiros dizem que só há processo de cura quando aquele que a procura deixa de procurar respostas e passa a ser a própria resposta. Nem preciso dizer que a partir de então não tive mais a necessidade de querer ler prontuários.

Na madrugada de 16 de fevereiro de 2020, minha mãe estava dormindo. Estava internada há uma semana. Cheguei perto de sua cama e falei com ela, ora em pensamento, ora cochichando bem baixinho. Não sei por quê, mas acho que as conversas de cura acontecem desse modo, de alma para alma, de maneira mais silenciosa. Foi um momento tão amoroso que é até difícil de descrever. Senti que estávamos leves, e minha mãe dormia tranquilamente. Pude

notar que eu a olhava com aqueles olhos de menina vendo a mãe benzer a casa. E assim foi. Não demorou muito e minha mãe continuava sua jornada por outros caminhos, enquanto eu iniciava uma nova viagem.

Olhando para todas essas histórias, entendo que há vezes em que se torna necessário fazermos o caminho reverso, mas é preciso fazê-lo de maneira amorosa e acolhedora, para encontrarmos desfechos e retomarmos o percurso de nossas próprias vidas. Como eu poderia desenvolver uma tese sem ter conhecimento de tantas histórias necessárias para que minha própria história acontecesse? Como falar sobre acolhimento, cura, afetos e transformações, sem vivê-los? Penso que, assim como os contadores se doam às histórias, da mesma maneira só conseguiria dar vida e intensidade a este trabalho a partir do momento em que eu respirasse e vivesse com ele.

Por vezes tentei iniciar esta tese, mas sem êxito. Não conseguia seguir adiante. Por fim, entendi que haveria o momento apropriado para tal e aceitei esse fato. Li, observei, refleti e aguardei. Fechei os olhos e dei um passo no escuro, acreditando que saberia o momento certo de retomar meu caminho e de voltar a escrever. Dona Zefa dizia que tudo acontece no momento em que precisa acontecer.

Foi assim, compreendendo que era necessário abraçar aqueles que vieram antes de mim, para então falar de seres que nos afetam e nos curam, que este texto teve início.

Durante um bom tempo andei em busca de respostas. Na presente tese, conto a história de como foi essa aventura.

ABRINDO UM BAÚ DE HISTÓRIAS

*Todos nós pertencemos a uma linhagem longuíssima de pessoas
que se tornaram lanternas luminosas a balançar na escuridão,
iluminando o próprio caminho e os passos de outras.
(Estés, 1994)*

Quanto eu tinha seis anos, tive um sonho.

Era um dia de céu limpo e havia um lago à minha frente. Em volta, um campo bem verde, cheio de árvores. De repente surgiu um senhor de muita idade, de barba branca e longa, com uma veste comprida, conduzindo um barco. Quando chegou à margem, ele me convidou para entrar no barco e disse que contaria algumas histórias.

E então não estávamos mais no lago, mas num rio. Havia duas montanhas, cada uma numa margem do rio. Em uma das montanhas se via uma estátua imensa de madeira. Era um homem nu, em pé, com os braços estendidos. Em cada mão, uma vasilha também de madeira. A mão direita tinha a palma voltada para cima, sua vasilha continha água cujas gotas imensas caíam no rio. Já na mão esquerda, a palma era voltada para baixo e sua vasilha continha fogo, com labaredas indo para o mesmo sentido. Os olhos daquela estátua às vezes pareciam voltados para frente, mas ao mesmo tempo também me olhavam. Os cabelos do homem iam até a altura do pescoço, também de madeira, e pareciam se movimentar.

Olhei para o condutor do barco e, surpresa, perguntei como uma vasilha voltada para baixo não caía e como podia o fogo queimar para baixo. Ele sorriu e disse: “um dia você entenderá...”. E continuou contando histórias.

Conforme o barco se deslocava, o ambiente ia mudando. Já não havia mais céu claro e logo estávamos em frente a uma caverna, cuja entrada tinha um cachorro imenso, com três cabeças. Era muito maior do que um homem em pé. Seu tom era escuro e parecia muito bravo devido à nossa presença. Então o ancião perguntou se eu queria descer do barco e chegar mais perto daquele cachorro, respondi que sim, pois não conseguia sentir medo dele.

O cachorro não latia, mas mostrava os dentes. Quando cheguei bem perto, ele abaixou as três cabeças para que eu acariciasse cada uma delas.

Depois disso o ancião me chamou para voltarmos. Assim que subi no barco, acordei.

Sempre achei que esse sonho precisava ter um desfecho. Décadas depois, num dia de finalização da escrita de minha dissertação de mestrado, em 2013, isso aconteceu. O filho de um amigo querido havia falecido. Algumas pessoas diziam que havia sido suicídio, mas eu acreditava que o rapaz tinha tomado uma dosagem alta de remédios psicotrópicos por confusão ou por descuido. Naquele dia, depois do velório, o falecimento de Ravy me fez pensar sobre muitas coisas. De repente, diante da tela do computador, olhando para minha pesquisa de mestrado, eu me via num sonho – porém acordada. Foi nesse momento que a história continuou...

Eu estava novamente em frente à caverna e parecia que o tempo havia parado. O cão de três cabeças se transformara num imenso dragão esverdeado. Batia a cauda com muita força no chão e dava a entender que cuspiria labaredas a qualquer momento. O ancião, condutor do barco, não estava mais lá. A primeira coisa em que pensei foi: “como vou fazer o caminho de volta, se não tem mais barco aqui?”.

Aquele dragão era enorme e desta vez eu sentia muito medo. Ele sabia disso. Durante alguns segundos, ele ficou me olhando. Quando senti o fogo em seus olhos, corri para dentro da caverna.

Era muito escura, antiga, mas os passos que eu dava pareciam iluminados. Escuro, assustador e acolhedor, era assim que eu via aquele lugar, o qual também dava a impressão de nunca ter sido visitado antes. A caverna parecia respirar comigo, parecia saber tudo o que eu estava sentindo naquele momento: isso fez com que eu começasse a andar mais devagar. Meu coração ficava mais tranquilo. Não fazia ideia de quanto tempo estava ali, mas já não importava mais. Apenas sentia que encontraria algo ou talvez alguém.

Caminhando, comecei a lembrar minha infância e tantas coisas que já haviam acontecido comigo. Lembrei-me de Dona Maria Lavadeira e de Dona Zefa Benzedeira. Assim, enquanto caminhava e recordava essas pessoas, percebi que estava no coração da caverna. Parecia um salão e no centro havia uma fogueira. Era ela que tinha iluminado todo o meu percurso até aquele momento.

Ali, eu pensava: “mas que lugar estranho e familiar é esse?”. Sentia que conhecia o local mesmo sem nunca ter estado ali.

Depois que parei de olhar para a fogueira, vi que havia muitos objetos espalhados pelo chão e também pendurados nas paredes. Eram coisas que eu conhecia. Eram coisas minhas! Minhas bonecas de pano, as bolinhas de gude coloridas, os cadernos com tantos

rabiscos, os desenhos de escola, as minhas roupas de infância, as fotos das quais eu nem me lembrava mais... Tudo sobre mim estava ali.

Comecei a ficar assustada e confusa, era como se eu tivesse entrado em outra dimensão. O ar estava diferente, coloquei as mãos no rosto e comecei a chorar. Foi então que ouvi:

– Por que está assim? Não se assuste, você está em casa!

Abri os olhos e vi uma velhinha, com cabelos brancos e longos, mas sem muita nitidez. Ela continuou a falar:

– Depois de muito tempo, enfim você chegou. Achei que não fosse entrar em sua caverna. E vejo que você conseguiu cuidar de seu dragão.

Tudo era muito confuso, eu só conseguia olhar para a velhinha e para aqueles objetos: alguns eu havia dado como perdidos, outros eu ainda tinha guardados em algum cantinho de casa.

De repente, tudo naquele espaço começou a se dissolver, ficando somente a velhinha, a fogueira e eu. Uma névoa tomava conta do ambiente, nela eu conseguia ver algumas situações de minha vida: eram cenas da infância, acontecimentos da adolescência e também atuais. Muitas cenas apareciam simultaneamente. Era como se cada uma delas mostrasse minha mais profunda intimidade, o melhor e o pior de mim. Era assustador.

Com os olhos nas cenas, comecei a chorar de tristeza e de alegria. A emoção era muito forte e eu sentia como se fosse desmaiar. Quando não consegui mais ficar lúcida, já quase deitada no chão, ouvi outra voz:

– Ei, o que você está fazendo aqui?

Vi, ofuscada como a velhinha, uma menina aparentando seis anos de idade. Como ela era parecida comigo! Atônita, perguntei:

– Afinal, quem são vocês?

– Somos nós três, aqui. Achei que você não viesse, porque demorou muito. Mas ela – disse, apontando para a velhinha – sempre me disse que você viria. Então ficamos te esperando, e eu fiquei ouvindo suas histórias.

Como era possível aquilo? Eu estava diante de mim mesma, em situações e tempos diferentes!

A velhinha me convidou para sentar mais perto da fogueira, onde ela e a menina se tornavam mais nítidas. Disse que estávamos em nosso lugar comum, em nossa caverna. Estávamos em nosso passado, presente e futuro, juntas. Disse que a caverna era acolhedora, mas também perigosa, pois era não só um lugar de acolhimento e resgate, mas também um

lugar de loucura, caso eu não conseguisse alimentar o que era necessário. Aí a velhinha começou a me contar histórias sobre polaridades.

E de repente, senti que era hora de ir.

A anciã me ofereceu um caldo, mistura de água e fogo. Falou que os dois eram importantes se fossem usados com sabedoria. Senti que não era sobre o caldo que ela falava, mas sobre quem eu era, e ela falava numa linguagem que eu conseguia entender. Ela falava por histórias.

Aceitei o caldo e, assim que terminei de tomá-lo, nós três nos despedimos. A velhinha disse que elas estariam sempre ali e que agora eu já sabia o caminho para chegar até elas. Então perguntei:

– Mas como faço o caminho de volta? O barco não está mais lá, o ancião também não...

Foi aí que a menina me deu um livro, disse que era especial e que eu precisava cuidar bem dele, porque nele estavam as almas das histórias, das minhas histórias, e eram elas que me ensinariam o caminho de volta. Emocionada, aceitei o livro e me despedi delas e da caverna.

Em meu caminho de volta, segurando o livro com firmeza, cheguei até o lugar onde estava o dragão. Ele não era mais ameaçador para mim. Ele apenas guardava o que havia de especial naquele lugar e sabia que eu havia entrado porque era chegada a hora. Ele se tornou um amigo.

Recordo que, em segundos, fiz meu caminho de volta à consciência e comecei a escrever, finalizando a história.

Conteúdos assim sempre me acompanharam: frequentemente lá estava eu, pensando neles e em algumas personagens que tinham presença constante tanto nos meus sonhos quanto nas histórias que eu lia ou contava.

Com o tempo, comecei a compreender que não somente os sonhos e as narrativas, mas também suas personagens ajudam a dar forma às nossas próprias vidas. São modelos que nos deixam pistas para o autocuidado e para a autopreservação, além de ofertar sinais para que nunca percamos o mais importante: a realização de nossas jornadas pessoais. Pois somos feitos de muitas histórias, sejam elas narradas ou ouvidas, sejam elas vividas ou sonhadas.

No entanto, por algum motivo ou em algum momento, por vezes vamos deixando esses conteúdos de lado, esquecendo ou perdendo o que nos é importante e íntimo. Esquecemos as sensações das brincadeiras de infância, as recordações das cantigas há muito ouvidas e

cantadas, as lembranças dos livros de histórias. Deixamos de lado as falas que nos acalentavam e tudo aquilo que gostávamos de fazer e de sentir, nem damos mais atenção aos sonhos que outrora nos faziam pensar sobre seus significados. Aos poucos, nos acostumamos com o estresse cotidiano, com a comida *fast food*, com o dormir pouco e o acordar desejando que o dia acabe logo. Sem perceber, passamos a viver num ritmo frenético de anseios futuros, de cuidados pessoais adiados para a próxima semana, para o próximo mês ou para o ano que vem. Paramos de dedicar momentos para nós mesmos e para aqueles que estão à nossa volta. Tornam-se normais a vida apressada, a falta de tempo, a agenda abarrotada de tarefas, as dores no corpo, os remédios para depressão e ansiedade. Nesse ritmo, perdemos o vínculo com nós mesmos.

Ao pesquisar sobre a construção e a história dos costumes me deparei com Elias (2011)¹¹. Ele relata que os costumes coletivos, ao longo da história, passam a ser vistos como naturais e não mais como construídos. Com isso, o que é pessoal se perde e deixa de fazer parte de um conjunto de hábitos individuais para dar passagem a comportamentos grupais. O autor deixa claro que todas as sociedades criaram e têm seus princípios e regras de convívio e que, muitas vezes, aquilo que tínhamos como importante passa a ser secundário aos olhos de uma vida social. Também aponta para o fato de que, se não nos atentarmos, corremos o risco de desaprovamos o que nos faz bem e passarmos a defender o que é construído e naturalizado.

Estés (1994) relata que ao longo da civilização o ser humano foi sendo domesticado, perdendo, com isso, seu potencial pessoal e criativo. Ao longo dos séculos, tal potencial vem sendo reduzido e aniquilado à semelhança da fauna silvestre e das florestas. A autora ressalta que, não obstante, é possível notar aqueles que mantêm esse potencial presente e que não deixam tal perda acontecer. Estes, ela considera como “selvagens”: explica que o termo se refere às pessoas que encontram sentido em suas jornadas de vida, que buscam integridade e respeitam seus ciclos pessoais, que estão em harmonia com o mais íntimo de si mesmos, que mantêm vivos e ativos seus potenciais pessoais e criativos.

Acredito que muitas narrativas e personagens permanecem conosco até hoje porque nos apresentam e nos falam de mulheres e de homens selvagens capazes de criar suas histórias de vida e de mostrar possibilidades de ser. São aqueles que nos convidam a olhar para nossos espaços internos e a garimpar o que há de mais importante neles, assim como os sonhos. São os que nos relembram a importância de olharmos e de respeitarmos o próximo e a natureza, de agradecermos o que é recebido e conquistado. São os que carregam consigo e compartilham com os outros conhecimentos ancestrais, que deixam pegadas e pistas sobre a importância de

¹¹ Para o autor, o costume é entendido como repetição de um ato social, tornando-se uma condição – mesmo que não obrigatória explicitamente – de ações coletivas.

vivermos de maneira saudável e em integridade. Enxergo isso como um grande motivo pelo qual as narrativas e os sonhos com esses seres estão presentes até os dias atuais. “A mulher foca”¹², por exemplo, traz a personagem principal como aquela que tem sua pele roubada e precisa retornar às suas origens a fim de recuperar sua natureza selvagem, para então voltar a sentir a vida que pulsa dentro de si. O sonho que tive aos seis anos e que relatei no início desta seção também é outro exemplo que entendo como uma manifestação de seres selvagens, pois passaram-se décadas e ele continua potente em mim, como se tivesse sido sonhado hoje. Ambos, tanto a história quanto o sonho, mostram, a meu ver, conhecimentos ancestrais e caminhos de vida e integridade.

Em todos esses conteúdos, sejam eles de narrativa ou de sonhos, algumas personagens sempre me chamaram a atenção. Em muitas histórias que li e contei e em alguns sonhos que tive, encontrei curandeiras, bruxas ou feiticeiras. No conto “Vasalisa, a sabida”¹³, a menina que dá nome à história precisa adentrar a floresta e se encontra com Baba Yaga, a bruxa temida por todos; no convívio com ela, a jovem aprende a cuidar e a acreditar em si mesma e, como consequência, recebe o fogo necessário para iluminar o caminho de volta e para levar luz à própria casa. Acho provável que, em algum momento da vida, a cada um de nós tenha acontecido um encontro com alguma dessas personagens. Mesmo que tenham passado por transformações ao longo do tempo, elas nunca perderam a força de tudo o que já foi percorrido em sua construção arquetípica. Para Carl Gustav Jung (1875-1961)¹⁴, o arquétipo é a forma primordial de uma representação/imagem, um elemento difuso, porém muito potente, que em algum momento toma forma e conteúdo diante da experiência pessoal e coletiva (Jung, 2000, p. 91). Passei a intuir, de início, que essas personagens eram referências arquetípicas de seres selvagens. Tal assunto será retomado adiante.

Entendo que essas figuras tiveram suas construções registradas em muitos relatos, fazem parte de inúmeros de nossos sonhos e de nossas histórias, além de se mostrarem presentes desde tempos remotos, ora vistas como aquelas que acolhem e ajudam, curam e protegem, ora entendidas como as que maldizem e trazem consigo tudo o que é maldoso e assustador. Não precisamos procurar muito para encontrar alguém que nos conte sobre uma benzedeira de seus tempos de infância, sobre um feiticeiro do livro preferido ou sobre uma bruxa de filme. Ressalto que há homens que desenvolvem suas práticas como bruxos, feiticeiros e benzedores, embora na maioria das vezes a figura feminina prevaleça – tanto em histórias e contos, quanto em relatos

¹² História muito presente entre os celtas, escoceses, povos da Sibéria e tribos do noroeste da América do Norte.

¹³ Conto russo.

¹⁴ Psiquiatra suíço e fundador da Psicologia Analítica.

e encontros pessoais. Com o tempo, passei a ter certeza de que esses seres são “selvagens”, no sentido explicado por Estés (1994).

Por conta de tais observações e recordações pessoais, esta tese ganhou vida. Deu-se a busca por essas “personagens selvagens” na vida real e foram elas, cada qual com suas singularidades, que me acompanharam em meus escritos e nortearam esta tese. Em suas mais variadas formas e nomes, dando vida a memórias e narrativas, elas se fizeram presentes e necessárias neste percurso, compartilhando conhecimentos e histórias de vida, fazendo o elo entre o passado e os nossos dias, mostrando suas faces que vão muito além dos contos de fadas. Foram essas pessoas que direcionaram esta jornada, não só de pesquisa, mas também pessoal, com muitas aprendizagens e descobertas, e que me convidaram a participar de todo o processo que será descrito.

Além de apresentar um conjunto de outros olhares sobre o que estamos acostumados a ver, a ouvir e a pensar acerca de bruxos, feiticeiros, benzedeadas e benzedores, esta tese busca mostrar tanto um corpo de conhecimentos apresentados por falas vivas, com suas experiências e seus ensinamentos, quanto um caminho de conscientização de uma contadora de histórias em sua jornada de “tornar-se bruxa”.

A tese precisava de um lugar. Fiz minha escolha pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) como espaço para esta pesquisa, pois os participantes deste trabalho me direcionaram a pensar sobre essa opção. A palavra “educação” indica o significado de conduzir ou de direcionar para fora. Tal espaço acadêmico também é vinculado à “pedagogia”, que, do grego antigo (παιδαγωγός), está associada ao ato de conduzir e de acompanhar. Ao definir meus caminhos acadêmicos e ao cursar algumas das disciplinas oferecidas no curso de pós-graduação, notei que a presente tese está vinculada a esses significados. Esta pesquisa está ligada à interação educativa em ambientes que não são considerados escolares e está associada a reflexões e estudos referentes à formação do desenvolvimento humano e às suas relações sociais, culturais e simbólicas, buscando viabilizar uma educação integral com propostas de intervenções que valorizam o individual e o coletivo. Assim, ao interagir com bruxos, feiticeiros, benzedeadas e benzedores e ao observar que seus conteúdos tocam em crenças e conexões com o invisível, tive a certeza de que, além de personagens importantes da sociedade e da cultura popular, suas falas e seus ofícios, devido a tantos conhecimentos e a tantas pedagogias de cuidados e de afetos que possuem, precisam e merecem lugar de reconhecimento acadêmico.

Para interagir com as falas dos participantes, alguns autores foram de grande importância em meu direcionamento, tanto pessoal quanto de pesquisa. Pude vivenciar e

compreender que não existe um jeito certo de contar uma história, pois são diferentes os olhares, únicos, voltados para um mesmo ponto de reflexão. Ao mesmo tempo em que ouvia as narrativas inéditas dos entrevistados, pensava sobre tudo o que havia lido até então e sobre o quanto essas histórias também construía minha história; conseqüentemente, passei a olhar para minha própria narrativa.

Referenciais teóricos me acompanharam e nortearam esta pesquisa, como os escritos de Joseph Campbell (1989; 1990; 1992; 2003; 2008) sobre mitos e suas transformações através dos tempos, com suas reflexões sobre a significação da jornada de cada um de nós no mundo. Igualmente, Clarissa Pinkola Estés (1994; 1998; 2007) foi de extrema importância quando me conquistou com seus escritos sobre os arquétipos femininos e sobre a importância de manter viva a essência selvagem que cada um tem dentro de si. Estés me mostrou o quanto as histórias são essenciais para os seres humanos e o quanto é importante segui-las, a fim de vivermos de maneira integrada.

Nas minhas buscas sobre a história da bruxaria como ponto de partida de pesquisa, Jeffrey B. Russell e Brooks Alexander (2019) foram fundamentais com seus conteúdos tão precisos sobre a bruxaria ao longo dos tempos. Ao lado desses últimos autores, Alberto M. Quintana (1999), Núbia Pereira Gomes e Edmilson de Almeida Pereira (2004), Alceu Maynard Araújo (2004) e Suzana de Azevedo Araújo (2007) me presenteavam com seus escritos relacionados às benzedeadas e feiticeiras.

Também estiveram presentes Humberto Maturana e Sima Rezepka (2000), ao escreverem sobre a área da Educação como formadora de seres humanos responsáveis consigo mesmos e com o próximo, o que me fez refletir sobre o quanto bruxos, feiticeiros, benzedeadas e benzedores são agentes educadores. Betania Vicensi Bolsoni (2012), Fernando Danner (2008) e Murilo Cunha Wanzeler (2011) foram extremamente valiosos com seus escritos sobre a temática do cuidado de si, baseados em Michel Foucault, visto que a leitura deste autor muitas vezes refletiu minha limitação enquanto leitora e pesquisadora. Leituras de Henry Wallon (2007) e de pesquisadores como Lígia Regina dos Passos Silveira (2010) e Pedro da Silva Dantas (1983) foram de grande importância para o entendimento sobre o que são os afetos. Outro autor que me acompanhou foi José Carlos Sebe Bom Meihy (2002), pois a metodologia de pesquisa científica apresentada por ele, a Metodologia da História Oral, me possibilitou desenvolver esta tese no formato que se apresenta.

Como os relatos de sonhos estiveram presentes durante todo o processo de escrita da tese – apresentados em fonte itálica e na cor verde –, necessitei da presença de Carl Gustav Jung (1962; 1964; 2000), tendo Helmut Hark (1988) me amparando com entendimentos de

conceitos junguianos fundamentais. Por fim, deparei-me com dois autores, Charles Scherer Junior e Carolina Gomes Chiappini (2011), os quais me apresentaram o conceito dos “não-lugares” e das fronteiras culturais, o que me fez pensar nos participantes enquanto seres selvagens pertencentes a lugares diferentes daqueles que estamos acostumados a definir e a qualificar. Assim, formei o arcabouço teórico presente neste trabalho que possibilitou muitas das reflexões feitas adiante.

Finalizando o processo de escrita, percebi que a tese apresentava vários momentos. Para melhor compreensão ela foi organizada em três momentos. O primeiro relata histórias, indagações e motivos que me levaram às buscas teóricas e aos encontros com bruxos, feiticeiros e benzedores; nele, faço a apresentação de cada um deles e da maneira como as entrevistas aconteceram. O segundo apresenta uma história a partir das conversas reais e uma roda de conversa, a fim de promover as interações entre os relatos de vida e os referenciais teóricos. No terceiro momento, são apresentadas reflexões sobre o caminho percorrido de uma pesquisadora participante em seu processo de curas e iniciações, reencontros pessoais e ressignificações. Por último, teço algumas considerações finais.

Como contadora de histórias, a maneira de escrita desta tese – em primeira pessoa, beirando uma linguagem oral – teve como objetivo possibilitar o diálogo em que o leitor é tomado pela mão e convidado a sentar-se em volta da fogueira, sentindo-se à vontade para participar de um grande encontro.

PONTOS DE PARTIDA

Nossa própria vida vive dos atos das outras pessoas.
(Campbell, 2003)

Conversei com um homem, com vestes diferentes daquelas que costumamos usar, mas não sei quem ele era. Parecia uma mistura de cigano espanhol e árabe. Ele me falava muitas coisas que eu tentava guardar na memória, pois sabia que estava sonhando e sentia que, ao acordar, esqueceria aquelas palavras.

Ele segurava cartas de tarot que tinham seus versos em azul-turquesa e em azul-cobalto, com desenhos e detalhes de arabescos dourados.

Então, ele me estendeu a mão e me fez um sinal com os olhos para escolher uma carta. Retirei uma e dei a ele, que me olhou e sorriu.

Meu pai sempre gostou de ciganos espanhóis. Lembro que ficou feliz quando uma caravana deles chegou no bairro onde morávamos. Enquanto a maioria das pessoas ficava preocupada e receosa com eles, eu observava suas roupas e seus gestos e torcia para que pedissem para ler minha pequena mão. Meu pai dizia que gostava de nomes compostos porque, segundo ele, os nomes de ciganos espanhóis eram assim. Por conta disso, os nomes de meus irmãos e o meu são dessa maneira, compostos. Ele também dizia que pessoas com dois nomes e dois sobrenomes vinculados à ascendência cigana espanhola eram chamadas de “ladrões de cavalos”. Durante algum tempo de minha infância na escola, os professores liam meu nome e faziam o comentário: “ah, você deve ser parente de algum ladrão de cavalos”. Mas isso não me incomodava; pelo contrário, sentia-me feliz em ter meu nome associado à imagem de pessoas misteriosas que liam as linhas das mãos¹⁵ e lidavam muito bem com cartas de *tarot*. Mais tarde tive conhecimento de que tal comentário se dava ao fato de alguns grupos desses ciganos roubarem cavalos nas fazendas daqueles que lhes ofereciam estada.

Certa vez, Edson Tadeu Ortolan¹⁶ comentou que meu primeiro sobrenome, Alves, possivelmente tinha raiz árabe, já que muitos ciganos do Oriente Médio e povos mouros se dirigiram para Portugal e para a Espanha por volta do século VIII. Comentou ainda que Ramos,

¹⁵ Prática da Quiromancia.

¹⁶ Professor de História da Música e História do Teatro do Conservatório Carlos Gomes de Campinas, SP.

meu último sobrenome, provavelmente se relacionava com o processo de cristianização desses povos em território europeu, principalmente durante o período de inquisição. Essas informações me fizeram desejar saber um pouco mais sobre minha ascendência.

Também fui em busca de informações sobre meu avô materno, que, segundo minha mãe, nascera em um navio vindo da Itália para o Brasil. Sua família era do norte do país, onde existiam, desde muito tempo, grupos e movimentos voltados à Stregheria, bruxaria também conhecida como “a velha religião”, levada à Europa por povos etruscos¹⁷ por volta de 1.000 a.C.

O que me chamou atenção nessa busca por informações foi notar que meus pais e parentes não tinham muitas informações sobre minhas avós – tanto materna, quanto paterna – nem sobre suas antecessoras. Os relatos voltados a elas eram relacionados aos cuidados dos filhos, da família e do ambiente doméstico. Foram informações que me fizeram refletir sobre as mulheres e sobre a ancestralidade feminina, as quais, num momento futuro, farão parte de outros conteúdos de minhas pesquisas acadêmicas.

Procurar a procedência de nomes e a origem de pessoas, causos e lendas é algo que sempre me fascinou, principalmente pela possibilidade de relacionarmos todas essas informações com as influências que recebemos durante a vida. Como pesquisadora, essas fontes que tive também me inquietavam e estavam relacionadas a esta tese. Estaria eu, de alguma forma, voltando a possíveis origens de histórias e a conhecimentos acerca de minha ancestralidade que eu mal conhecia?

Tais reflexões me fizeram pensar na elaboração de minha pesquisa de doutorado. A proposta inicial, aqui, abarcava somente benzedeadas e suas origens, mas, durante o processo de buscas teóricas e de levantamento bibliográfico, vi a necessidade de me aprofundar sobre o que estava pesquisando. Minha dissertação de mestrado e as histórias ouvidas, lidas e contadas, além das informações que recebi ao longo de demandas pessoais e acadêmicas, contribuíram para que eu cavoucasse um pouco mais. Como consequência, direcionei meu olhar também para praticantes de bruxaria e de feitiçaria.

A figura da bruxa tornou-se, então, o ponto de partida da pesquisa e, por alguns motivos, a bruxaria europeia foi o marco referencial escolhido. O primeiro desses motivos era o de que o modelo predominante de bruxa – europeu, como veremos mais adiante – apresentava vasto material de leitura e pesquisa, o que me auxiliou no processo deste trabalho. Outro motivo

¹⁷ Os Etruscos viveram na Península Itálica a partir do século IX a.C.. Viviam inicialmente na região central da Itália, deslocando-se posteriormente para o norte do país. Eram versados em agricultura, artesanato e bruxaria. São tidos como aqueles que levaram a bruxaria arcaica, conhecida como “antiga religião”, para a Itália.

era o de que a temática da bruxaria europeia auxiliava o entendimento sobre benzedores, bruxos e feiticeiros no Brasil. Além disso, as pessoas norteadoras desta tese também abordavam tal modelo como parâmetro para algumas de suas observações. Por fim, como consequência de uma investigação, era necessário um ponto de partida como base para a tese, sendo a bruxaria europeia, como já disse, o recorte escolhido.

Para Russel e Alexander (2019), o entendimento do termo *bruxaria* pode partir de três pontos de vista. O primeiro é antropológico, pois o termo é entendido como curandeirismo e xamanismo. O segundo é histórico e pode ser observado em documentos europeus de acusações e julgamentos, nos quais a bruxaria era vista como prática de heresia e de contradição aos domínios dogmáticos da igreja católica. Os autores mostram o terceiro entendimento como religioso, pois o termo é entendido como uma forma de religião por grupos neopagãos.

A bruxaria sempre existiu em diferentes momentos históricos: há registros de sua prática entre os babilônios e sumérios, nas civilizações antigas do Oriente Próximo, em Roma, na Grécia e no Antigo Egito. Em alguns desses povos, a bruxaria era muito presente e, em outros, foi tida como superstição, como crença irracional “que não está fundamentada em qualquer visão de mundo coerente” (Russel; Alexander, 2019, p. 18). Em tempos remotos, a bruxaria teve as finalidades de sustentar valores sociais, de explicar, ao seu modo, fenômenos naturais e de atuar como meio de corrigir erros e injustiças. No entanto, em momentos históricos, quando valores passaram por processos de deslocamento ou de dissolução, tanto a bruxaria quanto a feitiçaria passaram a ser catalizadoras de inquietudes sociais, havendo nelas projeções negativas reforçadas pela imposição de culpa. Surgiram, então, os bodes expiatórios, como ocorreu na Europa durante a caça às bruxas, “quando as inseguranças e os terrores da sociedade foram projetados sobre indivíduos que então eram torturados e mortos” (Russel; Alexander, 2019, p. 23). Neste caso – e em outros que podemos encontrar em histórias orais e documentadas –, ao invés de auxiliarem no alívio de tensões sociais, a bruxaria e a feitiçaria as alimentaram, uma vez que foram usadas para mascarar disputas e interesses familiares, divisões de feudos e interesses religiosos.

Enquanto alguns povos antigos entendiam as entidades divinas como seres dotados de características duais, o cristianismo nascente em Roma transferia as qualidades sombrias de deuses para figuras demoníacas, os quais, a partir de então, passaram a ser vistos como entidades malignas. Muitas religiões no passado eram (e algumas até hoje são) monistas – em que o princípio divino é bom e mau – e os deuses eram manifestações desse princípio uno – ambivalentes, portanto. Por volta de 600 a.C., Zaratustra fez a primeira ruptura na dualidade das manifestações sagradas. Mais adiante, os pensamentos grego e hebraico, influenciados pelo

masdeísmo – religião derivada dos pensamentos de Zaratustra – aderiram a tal ruptura e, por conseguinte, o cristianismo apresentou a mesma divisão.

O pensamento greco-cristão iniciou, assim, um estreito elo entre bruxaria e demonologia, o que criou e caracterizou a imagem da bruxa europeia como personagem que, na maioria das vezes, temos até os dias de hoje. As autoridades romanas eram intolerantes às práticas de feitiçaria e de bruxaria porque temiam que ritos públicos gerassem conspirações e atentados contra imperadores e figuras públicas importantes da época. Como essas práticas eram muito conhecidas e difundidas, aos poucos elas foram declaradas como perigosas, para fins de controle de comportamentos e de interesses. Aqueles que as praticavam – como curandeiros, erveiros, benzedeadas e parteiras procurados pelas pessoas – começaram a ser perseguidos e vistos como seres perversos; paralelamente, imagens clássicas de feiticeiras de povos antigos serviram de base para o surgimento da imagem da bruxa europeia.

Ao mesmo tempo, traduções de escritos do hebraico antigo feitas para o grego, para o latim e, posteriormente, para línguas modernas sofreram alterações de significados, o que também ajudou a promover perseguições. Por exemplo, a palavra *kashaph*¹⁸, que aparece na bíblia e que em hebraico significa *magos* ou *feiticeiros*, ao ser traduzida, ganhou o significado de algo diabólico. Na Europa medieval, durante a caça às bruxas, o termo latim *maleficus*, que até então era atribuído a qualquer tipo de criminalidade, passou a ser usado como *malefica*, exclusivamente para distinguir as mulheres acusadas de bruxaria, atribuindo a elas o vínculo com seres diabólicos. Como consequência, no período de 1450 a 1750, durante perseguições contra pessoas tidas como bruxas na Europa, cerca de 110 mil indivíduos sofreram tortura sob acusação de bruxaria; desse número, de 40 a 60 mil foram executados.

Optei por não expor amplamente a história da bruxaria europeia, visto que, embora o tema pesquisado seja de grande auxílio, o propósito desta tese é outro. Para interesse maior do leitor, os referenciais teóricos no final deste trabalho serão de grande contribuição.

Durante as buscas sobre bruxaria, algumas informações chamaram minha atenção. A primeira delas é a de que a bruxaria europeia deu lugar à bruxaria moderna na metade do século XIX, por ordens e sociedades que organizaram um conjunto de diferentes conhecimentos e correntes de cunho esotérico, como a maçonaria, a teosofia e a rosacruz. A segunda é a de que, em 1988, fundou-se, na Inglaterra, uma ordem de iniciação em bruxaria denominada *Hermetic Order the Goden Dawn*. A bruxaria moderna, no entanto, só ganhou força na década

¹⁸ Conforme Russel e Alexander (2019, p. 44), esta palavra consta no livro do Êxodo, capítulo 22, versículo 18.

de 1960, com o inglês Gerald Gardner, criador do pensamento Wicca¹⁹: foi ele quem difundiu uma nova visão da bruxaria moderna a partir da herança celta europeia como base para a formação de conhecimento e de prática. A perspectiva de Gardner permanece difundida mundialmente até os dias atuais.

Também encontrei alguns registros relacionados à bruxaria e à feitiçaria no Brasil. Aqui, a bruxaria não teve relatos relacionados a encontros noturnos ou a práticas coletivas. A maioria das informações são de atividades individuais que envolviam orações e poções mágicas, as quais, por vezes, confundiam-se com ações de benzedura, com blasfêmias, com transgressões sexuais e com rituais de matriz africana. As poucas situações relatadas à inquisição foram praticamente esquecidas, visto que as confissões eram forçadas e os praticantes – na maioria mestiços, indígenas e negros – não se enquadravam no perfil da bruxaria europeia. No entanto, alguns casos são atualmente conhecidos, como a história da portuguesa Maria Isabel de Oliveira, na cidade de Belém, Estado do Pará, acusada de pacto com forças malignas, na década de 1750. Segundo denúncias da época, a mulher desenvolvia rituais para dominar homens como seu marido, considerado violento.

Na cidade de Jundiaí, no Estado de São Paulo, houve também os casos de Thereza Leyte e Escolástica Pinta da Silva, acusadas de pactos com o demônio por matarem o marido de Escolástica. Nas duas situações, as acusadas foram absolvidas. Porém, a situação da francesa Mima Renard, em fins do século XVII, foi bem diferente. Casada com um brasileiro, ela veio para o Brasil e passou a morar na Vila de São Paulo. Segundo relatos, Mima era muito formosa e alguns homens da vila, atraídos por sua beleza, assassinaram seu marido a fim de ampará-la e seduzi-la. Sem apoio financeiro, Mima passou a se prostituir, o que fez com que algumas mulheres da cidadela, enciumadas com as traições de seus maridos, a acusassem de bruxaria, alegando que Mima enfeitiçava os homens da região. Com isso, a francesa foi julgada numa paróquia local, sendo sentenciada à morte por prática de bruxaria e executada em fogueira pública.

Essas histórias foram de grande importância para mim, porque a partir delas algumas ideias de pesquisa começavam a brotar e a tomar outros rumos. Quando comecei as leituras para a tese, em 2017, tinha outros planos de investigação. Pensava em falar sobre as transformações das imagens de bruxos, feitiçeiros e benzedores ao longo do tempo – tendo as histórias e os contos como parâmetros de exploração – e em entrevistar essas personagens da

¹⁹ Embora a Wicca e a bruxaria tenham muitas semelhanças, a Wicca é uma religião formal (Murphy-Hiscock, 2021).

vida real. O intuito era apresentar pessoas reais para além das personagens presentes em mitos, contos e relatos bibliográficos.

A partir daí, comecei a fazer delimitações sobre os possíveis entrevistados. Dei preferência ao Estado de São Paulo para a busca de participantes, a fim de facilitar os encontros para os depoimentos. Na época, como professora da rede estadual de ensino, era impossível me ausentar da escola; assim, participantes do mesmo Estado facilitariam os encontros. Também pensei em Minas Gerais e na Bahia, caso houvesse oportunidade de deslocamento, pois via esses dois Estados como locais de grande conteúdo de preservação de memória cultural e simbólica.

Depois, considerei algumas características necessárias aos participantes. Estabeleci que o público entrevistado seria composto por pessoas que se denominavam bruxas, benzedoras e feiticeiras, desenvolvendo atividades e sendo reconhecidas pela comunidade a que pertenciam como tais. Além disso, deveriam ser maiores de dezoito anos. Tais delimitações permitiram que eu começasse a dirigir minhas buscas por essas pessoas em diferentes contextos, seja em *sites* de esoterismo, seja em anúncios de jornais, seja em indicações pelos lugares onde eu ia.

Outros parâmetros estabelecidos versaram sobre o modo como as conversas aconteceriam e sobre qual metodologia seria adequada à pesquisa. Procurar significados da vida cotidiana e registrá-los faz parte da proposta deste estudo. Com o intuito de buscar histórias vivas, perspectivas peculiares e sentimentos dos participantes deste trabalho, optei pela metodologia da História Oral, de característica qualitativa e participativa. A busca por significados, nesse tipo de pesquisa, é auxiliada a partir da história de vida dos envolvidos nela. A metodologia da História Oral é multidisciplinar, prestando-se a diversas áreas do conhecimento. Meihy (2002) diz que, por ser de natureza qualitativa e participante, a História Oral procura conhecer e aprofundar-se sobre aspectos de uma realidade, como, por exemplo, seus padrões culturais, suas estruturas sociais, seus processos históricos e seus laços do cotidiano. Um dos objetivos da metodologia escolhida é, justamente, registrar a memória viva, a qual, muitas vezes, fica à margem da história oficial ou de evidências mais objetivas daquilo que está sendo pesquisado. Como um dos objetivos da pesquisa era o de apresentar outros olhares sobre aqueles já conhecidos sobre bruxas, feiticeiras e benzedoras, concluí que ter a presença desta metodologia traria à tona relatos e imagens do passado e do presente, permitindo, assim, uma abordagem dinâmica e abrangente de tudo o que seria pesquisado e exposto. Também seria possível, com tal metodologia, compilar arquivos de relatos orais e novos tipos de documentação acadêmica.

Diante dessa escolha, preferi entrevistas não diretivas, a fim de incentivar os entrevistados a falarem com o mínimo de interferências ou de questionamentos de minha parte. A estrutura das entrevistas baseou-se, portanto, em alguns grupos de informações a serem indagados para os participantes: a) o que os entrevistados entendiam sobre bruxaria, feitiçaria e benzimento; b) como se deu a descoberta de dons e o que eles entendiam sobre ser bruxo, feiticeiro, benzedor e benzedeira; c) o que consideravam sagrado e d) como viam sua interação com aqueles que os procuravam. Foi realizado o trâmite acadêmico com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Educação da Unicamp, a fim de que o estudo fosse aprovado e autorizado. Indo ao encontro da História Oral, os registros dos encontros e suas narrativas aconteceriam na forma de gravações de áudio e de vídeo, mediante autorização prévia dos participantes, com aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)²⁰. Foi criado, então, o roteiro não diretivo da entrevista: o tempo previsto seria de aproximadamente duas horas e, posteriormente, as conversas transcritas seriam enviadas aos participantes para que aprovassem os conteúdos de suas falas no corpo da tese.

A busca por possíveis entrevistados começou no início de 2017. Nesse tempo, surgiu a notícia de uma benzedeira na região de Campinas, por meio de professores da escola onde eu lecionava. Fui ao seu encontro, por duas vezes, mas ela se recusou a participar e tinha seus motivos. O primeiro estava relacionado à sua família, que era evangélica e achava que seus benzimentos eram ações de origem diabólica. Adiantou que já tinha idade avançada e não morava sozinha, que teria de conversar com seus familiares e que provavelmente eles não aceitariam que ela participasse da entrevista; deixou claro que não queria problemas com os parentes que moravam com ela. Falou que alguns deles não gostavam de quando ela benzia dentro de casa e que, por isso, benzia debaixo de uma figueira, do lado de fora do quintal onde morava. Alguns parentes diziam, ainda, que aquilo que ela retirava através dos benzimentos voltava para as pessoas da própria casa. Havia um segundo motivo exposto para sua recusa: já tinha sido procurada, antes, por algumas pessoas que queriam aprender suas rezas. Essas pessoas venderam, posteriormente, cursos de benzimentos ou se aproveitaram de seus conhecimentos a fim de ganho financeiro e prestígio social. Ressaltou que isso a deixava muito brava e, assim, havia decidido não falar mais sobre suas práticas.

²⁰ É possível encontrar o registro de aceite desta pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Educação da Unicamp e a aprovação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido através do protocolo 25334719.6.0000.8142, pelo site da Plataforma Brasil: <https://plataformabrasil.saude.gov.br>.

Depois, tentei contato com mais duas pessoas que benziam. Eram pessoas conhecidas de minha infância, uma delas se considerava bruxa. Mas, por motivos particulares, ambas também preferiram não se expor.

Houve um momento em que quase acreditei que não conseguiria realizar as entrevistas. Pensava sobre o que precisava ser feito para que a tese realmente começasse a acontecer. Ao mesmo tempo, me debruçava sobre as referências bibliográficas porque eram os únicos materiais que me davam direcionamento naquele momento. Com dificuldade em minhas buscas por participantes, me recolhia nos livros, os quais me auxiliaram naquele período de grande insegurança.

No ano seguinte, em 2018, o primeiro encontro aconteceu. Por meio de Cláudia Marisa Teixeira²¹, participei da noite de inauguração de uma casa de bruxaria no distrito de Barão Geraldo, em Campinas (SP). Naquela noite, conheci e conversei com Igor Alexandre Tarabal Sílvio, bruxo, feiticeiro, pai de santo e benzedor. Falei sobre minha pesquisa e ele aceitou participar. Era o primeiro entrevistado. Naquela mesma noite, já em casa, Igor me ligou, dizendo que gostaria que eu frequentasse o local como uma aluna de magia e bruxaria. Lembrei o início de minha dissertação de mestrado, quando precisei ir além da teoria e mergulhar em tudo aquilo que pesquisava entender; sentia a mesma condição se repetindo. Aquele primeiro encontro foi o marco para uma mudança de minha percepção sobre esta tese.

Em 2018, também conheci Carlos Fernando Macedo da Silva, feiticeiro responsável pela casa de magia e bruxaria junto com Igor. Foi a segunda pessoa a aceitar participar das entrevistas.

Meus encontros com Igor mostravam que a maneira de criar e de conduzir uma pesquisa precisava ser diferente. Era preciso vivenciar e sentir o que eu começava a pesquisar; além disso, era necessário deixar-me guiar por intuições. Pela tipologia junguiana, intuição é uma percepção que ocorre por via inconsciente, é um “potencial intuitivo que cria a capacidade de identificar as possibilidades que se encontram nas coisas, bem como as possibilidades de se descobrir o pano de fundo de determinadas situações” (Hark, 1988, p. 80). Também seria necessário que eu me deixasse caminhar com aqueles que norteariam meus escritos, e não apenas falar sobre eles:

A grande mudança que o dançarino precisa enfrentar mais tarde é que a dança não deve mais ser vista como meio para uma apresentação ou exibição, mas algo para si

²¹ Cláudia Marisa Teixeira, arte-educadora, artesã e mestra em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp, é integrante do Grupo de Pesquisa OLHO, da Faculdade de Educação da Unicamp.

mesmo, como o pássaro que canta, e até o ponto em que o corpo se sente à vontade (Campbell, 2003, p. 266).

Foi assim que uma mudança significativa aconteceu: a tese começava a ganhar vida e materialização de falas e sensações, de sentimentos e olhares de todos os participantes. Como pesquisadora, ouvinte e aprendiz, minha tarefa seria não somente a de ser eu o elo entre eles e a escrita, mas também a de registrar minhas reflexões e percepções durante o processo de encontros e de entrevistas – e também depois deles. Para isso acontecer, entendi que eu também era chamada a participar desse desenvolvimento que ia para muito além da atuação como pesquisadora. Precisei ir ao encontro de mim mesma, entrando em contato com meus medos, minhas sombras, minhas escolhas, meus desejos e meus propósitos de jornada pessoal. Somente a partir daí, a tese começou a ganhar contornos.

O mergulho pessoal e consciente não foi fácil. Aliás, ele nunca é fácil, mas é libertador. A imersão começou logo que minha mãe teve o surto psicótico – como já foi narrado no memorial – e durou até fevereiro de 2022. Entendi que seria impossível desenvolver qualquer escrita antes desse período, já que um desenvolvimento de experiências e de aprendizagens havia começado. Foram necessárias muitas idas e vindas internas para que eu entendesse a necessidade e a importância de me olhar e de me resgatar de maneira integrada.

Eu estava em minha casa, mas ela era diferente. Parecia dia de festa, com muitas pessoas e muita música!

Entreí no quarto e fui em direção à cômoda envelhecida. Abri a primeira gaveta e peguei um porta-joias de madeira. Quando o abri, vi que havia um pingente diferente: ele tinha o formato de uma máscara ritualística africana, de rosto alongado e de grandes olhos puxados para trás.

Com o pingente em minhas mãos, eu olhava e tentava entender quem havia colocado aquele objeto ali. E falei em voz alta:

– Este pingente não é meu...

Foi então que ouvi uma voz atrás de mim, dizendo:

– É seu, sim!

Aí apareceu um homem de pele avermelhada, de aproximadamente um metro e cinquenta e cinco de altura, forte e troncado. Usava uma veste de palha em forma de saia, tinha os pés descalços e apresentava guizos nos punhos e tornozelos. Usava uma máscara idêntica àquele pingente.

Ele levantou a máscara e novamente disse que aquele pingente era meu. Tirou a máscara e a entregou para mim, sorrindo.

Refletindo sobre tudo o que havia acontecido comigo até aquele momento, olhei para minhas perguntas antigas como forças motrizes desta tese. O que realmente eu estava procurando e disposta a encontrar com este trabalho? Como as pessoas que se entendem bruxas, benzedoras e feiticeiras se descobriram assim? Ou, ainda, o que elas nos ensinam ou nos convidam a praticar? Sei que essas eram indagações importantes, mas havia algo que era mais forte e que me direcionava. **Como os encontros com bruxas/os, benzedoras/os e feiticeiras/os me auxiliariam no percurso do encontro comigo mesma?**

A partir do momento em que coloquei essas perguntas no papel, pude dar sentido e integridade ao conteúdo desta pesquisa, por dois grandes motivos: agora me via integrada à tese, passando por um processo de descobertas, e as perguntas eram questionamentos dos quais eu procurava respostas há muito tempo. A partir de então, outros encontros maravilhosos aconteceram e pessoas que eu tanto procurava apareceram nos momentos necessários, assim como aconteceu com Igor e Carlos Fernando.

Não posso deixar de dizer – e acredito que ninguém conseguirá esquecer – que, em março de 2020, teve início a pandemia do Covid-19, um mês depois do falecimento de minha mãe. O Brasil e o mundo paravam. Eu parava. Cronogramas e planos foram desfeitos, entrevistas foram desmarcadas.

No final do mesmo ano, consegui entrar em contato com minha terceira participante, com a bruxa Tânia Gori, primeiramente por contato telefônico e, posteriormente, por meio de conversas com uso do aplicativo *WhatsApp*.

No início de janeiro de 2021, durante uma viagem curta para a cidade de São Thomé das Letras (MG), conheci a quarta participante, a benzedora Maria Francisca dos Santos.

Três dias depois da viagem, pesquisei sobre bruxas na região de São Thomé das Letras, já que na cidade ninguém soube me dar indicação. Por meio de uma reportagem da emissora EPTV Varginha (MG) sobre o Dia das Bruxas, gravada em 2019, consegui entrar em contato por telefone com a quinta participante, a bruxa Zelinda Orlandi Hypolito.

Passados alguns dias, entrei em contato com um benzedor na cidade de Campinas (SP). Fui até sua casa e expliquei do que se tratava a pesquisa; num retorno, algumas semanas depois, o mesmo relatou que não gostaria de participar. Quando comentei esse fato com Igor, recebi o contato daquela que seria minha sexta participante, Luciana Ahamy, bruxa, feiticeira e curandeira.

A ideia da pesquisa era, justamente, a de ter um número reduzido de participantes, visto que a intenção das entrevistas era a de trazer bastante conteúdo a ser apresentado – uma vez que a metodologia da História Oral permite essa finalidade. Um acontecimento me fez finalizar as procuras. Logo que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Educação da Unicamp, imprimi seis deles. Quando percebi que todos os seis estavam assinados, intuitivamente entendi que os encontros externos haviam finalizado. Entendi que o sétimo encontro passava por vias muito mais sutis do que os papéis demonstravam e que ele já havia sido aceito há um bom tempo: eu havia aceitado participar desde o momento em que tive a vontade de escrever sobre benzedeadas, lá em 1998, nos grupos de estudos da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Apenas não tinha entendido isso, até então.

Por conta da pandemia, algumas entrevistas foram desmarcadas em 2020, acontecendo mais tarde, com algumas datas remarcadas para o ano de 2021. O encontro presencial com Tânia Gori, infelizmente, não foi possível: devido à retomada do distanciamento social por conta da pandemia e à incompatibilidade de datas disponíveis, a entrevista aconteceu via aplicativo de *WhatsApp*. Todos os outros encontros foram presenciais.

E, assim, uma nova etapa desta pesquisa teve início.

ENCONTROS

E tenho uma teoria: se você estiver seguindo seu próprio caminho, as coisas virão até você. Como é seu próprio caminho, e ninguém o percorreu antes, não existe um precedente; logo, tudo que acontece é uma surpresa, e na hora certa.
(Campbell, 2003)

Apresento, enfim, aqueles que nortearam esta tese. Todos os encontros foram muito profundos, de olhares afetuosos e acolhedores, e de muita entrega pessoal.

Em cada um havia uma pitada de nostalgia: em alguns momentos, para mim, foi possível acessar lugares no tempo e revisitar conversas com Dona Zefa Benzedeira, retomar sensações de infância com meus pais, revisitar cada canto da casa de meu primo Luis Carlos, lembrar falas de Dona Maria Lavadeira, ver minha mãe benzendo a casa. Sendo tomada pela mão e chamada também para conversar, tornei-me a sétima participante. Pude acessar conteúdos pessoais que estavam guardados no fundo da memória e entrar em contato não com uma pesquisadora, mas com uma bruxa contadora de histórias em sua jornada pessoal.

Igor Alexandre Tabaral Sílvio

Figura 1. Fonte: Acervo pessoal de Igor Alexandre Tabaral Sílvio, 2021.

No dia sete de janeiro de 2021, pela manhã, fui ao encontro de Igor, em sua casa. A entrevista havia sido marcada há dois dias, mas a conversa sobre tal encontro já havia acontecido há mais de um ano.

Ele mora numa casa com muitas flores, árvores e plantas medicinais, no distrito de Barão Geraldo, em Campinas (SP). Com ele moram o namorado, Carlos Fernando – que também é participante desta pesquisa – e mais dois amigos. Na casa, também mora um casal de gatos.

Igor é natural de Jundiaí (SP) e tem trinta e três anos. É bruxo, pai de santo, benzedor e responsável por uma casa de axé (terreiro de umbanda), cujo espaço fica em um dos cômodos da casa. Igualmente, é responsável por uma escola de bruxaria, cujo espaço encontra-se também na casa. Junto com o ofício de bruxo e pai de santo, Igor pratica leituras de *tarot*, búzios, cartas ciganas e desenvolve cursos sobre magia, bruxaria e herbalística. Exerce ofício de artesão e desenvolve cursos, oficinas e aulas de linguagens artísticas.

Antes que a entrevista começasse, conversamos um pouquinho sobre o final de 2020 e sobre como estávamos emocionalmente abalados por conta da pandemia. Em seguida, pedi para que ele escolhesse um local para a entrevista.

Ficamos na área da frente da casa, onde há sofás e bancos, com um espaço de recebimento para pessoas que procuram ajuda espiritual e/ou frequentam a casa de axé.

Passamos um bom tempo juntos na entrevista, cerca de duas horas e, em seguida, Igor me convidou para almoçar com ele e com os outros moradores.

Igor comentou que não tem propriamente uma formação acadêmica em seu caminho profissional e que aprendeu sobre arte quando ainda era criança. Como tinha o costume de ficar rabiscando em paredes e sofás, os pais notaram que havia algo a mais ali e começaram a incentivá-lo com materiais de desenho. Igor aprendeu a modelar e a esculpir. Conforme foi crescendo, também aprendeu a desenhar e aperfeiçoou esses conteúdos no decorrer de sua vida. Ressaltou que aprendeu a modelagem com seu pai e que, aos poucos, aperfeiçoou-se por conta própria.

Igor relatou, ainda, que houve uma fase de sua vida em que frequentou cursos de aperfeiçoamento, os quais o ensinaram a lecionar. Hoje em dia, é professor de desenhos e de ilustrações, gosta de ensinar e percebe que os cursos feitos o ajudaram no aprofundamento daquilo que já fazia, além de esclarecer o que ele não entendia. Dessa forma, começou a ter domínio de técnicas artísticas.

Igor deixou claro que nunca se deu bem com regras impostas por outras pessoas e que acha interessante falar sobre isso: *“Toda vez que meus professores falavam: ‘você está desenhando errado, tem que ser feito dessa outra forma...’, aquilo não dava certo e não entrava na minha cabeça. Eu insistia em fazer do jeito que eu já tinha feito a vida toda, e foi assim...”*.

Disse que hoje em dia procura transmitir aos alunos o que aprendeu, mas à sua maneira, que para ele é mais intuitiva e de observação: *“eu falo assim, que a minha maneira de lidar com a Arte é muito de sentir”*.

Carlos Fernando Macedo da Silva

Figura 2. Fonte: Acervo pessoal de Carlos Fernando Macedo da Silva, 2021.

A entrevista com Carlos Fernando, ou Nando (geralmente é assim que o chamam), aconteceu em vinte de janeiro de 2021. Ela foi marcada com antecedência; no ano anterior, havíamos conversado sobre o encontro, pouco antes do início da pandemia.

Ele tem vinte e sete anos, é natural de Campinas (SP) e viveu grande parte de sua infância no Estado da Bahia. É graduado em Ciências Biológicas e, atualmente, é doutorando

pela Universidade Estadual de Campinas, com pesquisas voltadas à criação de vacinas. Considera-se feiticeiro.

Mora numa casa cheia de plantas, flores e algumas árvores, com mais algumas pessoas, no distrito de Barão Geraldo, cidade de Campinas (SP). Um dos outros entrevistados, Igor, é seu namorado e morador da casa.

Escolhemos juntos o lugar para a entrevista, que ocorreu em um espaço rodeado por gatos e plantas, no local de espera para os atendimentos da casa de axé.

Como Igor, Nando também é responsável pelo terreiro de umbanda e pela escola de magia e bruxaria.

Contou que, por volta dos anos dois mil, foi para o Estado da Bahia e voltou para Campinas em 2006. A maior parte de suas recordações de infância, portanto, são do Estado nordestino.

Comentou também que, no momento, desenvolve sua pesquisa de doutorado com enfoque em Ciências Farmacêuticas. Para ele, chega a ser contraditório o fato de ter um caminho espiritual e de ser, ao mesmo tempo, pesquisador: *“Sou formado em Ciências Biológicas, tenho licenciatura e, no momento, estou fazendo doutorado em Ciências Farmacêuticas. Chega a ser um pouco contraditório, porque a academia não... ela não aceita, assim, esse caminho espiritual, pseudociência...”*.

Para ele, muitas vezes o conteúdo espiritual não é aceito no meio acadêmico.

Tânia Gori



Figura 3. Fonte: Acervo pessoal de Tânia Gori, sem data.

Tânia Gori é natural de Santo André (SP), tem quarenta e cinco anos, é casada e tem dois filhos. Desenvolve ofícios da bruxaria.

Devido à situação pandêmica, iniciada em março de 2020 no Brasil, nossos encontros precisaram ser desmarcados várias vezes. Quando tínhamos conseguido uma data em comum para o encontro, novamente ocorreu um momento de grande isolamento social, fazendo com que nossa conversa acontecesse via aplicativo *WhatsApp*, entre vinte e três de janeiro e doze de abril de 2021. Apesar da falta de presença física, nossa conversa foi marcada pelo acolhimento e pelo carinho de Tânia.

Tânia Gori tem o magistério como primeira formação e, em seguida, graduou-se no curso de bacharelado em Ciências Contábeis. Também é bacharel em Teologia e pós-graduada em Jogos Cooperativos. Atualmente, desenvolve estudo no curso de pós-graduação de mestrado em Neuromarketing.

Atualmente, é responsável pela Associação Brasileira de Magia e Bruxaria, com sede na cidade de Paranapiacaba (SP), e fundadora da Universidade Livre Holística Casa de Bruxa, localizada em São Paulo (SP). Também foi idealizadora da Convenção de Magos e Bruxas de Paranapiacaba (SP).

Tânia expôs que a Universidade Holística Livre Casa de Bruxa surgiu em 1996, com o objetivo de levar um conhecimento sério para as pessoas que desejam conhecer mais sobre magia, bruxaria e, principalmente, sobre terapias complementares. Nessa universidade, há quadros de professores, planos de aulas, ambulatórios de pesquisa e ambientes preparados para as pessoas que querem entender melhor sobre esse mundo. Para ela, a Universidade Holística é um lugar aberto onde as pessoas participam de palestras e de cursos, onde estudam e aprimoram seus interesses sobre ervas e cristais.

Além disso, comentou que há dezessete anos foi dado início ao evento Convenção de Magos e Bruxos, na vila de Paranapiacaba (SP). Disse que a ideia foi de uma aluna sua, Marisa, que morava na vila e achava o local místico. Tânia falou que sempre gostou da vila e, então, começou a pensar sobre maneiras de reunir pessoas de diversos segmentos voltados ao mundo místico e holístico. Assim surgiram tanto a Convenção de Magos e Bruxos, quanto a Universidade.

Ressaltou, ainda, que a Convenção de Magos e Bruxos também foi idealizada com o objetivo de desmistificar o meio esotérico, de modo a proporcionar para as pessoas um evento de conhecimentos.

Por fim, Tânia falou de seu livro, *Herbologia mágica*, lançado em 2021, cujo conteúdo contempla trinta anos de pesquisas sobre seus conhecimentos como fitoterapeuta: “São livros da minha experiência... são livros da prática que faço. O *Herbologia mágica*, lançado este ano, é um livro de trinta anos de pesquisas dentro das ervas; eu sou fitoterapeuta. Na Casa de Bruxa a gente tem os ambulatórios, trabalhamos com as ervas, com aplicação de tinturas e banhos, e a gente vê como as pessoas melhoram! Eu quis relatar essas experiências e comprovações através do livro”.

Comentou que o livro é um guia para quem está ingressando no caminho da magia; sua criação se deu após Tânia perceber que, na literatura, não havia um guia com os primeiros passos àqueles que se interessavam pelo assunto.

Também é autora do livro *Bruxaria natural*, que, igualmente, tem o intuito de auxiliar pessoas que querem desenvolver o caminho da magia: “Acredito que as pessoas esqueceram um pouco de sonhar hoje em dia! Então, é importante trazer de volta o sonho, trazer de volta a poesia, né?”.

Maria Francisca dos Santos



Figura 4. Fonte: Acervo pessoal, 2021.

No dia três de janeiro de 2021, penúltimo dia de minha estada na cidade de São Thomé das Letras (MG), comprei algumas lembrancinhas da cidade. Quem as vendia eram a adolescente Ana Paula e sua mãe, Rosângela. Perguntei a elas se havia benzedores, bruxos ou feiticeiros conhecidos na cidade, ao passo que Rosângela falou de sua irmã, Francisca. Disse que ela era uma benzedeira muito conhecida na região e que poderia me atender no dia seguinte.

Na manhã seguinte, então, fui até a praça da cidade, acompanhada de Bruno de Moura Barbuda – que me ajudou a realizar a entrevista. A adolescente que vendia enfeites nos levou até a casa de sua tia. Fomos recebidos por Francisca, que surgiu com um sorriso largo.

Maria Francisca dos Santos nasceu em Minduri (MG). É benzedeira e tem cinquenta e seis anos, mora em São Thomé das Letras (MG) há muito tempo, é solteira e tem duas filhas. Reside numa casa que vai para a subida do morro da Pirâmide, um dos pontos turísticos da cidade. No mesmo quintal há outras casas, onde vivem seus familiares.

Morou em Cruzilha (MG) e, na adolescência, mudou-se para São Thomé das Letras (MG). Durante muitos anos, Francisca trabalhou na roça e, mais tarde, desenvolveu atividades na Pousada Arco-Irís, também em São Thomé das Letras. Atualmente, ela presta serviços como acompanhante de idosos e auxiliar geral em pousadas da cidade, além de desenvolver trabalho de reciclagem.

Estudou até a terceira série do primário (hoje, segundo ano do Ensino Fundamental I). Comentou que sempre cuidou das filhas sozinha e que construiu sua casa da mesma forma. Falou que se mantém com seus trabalhos, que auxilia a cuidar dos familiares que moram com ela e que tem seu próprio carro. Nos momentos de folga, ajuda em doação de roupas para outras pessoas.

Comentou que os ensinamentos de benzeção foram passados a ela por uma outra benzedeira: *“A gente chamava ela de Tia Ervina. Ela foi parteira da minha mãe, na época lá, quando minha mãe ganhou os gêmeos. Aí ela pegou e falou assim, que um dia ela ia partir e que tinha que passar isso pra alguém. Aí eu tinha vontade... ela pegou e passou”*.

Em alguns momentos da entrevista, seus netos apareceram na porta e observaram a conversa.

Na casa há vários cachorros, entre eles a Bolinha, que se destacou por ficar deitada no sofá da sala durante todo o tempo da conversa.

Francisca, sempre muito gentil, fez um benzimento em Bruno e nos ofereceu café, que ela própria torra e mói em sua casa. Depois, deu-nos dois pedaços de sabão que ela mesma faz.

No final da conversa, Francisca disse que a cidade mudou muito de uns cinco anos para cá e que isso é muito triste, pois a região está totalmente descaracterizada.

Zelinda Orlandi Hypolito



Figura 5. Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Alguns dias após minha volta de São Thomé das Letras, pesquisei na internet sobre bruxos na cidade mineira e encontrei uma reportagem realizada pela EPTV Varginha sobre comemorações do Dia das Bruxas. Zelinda Orlandi Hypolito apareceu na reportagem, com informações e comentários interessantes, o que me fez procurar por seu contato. Dias depois, ela aceitou meu pedido para a entrevista.

O encontro aconteceu em dezesseis de janeiro de 2021, na cidade de São Paulo (SP). Fui acompanhada de Bruno de Moura Barbuda, que realizou a gravação da entrevista.

Zelinda tem setenta e dois anos, considera-se bruxa, é natural de São Paulo (SP). Com ela estava Beth, amiga e também bruxa. Zelinda é psicóloga clínica com especialização

em relaxamento, calatonia²² e desenvolvimento de capacidades mentais. Faz seus atendimentos num consultório, na cidade de São Paulo (SP), onde a entrevista foi gravada. Disse que é importante incrementar o conhecimento adquirido na faculdade: *“Eu sempre fui uma psicóloga um pouquinho diferente, né... eu sempre tive algum método um pouco diferente. Eu gosto de coisas diferentes e vou buscar um outro tipo de estudo”*.

No percurso da entrevista, Zelinda falou de sua vida e de suas experiências, mostrou retratos de parede e objetos decorativos, cada qual com sua história. Narrou também suas experiências em São Thomé das Letras (MG), seus encontros e sua amizade com o médium Chico Xavier, além do carinho por sua cachorra, Shamanta, e por seus três gatos.

De modo muito afável, descreveu sua jornada e suas participações em ordens esotéricas, bem como a ideia de transmitir suas aprendizagens e seus conhecimentos abertamente. Com seu marido, dirigem e administram o espaço “Cidade das Estrelas” e o “Instituto Imagick”, onde ministram cursos e desenvolvem palestras e vivências.

Seu marido é engenheiro civil e, juntos, eles estudam sobre os conteúdos dos cursos que ministram.

Zelinda não se considera uma bruxa tradicional: *“Eu não me considero aquela bruxa tradicional... sou uma bruxa bastante solitária, porque eu gosto muito de ciência e então vou buscar muita coisa nessa parte da ciência, não só na natureza. A natureza é o laboratório da ciência, né?”*.

²² A calatonia é uma técnica de relaxamento composta de toques sutis em nove pontos do corpo, com compressão de um a três minutos em cada ponto.

Luciana Denize Caetano (Ahamy)

Figura 6. Fonte: Acervo pessoal de Luciana Ahamy, sem data.

Na tarde de trinta de janeiro de 2021, Bruno de Moura Barbuda e eu fomos até a casa de Luciana Ahamy. Ela e seu marido nos receberam e compartilharam conosco suas histórias por quase duas horas.

Ahamy tem quarenta e cinco anos, é natural de São Paulo (SP) e pertence à comunidade indígena Guarany Mbyá, localizada em Bertioga (SP). Ahamy considera-se bruxa, feiticeira e benzedeira; além disso, esclareceu que esses termos, em sua comunidade, recebem um único nome: *tiramói*.

Seu cachorro, Sioux, acompanhou o encontro. A conversa aconteceu na área externa de sua casa, em volta de uma grande mesa. Ali, Ahamy falou sobre sua infância, suas lembranças da avó, dos pais e dos tempos de escola. Também relatou sua ancestralidade. Falou de lembranças que me fizeram recordar meu pai (ele era bisneto de indígenas de comunidades guaranis do Rio Grande do Sul), quando mencionou alguns costumes, os quais meu pai também comentava comigo. Em alguns momentos da conversa fui tomada de muita emoção.

Ahamy é casada, tem três filhos e três netos. Está na cidade de Campinas há três anos, acompanhando seu marido, que é chefe pizzaiolo. Ahamy desenvolve trabalhos de culinária e promove eventos beneficentes tanto no bairro onde mora quanto na sua comunidade em Bertiooga (SP).

Explicou, ainda, sobre seus ancestrais e seus nomes: *“Na verdade, aqui fora, nós temos dois nomes! Venho de uma cultura chamada Guarany Mbyá. É uma cultura um pouco mais antiga do Guarany... meus avós já vieram do Uruguai, Paraguai, e meu pai já nasceu no Rio Grande do Sul. Então, nós somos um povo que vem de cima, Uruguai, Paraguai, Argentina, Peru... então, nós temos, assim, um nome de registro – meu nome é Luciana – e dentro da nossa aldeia, da nossa cultura, meu nome é Ahamy, que me foi dado em ritual, pelo meu tio e quer dizer ‘dia feliz’”*.

Disse que sua aldeia, em Bertiooga, tem o nome de “Rio Silveira” e que lá há várias comunidades: Guarany Mbyás, Guarany e Tupi Guarany. Sua aldeia tem quase quinhentas pessoas, com cinco núcleos.

Ahamy contou que, ainda jovem, já sabia que era tiramói: *“Na minha adolescência, assim, eu já sabia do meu dom...”*.

Comentou que, em 1985, sua mãe, que não era indígena, ficou muito doente – decorrência de um câncer de pulmão. Então ela, Ahamy, com treze anos, precisou sair de sua comunidade e ir para São Paulo (SP). Entender a cidade foi um grande choque para ela. Disse que onde morava era mata, que passava por trilhas e que não existia nem a Estrada Rio-Santos na época, por volta de 1979.

Ahamy contou-nos uma lembrança, de sua avó e de seu pai pegando cachos de banana e palmito para levar até uma vendinha, conhecida como a “vendinga do engarrafado”. Lá, arroz e feijão eram colocados dentro de garrafas e trocados pela banana e pelo palmito. Outras vezes, a troca era por peixes, porque a vila próxima à venda era de pescadores.

Também se lembrou de sua mãe e disse que, apesar de não ser indígena, ela tinha muito conhecimento em relação à cultura da comunidade de Ahamy. Sua mãe sabia tecer e falar o idioma Guarany, sabia cozinhar as comidas tradicionais e conhecia os rituais. Ahamy, por

fim, lembrou que, por mais que estivesse longe de sua aldeia, sua mãe sempre continuou mostrando-lhe o que devia fazer e seguir.

Maria Isabel Alves Ramos

Figura 7. Fonte: Acervo pessoal, 2017.

Nasci em Campinas (SP) e tenho quarenta e seis anos. Moro num lugar com plantas, instrumentos musicais, livros e espaços para ervas, velas e incensos. Bruno de Moura Barbuda é meu companheiro afetivo.

Sou professora da área de Educação Física há dezessete anos e, aos poucos, entendi que cada aluno necessita da doação presente de seu professor. Atualmente, atuo como coordenadora pedagógica de uma escola da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo. Também sou contadora de histórias; entrei para o universo da contação em 1998 e nunca mais saí. Assumindo esses ofícios e entendendo meu modo de ser e de viver, escolhi não ter filhos.

O aceite consciente para participar das conversas foi recente, mas o convite já era antigo – acredito que desde que eu era pequena. A participação efetiva aconteceu quase nove meses depois do processo de qualificação desta tese, em que os docentes da banca de

qualificação questionaram o porquê de minha ausência enquanto participante. Metaforicamente, me senti nascendo de novo, ao entender e aceitar minha presença enquanto participante deste trabalho. Foi somente aí que esta tese seguiu rumo a seu desfecho.

Sempre penso em Dona Zefa: *“Lembro do que Dona Zefa me falava, que tudo tem a hora certa de acontecer. Há um bom tempo não acredito mais em coincidências...”*.

CONVERSA EM VOLTA DA FOGUEIRA

Quando a hora chegou – e ela sempre chega –, corri para a curva do rio.[...] Vovó já estava lá, sentada sobre uma pedra. Ao me ver, sorriu. Nada disse, apenas indicou um lugar para eu me sentar, e quando tentei perguntar algo, ela colocou o dedo sobre a boca e pediu para que eu mirasse para o outro lado do rio. Apenas isso.

Passados alguns minutos, virou-se para mim e disse:

– Meu neto está querendo saber sobre meus mistérios?

Fiquei assustado com a pergunta dela. Como ela sabia disso?

– Meu neto é curioso, e isso é bom! Os curiosos sempre encontram o que procuram, e hoje vou dar um pouco para você. Não será muito, mas o bastante para que meu neto consiga caminhar sozinho.

(Munduruku, 2015)

Me encontrava debruçada sobre a pia do banheiro, e meus dentes começaram a cair, um após o outro. Eu olhava para o espelho e me via sem eles.

Estava muito assustada, pelo espelho vi uma mulher anciã se aproximar atrás de mim. Ela colocou sua mão em meu ombro e disse para eu não me preocupar, pois uma dentição nova já estava chegando. Abaixei a cabeça e olhei para a pia.

Quando voltei a me olhar no espelho, novos dentes já estavam surgindo e aparecendo em minha boca.

Acordei rapidamente e voltei ao sonho. Mas era como se eu não estivesse mais num sonho. Estava deitada, de olhos fechados, mas percebia e sentia muita claridade ao meu redor.

Ouvi alguém me dizer: “É sua mãe, ela vai te benzer”.

Nessa hora, mesmo com os olhos fechados, vi uma mão feminina se aproximando, seu polegar estava untado de óleo. Com ele, a mão fez o movimento de cruz por três vezes em minha testa.

Eu estava curiosa. Em cada encontro e em cada conversa, queria perguntar, queria entender tantas coisas. Mas, acima de tudo, queria aprender a caminhar meu próprio caminho. Ser convidada para participar da presente pesquisa era um chamado de grande responsabilidade.

Durante o processo de criação desta tese, o que me atraía a atenção era o fato de que muitas vezes, durante as conversas, os entrevistados falavam, ao modo de cada um, exatamente o que eu havia lido nas referências teóricas. Era surpreendente e ao mesmo tempo encantador ver que, a cada entrevista, novas informações surgiam sobre seres selvagens há tanto

tempo presentes entre nós. O olhar próprio de cada um sobre seu ofício de bruxaria, feitiçaria ou benzedura trazia memórias e histórias únicas. Isso possibilitou que o diálogo entre as leituras acadêmicas e os conteúdos trazidos pelos participantes resultassem num material único, com grande bagagem de sentimentos, de lembranças e de narrativas, além de grande valor social, cultural e pedagógico que pode fazer parte tanto de um cabedal simbólico quanto de futuras pesquisas de cunho acadêmico.

Os autores mencionados na parte da introdução desta tese deram embasamento às minhas reflexões. Com a intenção de mediar a interação entre referenciais teóricos e histórias vivas e únicas, procurei possibilitar que ambos caminhassem de mãos dadas nesse mergulho sobre bruxaria, feitiçaria, benzimento – e, conseqüentemente, autoconhecimento. Aos poucos, o mergulho alcançou águas profundas.

Cada entrevista trazia muito conteúdo. Em todas elas, eu, de maneira inquieta e com o olhar atento e curioso, sempre perguntava. No entanto, depois das perguntas feitas, eu me aquietava e, em silêncio, ouvia. Aos poucos o coração acalmava.

De início, as falas das entrevistas foram dispostas e organizadas em forma de tópicos. Mais tarde, no entanto, compreendi que a maneira de apresentá-las precisava e merecia ser diferente. Foi então que lembrei da fala de Adilson Nascimento de Jesus, quando disse, pouco antes do processo de qualificação, para que eu me apropriasse da tese e desse voz a ela. E, assim, voltei para minhas memórias.

Recordo que, logo quando comecei a contar histórias, em 1998, me deparei com algumas maneiras de apresentar a contação. Havia a apresentação pela simples narrativa, a técnica do uso do livro, o dramacontação, a apresentação com uso de gravuras, a técnica de figura sobre cenário, o uso de fantoches, o teatro de sombras, a técnica do uso da dobradura, a apresentação com marionetes, o uso de bocões e bonecos de ventríloquos, as histórias cantadas e a apresentação com dedoches²³. De todas elas, a simples narrativa me encantou e cativou. Ela é a maneira mais simples e antiga de exposição, caracterizando aquele que conta causos: o contador apresenta-se em si, sem nenhum material auxiliar. Ao mesmo tempo em que apresenta a história, o contador também conversa com o público e faz suas interferências.

Lembro também que, na época da escrita da dissertação de mestrado, me deparei com a Pulsão de Ficção (Sperber, 2009). A Pulsão de Ficção é uma força que leva à efabulação,

²³ Maneiras de contar histórias estão presentes em minha dissertação de mestrado: RAMOS, M. I. A. *Contadora de histórias: elaboração de uma trajetória pessoal*. 2013. 169p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013, 169p.

não só na infância, mas também na vida adulta. É um impulso que, por meio de imaginação, simbolização e ressignificação, leva à organização do que é efabulado. Só é possível contar algo ao outro, a partir do momento em que, primeiramente, esse algo é internalizado e ressignificado para aquele que irá contá-lo.

Na época da escrita de minha dissertação, tanto a simples narrativa quanto a Pulsão de Ficção foram fundamentais para meu melhor entendimento sobre a contação de histórias e sobre o quanto as narrativas nos convidam para processos de simbolização e de transformação pessoal.

Voltando das memórias pessoais, foi possível pensar numa maneira de elaborar, nesta tese, a reunião entre referenciais teóricos e bruxos, feiticeiros, benzedores e benzedoras. Pensei em cada entrevista e recorri às suas transcrições, li as anotações feitas, relacionadas aos referenciais teóricos, e pensei em criar a história de um encontro fictício entre os participantes, intercalada com apontamentos e citações de autores. Dessa maneira, seria possível reunir todos num mesmo lugar e ao mesmo tempo.

O processo se deu da seguinte forma: foi criada uma história em que Zelinda, Igor, Carlos Fernando, Ahamy, Tânia, Francisca e eu nos encontrávamos e nos sentávamos em volta de uma fogueira para conversar. Houve a elaboração de um roteiro para o desenvolvimento da narrativa – baseado no roteiro para as entrevistas – e, conforme os assuntos ou os temas eram apresentados, os participantes interagem. Foram respeitadas e mantidas todas as falas originais de cada um deles²⁴ e apresentados esclarecimentos e citações de conteúdos dos referenciais teóricos abordados.

E, assim, ao mesmo tempo foi possível agrupar falas de entrevistados e abordagens de autores que promovessem reflexões e ressignificações pessoais. Tal foi a maneira encontrada de promover o encontro fictício que abarcasse toda a riqueza entre falas reais e conteúdos acadêmicos. A essa maneira de promover esse encontro entre falas reais e referenciais teóricos, denominei-a de *Metodologia de Simples Narrativa e Criação*. É a partir dela que apresento a história de conversas em volta de uma fogueira.

A simples narrativa, em sua simplicidade de apresentação, me permitiu criar uma história e fazer reflexões com o leitor, assim como o contador, que conta e interage com seus ouvintes. Os conteúdos relacionados à Pulsão de Ficção me auxiliaram na compreensão de que todo o conteúdo acessado precisaria fazer sentido, em primeiro lugar, para eu mesma, a fim de que, então, pudesse ser escrito em forma de história.

²⁴ Com a pesquisadora, encontram-se armazenadas, na íntegra, as entrevistas registradas em vídeo e áudio.

A escrita dessa história resultou em duas situações. A primeira foi a de possibilitar minha própria organização interna de tantos conhecimentos, para apresentá-los de maneira coerente e organizada para o(a) leitor(a). A segunda foi a de proporcionar momentos de grandes ressignificações e simbolizações internas, já que eu, enquanto a sétima convidada entre bruxos, feiticeiros, benzedoras e benzedores, fui aquela que perguntou, ouviu atentamente e foi aprendendo sobre si mesma. Na narrativa, são aparentes meus questionamentos; no entanto, minhas reflexões e considerações aparecem, adiante, no momento depois da história, depois de meu processo pessoal de escutar e de ressignificar.

Visando a um melhor entendimento para o(a) leitor(a), a narrativa e os diálogos estão em formato itálico, enquanto as definições e reflexões de autores são apresentadas em fonte comum.

AO PÉ DO FOGO

Ele, o fogo, acabara de ser aceso e havia muita lenha para ser queimada.

Perto, estavam o bule de café e a cesta de pão. Cada um foi chegando e se aconchegando ao seu modo e a seu tempo.

O lugar foi tomado por abraços e olhares carinhosos, por conversas e risadas. Estávamos juntos, sentados em círculo em volta da fogueira. A noite começava a cair e surgiam as primeiras estrelas no céu. Meu olhar era de agradecimento a todos, porque, afinal, há muito tempo eu esperava por aquele encontro.

Quando todos se acomodaram em volta da fogueira, ficamos em silêncio, olhando para o céu, para as árvores em volta e ouvindo os últimos barulhos dos pássaros que se preparavam para dormir. Era chegada a hora. Mesmo apreensiva, falei:

A bruxa

– Sempre tive dificuldade em definir quem é a bruxa, a benzedeira ou a feiticeira: muitas vezes as falas e as características se misturam entre uma e outra. Meus pequenos ouvintes também se mostravam confusos às vezes, nas apresentações das histórias. Quem era quem? Assim também é com a opinião geral das pessoas, principalmente quando se referem às bruxas e feiticeiras, porque parece que a benzedeira sempre é vista num lugar mais definido. Há elementos que caracterizam uma bruxa? A roupa e o chapéu pretos, o queixo e o nariz pontudos, uma aparência muito feia ou muito sedutora, o pacto com seres diabólicos, o uso de alguns materiais como o caldeirão e a vassoura e a companhia inseparável de um gato preto como animal familiar? É o que vemos com frequência em filmes, séries e desenhos, como a Rainha Má, do conto Branca de Neve e os sete anões; a Bruxa do Leste, no filme O mágico de Oz; Samantha, na série A feiticeira; Baba Yaga, na história Vasalisa, a sabida; Hermione, na saga Harry Potter, entre outros exemplos que conseguimos encontrar com facilidade.

Foi então que Tânia fez o seguinte comentário:

– Esse arquétipo [na verdade, imagem arquetípica] de bruxa, do chapéu, do nariz, da verruga, ele foi um arquétipo criado na Idade Média, onde precisava ter um aspecto assim, para a culpa, vamos colocar assim, de tudo o que eles não sabiam explicar. A gente sabe, isso é história, que muitos cientistas e pesquisadores foram acusados de heresia, foram acusados de bruxaria e eles estavam apenas estudando e aprimorando o conhecimento. Então, o

arquétipo da bruxa tem muito a ver com essa, infelizmente, época tão sombria das trevas, que a gente viveu em nossa história.

Arquétipo? – pensei.

Então lembrei que a palavra arquétipo é um conceito junguiano.

A palavra *arquétipo*, apresentada na fala de Tânia Gori, é um conceito junguiano, e sua origem vem das experiências realizadas dos estudos de sonhos e mitologia, em que imagens multifacetadas recolhidas de pacientes de Carl Gustav Jung (2000) apresentavam estruturas e padrões básicos, os quais ele os chamou de arquétipos.

Os arquétipos são estruturas inerentes à psique humana²⁵: irrepresentáveis, eles se mostram nas formas de manifestação de imagens arquetípicas. Os arquétipos, portanto, são fatores invisíveis que agem sobre o inconsciente humano. Eles não são representações, figuras ou símbolos herdados, mas sim possibilidades de manifestação e também de concretização. Por isso vemos, em diferentes culturas, épocas e lugares, registros muito parecidos de um mesmo conteúdo ou de uma mesma imagem. Assim se dá, não somente mas também, com a construção da imagem da bruxa. Neste sentido, Tânia Gori menciona a imagem arquetípica: em diferentes lugares e tempos, essa imagem e suas características foram construídas e, de algum modo, permanecem até os dias de hoje.

Depois da fala de Tânia, Ahamy fechou os olhos e trouxe uma lembrança:

– A minha avó era uma senhora que, por muitos anos, foi considerada uma bruxa, feiticeira dentro da aldeia. Quando eu falo assim, as pessoas acabam ligando com o mal, né? Na verdade, os nomes bruxa, feiticeira, são ligados assim, como se isso fosse realmente o mal, mas não é. Antigamente, eles usavam esses nomes, porque foram colocados esses nomes.

Para Russel e Alexander (2019), Oriente Próximo, Grécia e Roma derivaram suas bases de pensamento, associando bruxaria/feiticeira com demonologia. Daí surgiram, principalmente durante o catolicismo e o período de inquisições, muitas ideias que atribuíam características demoníacas e negativas às bruxas. Temos como exemplo Lilitu (mais conhecida como Lilith): a deusa-demônio da Mesopotâmia, que é uma figura mitológica judaica e que aparece em escritos bíblicos como a primeira mulher de Adão, tem suas características transferidas para a bruxa diabólica criada na Idade Média. Há outros exemplos da literatura

²⁵ A psique humana é definida enquanto a totalidade de nossos processos psíquicos conscientes e inconscientes.

clássica que favoreceram o surgimento da imagem da bruxa tenebrosa: Circe, Medeia, Dipsias, Oenoteia, Canídia e Sägana são personagens que foram usadas para a construção cristã da bruxa. Russel e Alexander (2019, p. 43) comentam que:

O pensamento greco-romano também iniciou a estreita vinculação de bruxaria com a demonologia, que se tornou a característica dominante da bruxa europeia. Acreditavam os gregos que todas as variedades de feiticeira faziam seus trabalhos depois de consultarem daimones. O grego *daimôn*, do qual deriva a nossa palavra “demônio”, foi usada por Homero quase como sinônimo de *theos*, “deus”. Depois de Homero, a palavra passou a significar um ser espiritual inferior a um deus. No tempo de Sócrates, um *daimôn* podia ser bom ou mau, e o próprio Sócrates declarava ter um *daimôn* que lhe segredava bons conselhos ao ouvido. Mas quando Xenócrates, o discípulo de Platão, dividiu o mundo espiritual entre deuses e demônios, transferiu as qualidades sombrias dos deuses para os demônios, que daí em diante foram considerados entidades malignas. Portanto, a consulta a demônios praticada pelas feiticeiras ficou estreitamente ligada aos poderes das trevas.

Ahamy continuou:

– *Se eu quero fazer o mal, eu vou fazer! Não interessa se eu sou considerada uma bruxa ou não. Se você me pede algo que eu queira, que tenha que ser feito o mal ou o bem, isso vai de mim fazer! É do ser humano, ser o mal ou o bem. Então, assim, não é dos bruxos. Na nossa aldeia são homens e mulheres que praticam, na verdade, o bem. Lidam com as ervas, fazem a cura através de rituais, feito tanto do nosso petinguá, que é o nosso cachimbo sagrado... as mulheres, elas fazem os rituais de cura!*

A tradução da bíblia hebraica para o grego, latim e línguas modernas, como vimos no Primeiro Capítulo, contribuiu para a construção da bruxa diabólica. Um exemplo, citado anteriormente, foi a tradução intencionalmente distorcida da palavra *kashaph*, que aparece no livro de Êxodo. No período de 1161, por ordem do Rei Jaime I, *kashaph* foi traduzida para *bruxa*, de modo que as execuções apresentavam sanções bíblicas para isso. Algo parecido aconteceu com o termo *maleficus*, também citado anteriormente. Por ordem do mesmo rei, a personagem a quem Salomão consultava, originalmente tida como *mulher possuidora de espírito oracular*, passou a ser denominada *bruxa*. Assim, tais alterações bíblicas foram realizadas para se ajustarem aos conteúdos da demonologia cristã e para justificarem o massacre de pessoas rotuladas como praticantes de bruxaria, que, na verdade, eram homens e mulheres que manipulavam ervas, realizavam partos, entendiam os ciclos da natureza e aceitavam-se como eram.

Podemos entender que a bruxaria é a sobrevivência do antigo paganismo, o qual foi suprimido pelos cristãos. Há uma herança arquetípica e estrutural que influencia essa

construção da bruxa, combinada, sem dúvida, ao intercâmbio entre sociedades e à difusão cultural de diferentes épocas e lugares.

Por fim, Ahamy disse:

– As pessoas têm que entender: as pessoas colocam... infelizmente, elas tentam achar alguém para ser o culpado pelos seus próprios atos! Então, era isso que acontecia em relação às bruxas, aos feiticeiros... sempre foi assim! As pessoas não entendiam algo, e era muito mais fácil eliminar aquilo e colocar a culpa em alguém. Tudo que acontecia, preferiam jogar nas bruxas e nas feiticeiras, falando que foram elas que fizeram... ah, se chovesse granizo, pronto! Foi a feiticeira, foi a bruxa que fez! Porque era muito mais fácil do que falar “não gente, é o clima”, né?

Russel e Alexander (2019) comentam que a bruxaria, difundida em muitas sociedades, apresenta utilidades; caso contrário, já não existiria mais. Em tempos antigos, a bruxaria ajudava a explicar fenômenos aterrorizantes da natureza e a justificar doenças e pestes. Os autores expõem, justamente, o que Ahamy expressou em sua fala:

Uma vez que essa pessoa é identificada como bode expiatório, a sociedade pode projetar sobre ela todo tipo de maldade que reprimiu em si mesma. Assim como as pessoas são passíveis de cometer (e de fato cometem) o erro de projeção negativa – atribuindo aos outros os sentimentos de hostilidade que têm dentro de si mesmas –, também as sociedades podem demonizar os oponentes. A maior parte dos rancores e genocídios étnicos, políticos ou religiosos deriva da demonização de oponentes. A projeção negativa é reforçada pela culpa, porque o bode expiatório precisa ser o culpado; caso contrário, a culpa de transformar alguém em bode expiatório deverá ser muito maior, quase insuportável para quem a projetou. Em tempos de deslocamento e dissolução de valores, a feitiçaria e a bruxaria também podem funcionar como catalisadoras de um foco e um nome concreto para inquietações difusas (Russel; Alexander, 2019, p. 22).

Zelinda ouvia e olhava para o céu, quando falou:

– A bruxa, a gente diz que é aquela que tem um... um trabalho um pouquinho... um pouquinho mais intelectual. Existem três tipos de bruxas, segundo a tradição italiana, a stregheria, que são elas: as tarránicas, as fanárricas e as janárricas. Janárricas são aquelas que lidam com os processos da água, com os mistérios da água! As fanárricas são aquelas que lidam com os mistérios da terra e as tarránicas, que é a que me considero, lidam com os mistérios das estrelas.

Zelinda continuou:

– *Fui para Salém... no fundo, quando você começa a estudar e ver a história daquelas mulheres, que tem toda aquela encrenca, aquela queimação toda, é interessante porque... elas eram donas de casa! Tanto é, que o que se tem? Você tem um caldeirão, você tem a colher, você tem a vassoura... você tem essas coisas por quê? Porque era o que elas conheciam! Então, eram donas de casa que sabiam, às vezes, lidar com as outras pessoas, ajudavam também nessa parte de alimentação, dos remédios... elas faziam partos, faziam um monte de coisas!*

Nesse momento, parou de olhar para o céu e, fixamente, voltou-se para mim:

– *E é óbvio, filhota, tem médico bom, médico ruim... tem padre bom, padre ruim... claro que tinha os dois lados, porque sempre tem! E quando você tem algum poder na mão, meu amor, é complicado... é sempre complicado. Por quê? Porque as pessoas não te poupam muito, né?*

Zelinda concluiu:

– *E tem que ter sempre uma boa e uma ruim, né? Tem que ter a fada e tem que ter a bruxa, não tem? Porque sempre tem que ter uma polaridade! Sem polaridade não existe nada! Nós todas temos as duas aqui dentro! A Eva e a Lilith.*

Para Russel e Alexander (2019), a bruxaria é uma forma de paganismo e sua expressão pode mudar de sociedade para sociedade, dependendo da função dada à bruxa. Essa função também pode mudar com o tempo.

Depois, Zelinda respirou fundo e continuou:

– *Teve uma época que era bem pesado! Eu acho que a coisa ficou um pouquinho mais leve. Agora tá cheio de criança querendo ser bruxinha, se fantasiando de bruxinha com essa história do Halloween. Então, tudo isso amenizou a ideia... a bruxa está sendo vista de uma maneira diferente. A grande maioria é bruxa má! Mas, se você perceber, tá tendo um pouquinho de inversão da história, você vê o pessoal encantado com outro tipo de coisa. Pegue, por exemplo, o Harry Potter. Antigamente, as pessoas não entendiam... muitas coisas que os bruxos faziam, hoje em dia se entende o porquê. Antes não se sabia. E de onde veio esse ensinamento? Da observação, não sei te dizer, mas veio de algum lugar. O hypericum, já ouviu falar em hypericum? Paracelso já o usava para espantar os maus espíritos. Pois é! O Paracelso usava! Alguma coisa fazia no corpo e a tradução dele é que espantava os maus espíritos. Então ele já usava, mas não sabia o porquê. E hoje em dia se sabe! Então, isso que está mudando, a*

ciência está ajudando a provar coisas que antigamente eram só “espirituais” ou fantasmagóricas.

Zelinda deixou claro que, apesar das mudanças aparentes, a necessidade de categorização entre bem e mal é um costume humano e que algumas religiões tiveram grande influência sobre o ofício da bruxaria, ao demonizá-la:

– Foi uma interferência muito negativa e, desde então, ela [a bruxa] é demonizada. Ela é demonizada na bíblia, ela é demonizada na história... é criado pela mídia aquele estereótipo de bruxa e de bruxo como um ser maligno, que faz feitiço para causar o mal, lançar maldições, matar pessoas, sequestrar crianças e aquela coisa toda!

Zelinda definiu a bruxaria como um ofício, um trabalho e um conjunto de crenças tradicionais, do ponto de vista étnico e não de tradição.

Igor ouviu e, antes de tecermos uma definição sobre a bruxa, disse que era necessário entendermos o que era magia. Para ele, magia significa trabalhar com as energias da natureza, do cosmos. Disse que ela se manifesta por meio da vontade e da intenção consciente. Concluindo, disse que a magia é a manipulação consciente da energia, de maneira intencional:

– A vontade direciona e transforma, molda a vontade, juntamente com o desejo. Isso é praticar magia!

Em seguida, Igor falou sobre a figura da bruxa. Entende que bruxaria, feitiçaria e benzimento não são a mesma coisa, mas estão interligados. Para ele, a bruxa se volta para as práticas relacionadas à natureza e para os trabalhos com seres espirituais de toda espécie. Diz que a bruxa já nasce assim, com o dom e a predisposição do que é. Ressalta que algumas pessoas confundem os magos com os bruxos: explica que os primeiros são aqueles que praticam a chamada alta magia ou magia cerimonial (extraída de grimórios, com informações detalhadas para determinados rituais). Para ele, os magos são aqueles que desenvolvem magia com seres como anjos, arcanjos e tutores. Com seu cachimbo na mão, continuou:

– Muitas pessoas vão ficar ofendíssimas quando você se refere a elas dentro desses termos. Porque, na concepção de muitos, isso é muito negativo. E todas as pessoas que carregam esse título, elas carregam, também, todo esse peso negativo, elas são responsabilizadas por toda essa negatividade. Algumas pessoas vão usar isso positivamente e outras vão usar isso negativamente. Algumas pessoas vão fazer toda uma militância: “ai, não... eu sou bruxa, mas sou uma bruxa do bem!”. Outras pessoas usam as associações para benefícios próprios, se vestem de preto para tentar passar mais medo, criam uma imagem e usam isso para que as pessoas tenham mais medo delas.

A associação negativa atribuída às bruxas aparece nas reflexões de Araújo (2007). A autora menciona a figura da bruxa, registrada pelo folclorista Antônio Augusto Fagundes, como uma mulher comum, que pode ser moça e bonita, que faz o mal e que gosta disso.

Olhei para Francisca e perguntei o que ela achava. Sua fala foi sobre a imagem negativa da bruxa:

– Porque bruxa é aquela pessoa que fala assim... “me dá um dinheiro aí, eu cobro tanto” (para fazer algum trabalho espiritual). Ou vai lá, pega uma carta, um baralho, e fala algo pra você e quer contar toda sua vida pra você, e não é nada daquilo... é a mesma coisa da cigana. A cigana chega perto de você, igual a muitas que chegam perto de mim, e não é nada do que falam.

Carlos Fernando observava e amassava algumas ervas para colocar em seu cachimbo. Logo se manifestou:

– Por bruxaria, vejo uma coisa mais assim, mais europeia, como se fosse algo mais do lado de lá. Então já imagino aqueles cenários frios, galhos secos, que é totalmente diferente daqui do Brasil. Então me fixou bastante essa imagem europeia mesmo, quando se fala em bruxaria. Então, até por isso que não me identifico tanto com essa palavra.

Russel e Alexander (2019) dizem que crenças às bruxas variam em intensidade e função. Quando padrões sociais também variam, alguns aspectos de bruxaria europeia se misturam com outras informações, muito por conta do colonialismo. Araújo (2007) comenta que tradições da bruxaria europeia, trazidas por colonizadores portugueses para o Brasil, por exemplo, foram e são modificadas e misturadas com cultos e rituais africanos e indígenas, nos quais se tornaram enriquecidas em conteúdos e práticas. O acervo de medicina popular europeia também acabou por se misturar com procedimentos e rituais de ervas específicos de outros povos. Assim, o entendimento de bruxaria permeia práticas católicas, indígenas e afro-brasileiras, como também a cultura e a medicina popular brasileira.

Enquanto falavam, pensei que, apesar de existirem mudanças com relação à imagem da bruxa e aos seus significados, ela ainda continuava tendo conotação negativa e causava medo. Houve um momento em que perguntei para mim mesma: “Será que as bruxas ainda trazem consigo toda essa bagagem negativa porque são diferentes do que entendemos dentro de uma normalidade?”. No fundo, eu sabia que chegaria o momento de encontrar minhas próprias respostas.

A feiticeira

O céu já estava cheio de estrelas e a Lua Cheia começava a surgir. Bolinha, a cachorrinha de Francisca, chegava para se aninhar em seu colo. Todos percebiam nitidamente minhas inquietações e sorriam com os olhos. Eu me sentia como uma criança que queria fazer todas as perguntas para entender o mundo. E comentei:

– Assim como a bruxa, a feiticeira também traz certa confusão para a maioria das pessoas. Em muitas contações de histórias, percebi ouvintes tentando identificar se a personagem apresentada a eles se encaixava como uma feiticeira má – e então a associavam à bruxa – ou uma feiticeira boa.

Silva (2012, p. 11) comenta que “a feiticeira está presa na sua condição ambígua, precisada e execrada por sociedades que a procuram e rejeitam; que pagam por seus serviços e a entregam a autoridades para purgarem seus pecados na fogueira”.

É difícil determinar o que é bruxaria e feitiçaria, visto que ambas apresentam semelhanças. Russel e Alexander (2019) esclarecem que alguns antropólogos não fazem distinção entre bruxaria e feitiçaria, ao passo que outros as diferenciam: enquanto à bruxaria é atribuída a qualidade invisível e inerente de manipulação de energias, a feitiçaria volta-se ao uso de utensílios, de materiais e de ervas para seu ofício. Os autores ressaltam que grande parte dos historiadores associam a bruxa ao espaço europeu, enquanto a feiticeira associa-se mais ao âmbito mundial.

Os autores ainda trazem três informações interessantes. A primeira delas é a de que, em um manuscrito do século IX, a palavra *wicca*, ultimamente muito associada à bruxaria, aparecia originalmente com o sinônimo de *feiticeiro*, o que remete, mais uma vez, ao fato de a bruxaria e a feitiçaria apresentarem semelhanças. A segunda informação é a de que bruxos se dizem diferentes de feiticeiros porque acreditam em deuses/deusas e na natureza, enquanto as feiticeiras apenas praticam o que chamam de *baixa magia* – isto é, uma ação física a fim de produzir outra ação física, alcançando resultados práticos. A terceira informação diz que:

A feitiçaria ocorre em quase todas as sociedades do mundo. É também o mais antigo e o mais profundo elemento no conceito histórico da bruxaria europeia, a qual se formou a partir da religião pagã, do folclore, da heresia cristã e da teologia (Russel; Alexander, 2019, p. 25).

Tânia me olhou atentamente e disse:

– A feitiçaria, ela é uma prática de realização de feitiços, de poções. Ela se utiliza de velas, se utiliza dos cristais... mas ela não necessariamente, ela está visando uma qualidade de vida ou uma harmonia com os quatro elementos. Ela visa à feitiçaria, o ato de fazer algo. Toda bruxa é uma feiticeira, mas nem toda feiticeira é uma bruxa.

– Então o feiticeiro seria aquele que manipula a magia de maneira mais direta e objetiva, utilizando-se de objetos? – perguntei.

Igor complementou o que Tânia havia acabado de falar. Ele percebia o que eu queria e precisava compreender:

– A feitiçaria, ela é toda a prática, todo o conjunto de práticas, inserido dentro da bruxaria e dentro do benzimento. Porque existem benzedeadas que também fazem feitiços... existem benzedeadas que são feiticeiras, assim como existem bruxos e feiticeiros que sabem fazer benzimentos, sendo que cada um tem seu espaço, sua própria prática. Se você chegar para a maioria das benzedeadas, que fazem as populares simpatias²⁶, e se você chamar as simpatias de feitiços, elas vão se sentir ofendidas, porque elas não vão intitular como feitiçaria. Mas é a velha e pura feitiçaria, que é a prática inserida dentro desses costumes tradicionais e culturais. Então, a feitiçaria, ela está inserida dentro da magia, está inserida dentro da bruxaria e está inserida dentro do trabalho do benzimento.

Igor confirmava que a feitiçaria era o trabalho prático dentro da magia ou da bruxaria. Da mesma maneira que Tânia, também entendia que todo o bruxo é um feiticeiro, mas que nem todo o feiticeiro é um bruxo.

Carlos Fernando às vezes parecia estar em lugares distantes, pensando. Um de seus gatos apareceu e foi se ajeitando ao seu lado. Então ele me olhou e disse:

– Por feitiçaria, entendo uma coisa mais geral, não tem um limite da prática, um limite da atuação. Ela é mais aberta, abraça tudo sem fazer distinções. [...] O ser humano é quem dá a função, quem dá o uso e determina o uso do conhecimento mágico. E, então, eu acho que as pessoas, elas têm esse imaginário de que é uma coisa negativa, do mal e etc., por conta da educação cristã!

Carlos Fernando continuou:

– E aí, na feitiçaria, a gente aceita a existência de outros deuses, deusas, entidades, espíritos das matas e dos rios. Tem uma adoração a outros deuses, o que é proibido pelo

²⁶ A simpatia pode ser entendida, segundo Gomes e Pereira (2004), como um recurso material, qualquer que seja escolhido, de maneira geral, para evitar o mal e alcançar o bem, com a intenção de mudar o caminho dos acontecimentos. São procedimentos que visam a um objetivo.

cristianismo. Eu acredito também que, aqui no caso do Brasil, especificamente, existe a questão do racismo religioso. Quando uma pessoa diz que é feitiçeira, as outras pessoas já a vinculam à macumba, e aí elas imaginam que a pessoa trabalha com exus²⁷, que faz coisas em cemitérios e encruzilhadas, já a associam àquela matança de animais na beira da estrada. Na feitiçaria, a pessoa vai recorrer a outras fontes de energia, de poder. Podem ser ervas, cristais, qualquer material que a natureza forneça, que contenha essa energia que vem direto da terra, que é uma coisa mais natural e que tem vida própria. Então ela vai usar de saberes ancestrais, ela vai fazer combinações com esses materiais para poder ter um produto final. É quase que cozinhar! Você vai pegando vários ingredientes ali, que você entende para que servem, quais os sabores que eles vão ter, para você ter um prato ali, enfim. E a feitiçaria para mim seria isso. Seria esse trabalho mais manual mesmo, de trabalhar com ervas, fumo, banhos etc.

Outro aspecto importante, voltado à feitiçaria é sua manifestação encontrada em diferentes lugares e épocas, é que ela não carrega a imagem histórica, como acontece com a bruxa europeia. Russel e Alexander (2019, p. 59) mostram isso:

A feitiçaria da Idade do Bronze na Europa setentrional era semelhante à feitiçaria do mundo inteiro: um cemitério revelou uma mulher da Idade do Bronze, possivelmente uma feitiçeira, sepultada com uma pata de lince, com os ossos de uma doninha, vértebras de serpentes, dentes de cavalo, um galho de sorveira brava, uma lâmina quebrada de faca e dois pedaços de pirita: segundo parece, acreditava-se que tudo isso possuía qualidades mágicas. A quase total falta de fontes impede qualquer investigação do curso percorrido pela feitiçaria desde a Idade do Bronze até a época da conversão, e as vastas mudanças e diferenças culturais anulam a possibilidade de qualquer tradição coerente. Entretanto, a feitiçaria popular do período cristão primitivo do norte ainda é, como a Idade do Bronze, feitiçaria comum.

O entendimento sobre feitiçaria e feitiçeiro começava a ficar mais claro para mim. Ambos estavam relacionados a um trabalho prático, direto e intencional, com objetivo de um resultado específico.

A benzedeira

A cada fala, borbulhavam mil questionamentos em minha cabeça, mas eu sabia que aquele era o momento de perguntar menos e ouvir mais. Entendia que era tempo de

²⁷ Exus são entidades da Umbanda e do Candomblé que atuam como mediadores entre o mundo físico e o mundo espiritual. Erroneamente, no senso comum, acabam sendo associados à figura do diabo.

aprendizagem. Todos ali sabiam disso, mas queriam me ouvir para que seus ensinamentos fossem ao encontro do caminho que eu estava começando a trilhar.

Comecei a lembrar de minha infância e dos encontros com as benzedeadas.

Comentei:

– Diferentemente da bruxa e da feiticeira, a benzedeadada tem lugar e posição mais definidos, não é? Quando pequena, sabia que, se minha avó paterna me chamasse para ir até a benzedeadada, algo bom aconteceria. Para mim, a benzedeadada era a senhorinha que sacudia as ervas com água, que as segurava na mão e que as passava pelo meu corpo, cochichando coisas enquanto eu recebia o que ela falava. Durante o processo de criação da tese, em perguntas informais, todas as pessoas com as quais conversei tiveram a mesma opinião definida: a benzedeadada é aquela que cura e livra o benzido de situações ruins, sejam elas externas ou próprias daquele que a procura.

Para Azevedo e Azevedo (2014, p. 40), a benzeção²⁸ é um mesclado de rezas e orações realizadas pela benzedeadada com o propósito de aliviar males e curar doenças presentes no cotidiano das pessoas. A identificação de doença ou mal acontece por meio do dom que a benzedeadada recebeu; é por meio dele que a benzedeadada dá início ao seu ofício: “O dom as ajuda a distinguir, juntamente com determinados sintomas que apresentam seus clientes, quando é um caso de quebranto ou ataque de bruxaria”.

Ahamy, então, disse que a benzedeadada era uma figura mais recente do que a bruxa e a feiticeira.

Azevedo e Azevedo (2014) também compartilham dessa ideia de Ahamy, quando mencionam que, devido às tradições portuguesas trazidas por colonizadores, as crenças em bruxaria foram modificadas. Da mistura com conteúdos africanos e indígenas, surgiram os curandeiros e as benzedeadadas.

Ela falou que a mistura de crenças, rezas e orações deram origem às benzedeadadas brasileiras:

– São pessoas que conviveram com indígenas, essas pessoas tiveram os conhecimentos das feiticeiras das aldeias. São pessoas que conviveram! Você pode pegar uma

²⁸ Assim chamado o ato de benzer. Há também os que o denominam de *benzedura*.

benzedeira, qualquer benzedor, e perguntar de onde veio esse conhecimento dele? Esse dom, ele recebeu desde que ele nasceu, só que ele só soube através de algum indígena. O povo do interior, sertão mesmo, é um povo que sempre teve ligação com os indígenas. Por quê? Os indígenas viajam muito a pé! E o povo antigo, o povo dos sertões, sempre foi muito acolhedor. Sei disso devido a meu pai falar dessa viagem que ele fez a pé. Os indígenas, quando paravam na casa de alguém para pedir pouso... que antigamente se falava pouso, né... “posso dormir na sua casa?”... eles pediam pouso e alimento e, de alguma forma, precisavam agradecer. Eles ensinavam as pessoas do sertão a fazerem cestos, fazerem peneiras. Então, assim, quando eles não tinham nada a oferecer, passavam essa necessidade de troca. “Você me deu pouso, eu não tenho nada a oferecer, mas então vou te dar meu conhecimento”, e então eles ensinavam. Realmente, é assim a maioria dos benzedores, das benzedeiras.

Quintana (1999) apresenta seu olhar sobre a aprendizagem da benzedeira e do benzedor. Em suas pesquisas, o autor observou que há dois caminhos para o início do ofício: ou resulta de uma experiência sobrenatural e inexplicável, ou acontece pelo convívio e pela aprendizagem por meio de um mestre. Muitas vezes, esta aprendizagem tem início como uma brincadeira imitativa da criança que observa e imita o mais velho em seu ofício de benzedor.

Igor fumava seu cachimbo. A fumaça fazia contornos no ar. Eu as olhava e me recordava de quando era pequena, quando olhava as nuvens e via figuras se formando nelas. Olhava e me lembrava de minha avó, com seu cachimbo e suas histórias de encontros com sacis.

Ele parou de fumar seu cachimbo, ficou olhando a fumaça se misturar no céu e falou de suas lembranças de infância. Disse que, por meio de uma tradição ou linhagem de benzedores na família, uma pessoa também se tornava benzedeira:

– O benzimento, eu tenho um contato maior com ele através da minha parte religiosa, do meu caminho religioso que é a umbanda. Eu comecei a ter contato com o benzimento através da minha avó. A minha avó benzia, minhas tias-avós, elas benziam... elas estão vivas, porém elas não exercem mais o benzimento hoje em dia.

Igor continuou:

– Para mim, o benzimento, ele é primeiramente um dom, a gente não pode deixar de descartar, assim, a habilidade que a pessoa tem para isso, que ela já nasce com isso. Não é uma coisa que se aprende assim, em curso, não é uma coisa que se aprende com certificados, não basta uma pessoa te ensinar e falar assim “agora você é benzedeira”. Isso não existe. A

pessoa tem que, literalmente, te passar, sendo ela de laço de sangue ou não, ela passa para você essa habilidade, ela desperta em você esse dom.

E concluiu:

– Porque eu conheço a minha tia-avó, ela foi uma benzedeira muito boa, e ela não aprendeu isso com benzedeira de sangue, alguém da família dela. Ela aprendeu com uma benzedeira que simplesmente viu na minha tia-avó que ela seria a responsável por dar continuidade ao ofício. E por isso ela passou para a minha tia-avó essa habilidade, quando ela ainda era muito jovem.

Assim que Igor terminou, Ahamy comentou que benzedores trabalham com a própria energia, a ponto de ficarem cansados ao final de um benzimento. Disse que precisam de um banho ou que fazem seu próprio ritual para se recomporem, tomando um chá, fazendo uma reza e descansando.

Tânia acrescentou:

– A linha do benzimento é uma linha onde você encontra rezas, onde você encontra o passar a energia para outras pessoas. A benzedeira, não necessariamente, não é uma bruxa e nem feiticeira, pode ser apenas uma benzedeira. O benzimento tem uma origem muito dentro da Espanha, de Portugal. Dentro da África também temos vários benzimentos. Temos vários benzimentos, onde tem uma forte influência católica, que geralmente está seguindo rezas. O benzimento é uma magia que a gente chama de magia verbal. Eu me utilizo da energia através do verbo.

Eu ouvia e me lembrava das benzedadeiras que haviam me benzido. Ao mesmo tempo em que ouvia, pensava no benzimento como um ato de providenciar ou de garantir a condição de normalidade humana, por meio de palavras e gestos específicos.

Amadou Hampâté Bâ (2015) comenta que há ligação entre o homem e a palavra e que, nas sociedades orais, essa ligação é mais forte, pois as pessoas estão ligadas às palavras que proferem, estão comprometidas entre si. Portanto, nessas sociedades, um laço sagrado e profundo une o ser humano à palavra. Comenta ainda que, através da fala, o espiritual e o material não estão dissociados. A fala e a oralidade permitem colocar, ao alcance das pessoas, a retomada à unidade primordial.

Para Quintana (1999), a fala é importante para entender o processo de benzedura, já que falar é uma das principais ações do comportamento humano, além de fazer parte da construção do pensamento. O autor comenta que a fala se assemelha a uma fórmula mágica, pois, por meio dela, se pode ajudar ou trazer desesperanças. No entanto, salienta que não é o

simples ato de falar que constitui o benzimento, mas sim o ato de falar dentro de um contexto apropriado, com suas regras, crenças, valores e costumes.

Carlos Fernando respirou fundo e disse:

– Vejo o benzimento como um ato de limpar e de curar. Entendo que o benzimento está dentro de todas as práticas religiosas e mágicas. Entendo como aquele ato de você compartilhar aquela energia positiva que você tem, independentemente de religião. Eu sei que aqui no Brasil o mais conhecido no imaginário popular são aquelas senhoras e senhores que pegam o terço católico e fazem uma reza católica. Mas eu vejo para além disso. Vejo que o benzimento está dentro da bruxaria, está dentro do vodu, em várias práticas que eu tive contato e todas elas se resumiam ao ato de compartilhar uma energia positiva. Então, você pega um pouco daquilo que você pratica na sua vida, com sua fé, com seus trabalhos, sejam eles com ervas, com terço, colar ou outras ferramentas, e você vai partilhar um pouco daquilo que você carrega, daquilo que você acredita. Você vai compartilhar com aquele que está precisando. Até no terreiro a gente vê bastante esse ato de benzimento, seja num terreiro de umbanda, de candomblé ou de catimbó. Eu vi que todos eles fazem esse trabalho de benzimento, de formas diferentes. Mas todos eles falam que é benzimento! Às vezes falam “passe”, mas eu vejo o passe como uma forma de benzimento também.

Tânia falou que estava pensando sobre a presença do catolicismo na benzedura:

– A benzedeira caiu no gosto comum porque ela usa de rezas católicas. Então a benzedura não foi perseguida pela igreja! Não houve perseguição histórica acerca da benzedura. Tanto que a benzedura, a gente chama assim por causa de São Bento. São Bento trouxe a reza. Então, foi um santo que trouxe as benzeduras para as pessoas de bom coração. Quando você benze uma outra pessoa, você não pode ter maldades, segundo o que São Bento fala. Então, criou-se esse arquétipo da pessoa boa.

Eu olhava atentamente para Tânia, quando Carlos Fernando voltou a dizer:

– Eu não tenho, hoje em dia, nada contra a igreja, mas de novo, eu vou pegar a igreja para explicar. Acho que é por conta de discursos que se fazem dentro das igrejas como: “Ah, sua vida não anda por causa de um trabalho de bruxaria” ou “Ah, sua vida tá assim por causa que fulano fez um feitiço para você!” [...]. As crianças escutam, nem sabem o que é feitiço, mas entendem que é uma coisa ruim, e aí ela cresce e reproduz aquilo! Historicamente, a igreja perseguiu tudo que era contrário às crenças dela. Demonizou muitas práticas que não tinham nada de demoníaco, e as pessoas estão reproduzindo isso. Então, a meu ver, é por isso que feiticeiro e bruxo têm essa conotação negativa. Mas dentro da igreja você não ouve

ninguém falando mal de benzimento. Pelo menos na minha caminhada lá dentro, nunca vi ninguém falar mal de benzedor, de benzeadeira, nem nada. É até engraçado, curioso, que a benzeadeira, no imaginário popular, ela vai usar rezas católicas e vai usar o terço, que são símbolos da igreja.

Carlos Fernando continuou:

– Também já fui em benzeadeiras que usavam a reza católica e o terço. Então, quando você fala da benzeadeira, as pessoas imaginam um catolicismo por trás delas. Mas aí eu digo que é um engano, porque assim... as benzeadeiras que conheci, elas eram chamadas de benzeadeiras e todas elas faziam feitiços gerais: para arrumar emprego, para afastar pessoas indesejáveis, para amansar o marido que estava violento dentro de casa, todo tipo de trabalho! E aí, uma das coisas que uma das minhas tias me ensinou, numa experiência muito marcante que tive...

E narrou a experiência:

– Teve uma vez que, quando a minha mãe estava grávida de um dos meus irmãos mais novos, encontraram uma bucha de “Bombril”, com várias agulhas enfiadas dentro, e estava enrolado nos lençóis de cama de minha mãe, e ela achou na hora em que foi dormir. Aí, uma dessas tias-avós veio, pegou e saiu correndo e foi lá para o fundo do quintal, fazer uns negócios. Depois eu perguntei pra ela por que ela não gostava de falar desse assunto. Anos depois, perguntei: “Como a senhora sabia desfazer?”, porque eu imagino que só pedir para Deus não resolve, né... ela falou assim: “Para saber desfazer, você tem que saber fazer!”. Então, eu aprendi com ela também que a pessoa que sabe benzer, ela também sabe amaldiçoar. Para colocar uma maldição, você tem que saber retirar, que aí seria a bênção, né? E para saber colocar uma bênção, você tem que saber retirar, também.

Carlos Fernando concluiu:

– Então, um é o inverso do outro! Conheci pessoas que trabalhavam com a feitiçaria, tanto para coisas boas quanto para coisas ruins, e me ensinaram isso, que a pessoa que sabe benzer, ela também sabe amaldiçoar.

Eu ouvia tudo e lembrava de quando Francisca havia benzido Bruno (que me acompanhou e auxiliou nas entrevistas), com palavras e gestos específicos, tidos como sagrados.

A noite: o sagrado e a magia

– *Quando nascemos, a nossa conexão com a natureza, com a mata, com a Mãe Terra, é muito forte. Por isso que eu digo, tudo que você mata na natureza, você mata a si mesmo, porque, quando o homem nasce, ele se conecta com isso! [...] A gente tem que entender que tudo que a gente vive é dentro do sagrado! E não vai mudar, não vai! As pessoas só têm que entender um pouco mais, porque tudo o que a gente vive, só o Grande Espírito permite. Então, é muito importante! [...] Você percebe como o sagrado trabalha no seu dia a dia? Como o sagrado trabalha, nos minutos que passam de sua vida, para tudo? Tudo o que você ouve, tudo o que você fala, o que conforta alguém, é o sagrado trabalhando através de você.*

Enquanto Ahamy falava, eu pensava em como a presença do que é sagrado desafia os campos tanto da ciência quanto da tecnologia, já que ambas buscam entender, de maneira racional, o humano e o mundo.

Já era noite alta. A Lua despontava no alto do céu. Os animais que nos acompanhavam já começavam a procurar um lugarzinho quente e coberto para dormir. Nós estávamos ali, em volta do fogo. Pensei no que Ahamy disse e perguntei:

– *Invenções e descobertas tecnológicas nos colocam num ambiente de constante mudança, fazem com que não haja tanto tempo para refletir sobre nós e o que fazemos de nós. Mas o que é o sagrado? E qual seu lugar na contemporaneidade?*

A palavra *sagrado* tem origem no verbo *sacer*, que, em latim, significa aquilo que não pode ser tocado, que é santo e que, conseqüentemente, é tornado respeitável, inviolável e poderoso.

Enquanto alguns estudiosos, como Émile Durkheim e Gilberto Safra, procuraram entender o sagrado pelo viés social ou psicológico, Mircea Eliade buscou o entendimento do sagrado de maneira mais integrada. O sagrado, para o estudioso, seria tudo aquilo que, primeiramente, opõe-se ao cotidiano, ou também chamado *profano*. Nesse sentido, o sagrado estaria numa ordem diferente da ordem natural das coisas e adquiriria significados próprios, que não podem ou não conseguem ser explicados (Eliade, 1992). Seria também uma maneira de compreender o homem no mundo e seu lugar no *cosmos*. Marchi (2005, p. 44), referindo-se ao entendimento de Mircea Eliade, apresenta:

Portanto, o que se pode constatar é que o sagrado se constitui na expressão da relação constitutiva da consciência humana com o mundo que a envolve. O que está em causa na noção do sagrado é o próprio enraizamento da consciência no interior de um mundo

que a transcende. Sagrado como a “experiência da realidade” que se oferece à consciência quando o homem se descobre como ser no mundo.

No contexto de Mircea Eliade, o sagrado não está associado à crença em um deus, em deuses ou espíritos, mas à maneira de ser e de existir no mundo e à consciência humana sobre isso. O sagrado, portanto, apresenta-se e constitui-se na relação da percepção humana com o mundo e torna-se presente em instrumentos, seres e espaços específicos, materializando-se também na apresentação de concepções religiosas.

Campbell (2008) traz uma visão mais integrada do sagrado, pois mostra que a busca do ser humano pelo sentido da vida faz com que o mesmo passe por transformações em suas subjetividades. Segundo o autor, a religiosidade, de alguma forma, costuma fazer parte dessa busca, porque se baseia em forças superiores que se expressam em ritos, mitos e sistemas simbólicos. Por meio da religiosidade, o homem consegue realizar e desenvolver suas experiências sagradas. Campbell deixa claro, ainda, que o sagrado está no cotidiano das pessoas, independentemente de religiões ou religiosidade. De acordo com Marchi (2005, p. 47), o sagrado é um “estágio intrínseco à estrutura da subjetividade humana”.

Vale lembrar que, segundo os dois últimos autores mencionados, há diferença entre religião e religiosidade. Enquanto a religião é um complexo de atitudes e/ou atos em que o homem se liga ou se prende ao divino, manifestando sua dependência a seres invisíveis entendidos como sobrenaturais, a religiosidade, por sua vez, é vista alheia ao debate, a igrejas ou a instituições religiosas, sendo um comportamento intransmissível e pessoal.

Fizemos uma pausa. Francisca foi pegar um pouco de café, enquanto Carlos Fernando colocava ervas para queimar em seu cachimbo. Alguns ficaram ali na roda se aquecendo, enquanto outros levantaram e admiraram o céu. Era estranho perceber, mas parecia que todos, de alguma maneira, entendiam que era preciso uma pausa, um tempo para que eu pensasse sobre tudo o que estava acontecendo. E realmente era isso. Eu estava ali, sentada, olhando para o infinito e pensando em tantas coisas. Às vezes, me surgiam alguns flashes de conversas que tive com Igor e Carlos Fernando, de quando falavam sobre magia, mitos e ritos. As falas iam ao encontro dos livros que eu tinha lido.

Campbell (1989) diz que o sagrado está estritamente vinculado ao mito e aos ritos. O sagrado permite as transformações da subjetividade, ao passo que o mito mostra o caminho de voltar-se para dentro e de olhar para essa subjetividade, captando as mensagens internas e as imagens arquetípicas. O mito nos permite entender tudo aquilo que é abstrato: ele dá forma, em

linguagem simbólica, daquilo que nos é apresentado de forma caótica. Por isso, temos até hoje nossos heróis, cujos mitos nos conduzem ao caminho do sagrado e da subjetividade. Os ritos, segundo Campbell (1989), são maneiras com as quais se fazem elos entre o mito e o sagrado.

Em meus pensamentos, era como se um grande quebra-cabeça começasse a tomar forma: suas pecinhas, que estavam tão distantes, começavam a se encaixar. Bruxas, benzedeiras, feiticeiras, histórias, mitos, lendas, memórias pessoais... tudo começava a se encaixar! Era claro perceber que a racionalidade não dava conta de explicar o sagrado. Lembrei um trecho que li, de um dos autores visitados.

Marchi (2005, p. 50) relata que:

A racionalidade conceitual impõe significados que nem sempre respeitam a lógica que significa e ressignifica realidades, diálogos entre o humano e o transcendente, o material e o espiritual, o homem e seu além, seja ele santo, divino ou demoníaco. Essa crença e essas diferentes formas de manifestar a religiosidade independem de hierarquias institucionais, da clericalização dos hábitos, das compreensões exteriores da teologia, da filosofia e da sociologia. Não necessitam de avalistas coletivos, de interpretações institucionalizadas e aceitações grupais. Elas subsistem porque são a expressão da vivência do sagrado que independe de confirmações teórico-conceituais.

O sagrado pode ser entendido, de maneira simples e resumida, como “aquilo que não se enquadra nos códigos disponíveis com os quais interpretamos a realidade” (Quintana, 1999, p. 32). Ele não está disponível ao nosso controle, mas, mesmo assim, nós procuramos entendê-lo, cada pessoa a seu modo. Procuramos fechar nossas lacunas internas por meio de ritos e mitos, conectando-nos a esse conteúdo extraordinário, a fim de fazer nossas ressignificações, as quais pertencem a uma outra realidade, no caso, a realidade interna.

Enquanto pensava, lembrei-me de momentos em que algumas histórias me acalentaram ou me mostraram novos e diferentes caminhos diante de minhas angústias. Lembrei como me preparava para iniciar uma contação de histórias: chegava bem mais cedo ao local, meditava, colocava o violão no espaço da contação e, depois, vestia minha saia longa de contar histórias e imaginava se aproximarem de mim os tantos contadores que já passaram por este mundo, com suas tantas histórias, para ganharem vida. Isso me fazia pensar na relação do sagrado com mitos e ritos.

Todos, de algum modo, entenderam que era hora de voltar para a roda e dar continuidade à conversa. Ouvi que, ao voltarem, havia uma conversa sobre a ligação entre magia e sagrado. Tânia disse que a magia estava estritamente ligada ao sagrado:

– A magia é a nossa vida. É tudo o que está ao nosso redor. É o seu olhar para as coisas boas que você tem. É o olhar de agradecimento. Magia é a energia capaz de transformar toda a sua vida!

Igor a olhou e continuou:

– A magia é a força oculta que originou todas as coisas, é a magia que dá forma para as coisas, é o que dá movimento, é o que dá vida. Eu gosto de falar que a própria vida é magia. A nossa existência é magia! Ela é aquilo que permeia todas as coisas e que é moldável através da nossa vontade, através do nosso pensamento.

Zelinda sorriu e deu continuidade:

– A magia é um ato de vontade! Você pega as coisas naturais e as transforma. A magia é energia, ela se transforma: assim como um padeiro faz o pão, ele pega os ingredientes e os transforma em outra coisa que precisa ou quer.

Eu percebia e entendia que, ao exporem sobre sagrado e magia, todos eles voltavam-se para um conteúdo sutil, para algo que não é tangível nem explicável de maneira racional. Eles viviam o sagrado e a magia o tempo todo, cada um ao seu modo, sabendo o quanto ambos eram importantes e necessários em suas vidas. Havia o consenso de que, mesmo em seus espaços específicos para suas atividades sutis, a vida de cada um com o sagrado era integrada, a vida e o sagrado caminhavam juntas. Em meio a tantas correrias e tecnologias permeando o mundo no dia a dia, eles estavam em conexão com forças que vão além do que a realidade palpável pode enxergar.

A Lua: o sagrado feminino

Houve um momento em que todos nós paramos para olhar a Lua Cheia, que estava bem no meio do céu. Saímos da roda, mas ficamos próximos, conversando. Ali, olhando para a noite que estava iluminada, comecei a lembrar-me de minhas idas às benzedeadas, quando criança, com minha avó Eufrosina. Mas eu não tinha lembranças de algum benzedor.

Gomes e Pereira (2004, p. 11-12) fazem a seguinte observação:

A presença da mulher é marcante no mundo da religiosidade popular e é ela, numa maioria quase absoluta, quem conhece o segredo das palavras e dos gestos capazes de exorcizarem o mal. Em algumas fórmulas de benzer estudadas na Península Ibérica ocorria frequentemente a presença da frase, inicial ou final: “Eu sou a mulher, a benzedeira” – o que denota a vitalidade do elemento feminino registrada nas palavras santas.

Pensando alto, disse que a Lua geralmente estava associada às mulheres e à bruxaria. Ahamy comentou que percebia a presença maior de mulheres e de homens homossexuais no ambiente de feitiçaria, bruxaria e benzimento. Disse que a mulher tem o que ela chama de “sexto sentido” e, por isso, tem os dons mais aflorados. Falou que, em sua tribo, os homens homossexuais são tidos como seres sagrados porque têm dois espíritos no mesmo corpo, são os chamados two spirities. Falou que, por isso, os homens homossexuais tinham mais sensibilidade e desenvolviam ofícios vinculados a essas práticas.

Tânia fez um comentário muito parecido, falou que as mulheres têm o chamado “sexto sentido”, o qual ela entende como intuição mais desenvolvida e presente de forma natural. Comentou que o feminino está mais voltado para o conteúdo emocional e que, em sua universidade de bruxaria, em São Paulo, a presença masculina estava crescendo, mas a participação feminina era maior.

Zelinda concordou com a presença maior de mulheres e lembrou que, muitas vezes, o homem transveste-se de xamã, o que para ela é a mesma coisa que bruxo. Disse que as mulheres desenvolvem bastante o amor, o carinho e o aconchego, características que estão muito relacionadas à bruxa, à feiticeira e à benzedeira. Por isso, ela acreditava que havia mais mulheres desenvolvendo tais ofícios do que homens.

Igor olhava para a Lua e soltava fumaça de seu cachimbo. Depois de um tempo, comentou que o fato de haver mais mulheres do que homens nesse meio não é achismo, visto que, desde épocas remotas, a figura feminina é menosprezada, o que fez com que as mulheres comesçassem a praticar a bruxaria, a feitiçaria e o benzimento, a fim de mostrarem que também eram capazes de ocupar espaços de poder. Para ele, isso fez com que as mulheres ficassem intimamente associadas ao contexto espiritual. Assim foi criado o estereótipo da bruxa. Enfatizou que a questão do arquétipo da figura sagrada feminina, muitas vezes, está associada à feiticeira, à bruxa e à benzedeira, sendo estas as que aconselham e orientam. Concordou que a maioria dos homens envolvidos nesses ofícios são homossexuais e estão, geralmente, dentro da religião da umbanda ou do candomblé.

Carlos Fernando disse que aquele momento o levava para sua infância e relatou que, desde o tempo em que frequentava a igreja católica, também percebia uma presença

feminina muito maior. Concordou que, no meio da bruxaria, do benzimento e da feitiçaria, os homens estão em menor quantidade, sendo frequentemente homossexuais, e que as práticas sagradas necessitam que cada um se permita desenvolver sensibilidade pessoal.

Voltando para a roda, Carlos Fernando me falou que, de maneira geral, os homens, todos eles, independentemente de sua sexualidade, apresentam um bloqueio muito forte com relação ao ato de sentir, sendo ensinados, desde muito cedo, a não chorar, a não abraçar nem beijar outro homem. Ainda para cumprimentar, o ato de tocar alguém do mesmo sexo é mal visto até hoje:

– Desde muito cedo, os homens são pressionados a não demonstrarem vergonha, a serem viris, porém dentro de um espaço de contato com o sagrado é preciso estar aberto para o sutil, porque o sagrado é sutil. Quando um homem mostra sua sensibilidade, quase que, automaticamente, sua sexualidade é questionada, porque, segundo o senso comum, ser sensível é “coisa de mulher”. Então, por tais motivos, acredito que o ato de vivenciar a espiritualidade é mais difícil para os homens.

Quintana (1999), Gomes e Pereira (2004) observam que há poucos relatos de presenças masculinas no meio da bruxaria, da feitiçaria e do benzimento. De fato, a maioria de agentes de benzimento é feminina. Russel e Alexander (2019) mencionam alguns feiticeiros e bruxos homens, como o alto sacerdote *wiccano*, Don Frew; o bruxo inglês Raymond Buckland; o “pai” da bruxaria moderna, Gerald Gardner; o bruxo Alex Sanders e o tão conhecido e temido bruxo Aleister Crowley. No entanto, se comparados com a infinidade de nomes femininos de bruxas e de feiticeiras encontrados nas mais diversas literaturas e no ambiente midiático, as expressões masculinas estão em menor número.

Fiquei pensando no que ouvira e lembrei que havia sido benzida por um benzedor quando já era adulta; no entanto, as pessoas não o chamavam de benzedor. Diziam que ele fazia benzimentos.

Depois dessa conversa sob a Lua, voltamos para a roda em volta da fogueira.

Eu percebia que cada vez perguntava menos. Entendi que as conversas haviam começado com temas mais palpáveis, mais concretos, como a imagem da bruxa, com falas sobre benzedoras e feiticeiras. Mas, aos poucos, os temas e as falas tornavam-se mais profundos e aconteciam sem tanta necessidade de perguntas. Era, realmente, momento de escuta e aprendizagem.

Convite da madrugada: o despertar do dom

Já era madrugada e ainda estávamos ali. Cada um mostrava acolhimento e alegria, me ensinando e me aquecendo com suas palavras. Era como se o tempo e o espaço ganhassem uma outra maneira de ser: as horas eram diferentes, o lugar era diferente. Me sentia como se tivesse sido tomada pela mão e transportada para uma condição diversa. Era como se eu revisitasse aquela caverna de meus sonhos de infância, com todos lá. Ninguém se preocupava com o orvalho da madrugada ou com o passar do tempo. A fogueira acolhia, esquentava e nos unia.

Comecei a pensar sobre o que chamamos de dom e a me perguntar o que ele é e como ele despertava em cada um.

O despertar do dom, para Quintana (1999), geralmente está relacionado a duas situações. A primeira se trata de uma aprendizagem por meio de um mestre, o qual vai despertando e desenvolvendo essa faculdade em seu aprendiz. A segunda se dá por meio de uma experiência sobrenatural, assim como foi comentado sobre o ato de benzer.

Para Gomes e Pereira (2004), aqueles que despertam seus dons são detentores de capacidades para manipular as forças do sagrado. Não existe uma cerimônia de iniciação: a aceitação dessa condição faz com que a pessoa iniciada comece a exercer e a entender seus dons.

Estava tão envolvida em tudo o que estava acontecendo, que mal percebi quando, novamente, meus pensamentos se expressaram em voz alta:

– O que é o dom?

Para Eliade (1992), o dom pode ser entendido como a capacidade que o ser humano tem de entrar em contato com o sagrado e de manifestá-lo, de alguma maneira, às outras pessoas. É a aptidão de perceber e de interagir com a realidade e com energias diferentes do que é comum e racionalmente explicável pelo humano. Em suma, o dom é a maneira como o sagrado se manifesta em quem aceitou a condição de mediador entre o homem e o sobrenatural.

Muito terna, Ahamy me olhou e disse:

– *As bruxas, antigamente, eram mulheres por esse conhecimento do sexto sentido, desse dom. Você pode não ter um dom da mediunidade, mas eu duvido que, se em algum momento alguém muito ligado a você não estiver bem, você não vai sentir! Você é capaz de falar “Nossa, eu tive um pressentimento!” . Esse pressentimento vem do nosso sexto sentido.*

Francisca, que até então ouvia e observava, abriu um grande sorriso e nos contou uma história:

– *Teve uma senhora aqui, disse que cansava de tomar remédio. Aí, quando o pessoal pegou e falou para ela vir aqui, que eu benzia e cozia, ela veio e disse que nunca mais tomou remédio para dor...*

E falou sobre como o dom foi despertado em seu primo e nela também:

– *Uma senhora que morava aqui, que até era chamada de Tia Ervina, passou pra ele, Tião Rosa, e dele pra mim também. Ela foi parteira da minha mãe, na época em que minha mãe ganhou os gêmeos. Aí ela falou assim, que um dia ela ia partir e que tinha que passar isso pra alguém... e se alguém se interessava. E aí, eu já tinha vontade, então ela pegou e passou. Eu já estava com vinte e cinco anos.*

Francisca continuou:

– *Ah, eu sentia que queria ajudar as pessoas. Eu sempre gosto de ajudar as pessoas, e aí, foi daí que ela passou. Aí eu falei “Nossa, isso é uma bênção, eu quero aprender tudo o que a senhora aprendeu”. Ela escreveu um papel pra mim e deixou pra mim. Só que aí sumiu dos meus documentos. Essa benzeção que ela fazia [a benzeção feita em Bruno] foi mais fácil, que eu consegui guardar.*

Francisca contou que, mesmo com Tia Ervina transmitindo o ofício de benzer, sempre sentiu que tinha algo diferente em si mesma que a fazia querer ajudar as pessoas. Falou que, para benzer ou desenvolver qualquer prática nesse sentido, era necessário que a pessoa tivesse o dom para isso e que esse dom vinha de Deus.

Em sua tese de doutorado, Araújo (2007) relata que, segundo as benzedeadas que pesquisou, o dom seria uma espécie de força celeste que as ajuda a identificar sintomas e a atuar na cura de seus clientes. Esse mesmo dom iniciaria uma benzedeadas em seu ofício.

Francisca continuou, lembrando:

– *O povo foi procurando, eu fui fazendo e foi dando certo. De primeiro eu falava pra vir em casa, uma vez eu falei “vou tentar de longe e quem sabe vai ser a mesma coisa”, e foi valendo, e eu continuei. Hoje, o pessoal me liga e eu, de longe mesmo, benzo.*

Zelinda ouvia sua conhecida da cidade de São Thomé das Letras e, em seguida, disse:

– Os dons! É que tem gente que já vem com eles meio preparados e prontos, outros têm que estudar pra ser. Já meio pronto, já sabe lidar, por alguma razão. Da mesma maneira que eu tenho olho castanho, você tem olho castanho, meu filho tem olho azul, o outro tem olho preto... já nasce com alguma coisa, o DNA já vem pronto! [...] Todos nós podemos desenvolver os dons da mente. Todos nós podemos desenvolver os dons do espírito. E todos nós podemos controlar nossas emoções, para lidar com todos esses dons.

Eu ouvia e me lembrava de conversas com outras pessoas. Em minha memória, surgiam momentos em que eu perguntava aleatoriamente às pessoas sobre o que elas entendiam por dom, antes mesmo do processo de iniciação desta tese, e elas me diziam que era algo estritamente ligado a conteúdos de origem católica. No entanto, ali, naquela roda, eu entendia que o dom era algo sem ligação alguma com religião. Tinha a ver com sensibilidade e aceitação pessoal.

Ahamy comentou que o encontro ganhava mais profundidade e que era hora de contar histórias:

– Convivi com a minha avó durante uns treze anos. Ela vivia na aldeia e era cega. Mas enxergava muito bem com a alma! Era incrível ela saber onde estava e o que deveria fazer. Ela sabia quando a gente estava doente. A gente morava numa casa e ela morava numa casa lá no pé do morro, ela fazia parte da nossa comunidade mas não queria morar com a gente. Ela fazia o foguinho dela, porque, para a gente, o fogo é muito sagrado! E ficava assim durante horas. Lembro que ela levantava às cinco da manhã e que o foguinho já estava aceso, e ela lá, sentada num toquinho, fumando petinguá²⁹. Passava horas ali. E eu ficava rodeando ela, porque eu queria que ela falasse, que ela conversasse comigo. Mas ela ficava quieta. Quando ela conseguia se cansar, ela falava assim: “Filha, eu só consigo me conectar e ouvir a voz do vento e sentir o que a terra vai me dizer, se eu ficar quieta... é só dessa forma que eu consigo me conectar”. Aí eu comecei a entender. Na adolescência eu já sabia o meu dom.

Ahamy continuou a narrar:

– Então, fui trazendo esse conhecimento. E minha mãe também era muito espiritualista. Perdi minha avó, mas a minha mãe estava ali! Com sete ou oito anos, eu via as pessoas que já tinham morrido e achava que eram pessoas como se eu estivesse falando com

²⁹ O *petyngúá* é um cachimbo confeccionado por artesãos guaranis. Pode ser feito de diversos tipos de argila, madeira de nó de pinho, aguai ou cedro. Geralmente, é usado ao redor do fogo, nos rituais em que os mais velhos transmitem conhecimentos para a comunidade.

você, e aí comecei a entender que não era, e começou a me dar um pouco de medo. Pedi pra não ver mais, mas não conseguia controlar aquilo. Então resolvi trabalhar isso. Foi quando voltei a ter contato com o pajé da aldeia, que era o meu tio, e ele me ensinou muito do que a gente deveria fazer, dos rituais trabalhados.

Eu ouvia, atenta. Estavam me ensinando através de suas histórias. Estavam me mostrando caminhos.

Em seguida, Igor contou:

– A minha relação com a bruxaria, ela começou muito cedo, ainda na minha adolescência. A magia, a bruxaria e a feitiçaria, que é a parte prática da bruxaria, fazem parte do conjunto do meu ofício, do meu trabalho espiritual. Sempre tive contato, desde criança, lá pelos meus sete anos, assim. Tenho a memória de frequentar terreiros de umbanda com a minha avó. Tive uma fase católica em minha vida, onde fui obrigado a fazer catequese, frequentar missa, fazer a primeira comunhão, isso tudo no período da minha adolescência. Depois retomei a umbanda, porque considero que ela sempre fez parte do meu caminho e da minha vida espiritual. Fui dar início ao meu caminho espiritual na umbanda com dezoito anos, mas já tinha dado início aos meus estudos e práticas dentro da bruxaria também, que começou com onze, doze anos.

Igor narrou sua história:

– Meu pai sempre foi ateu e minha mãe tinha as práticas espirituais dela, mais veladas, mas sempre no sentido da religião católica. No início de meu ofício, meus pais encaravam isso de forma positiva. Lembro de ter ganho livros de magia e bruxaria e joias. Eles começaram a encarar negativamente no momento em que assumi minha sexualidade. Eles associaram essa mudança drástica e ligaram minha sexualidade à minha espiritualidade, diretamente. Hoje entendo que foi uma forma que eles encontraram de lidar com aquilo que eles consideraram um choque de ver o filho deles assumindo que é gay.

Igor continuou:

– Me mudei para Campinas e se desenrolou um grande aprofundamento na minha vida espiritual, e isso eu já estava com vinte e quatro anos. Por questões espirituais, minha mãe também voltou para a umbanda e para as práticas espirituais dela, e isso fez com que ela mudasse a visão do que estava acontecendo: aí eles entenderam que aquilo não era uma fase minha. Então sempre foi assim, desde criança, eu lembro de pegar livros de feitiços de minha avó e ler escondido, e aquilo me atraía muito, me chamava muito. Inclusive minha mãe também, ela aprendeu a benzer com minha avó. Então, foi através dessas ancestrais que tive o contato

com o benzimento. E hoje em dia aquilo que é intitulado benzimento mais na prática, está inserido mais nos meus costumes religiosos.

Igor concluiu:

– Tudo que eu faço é assim, vinte e quatro horas por dia, porque, até quando eu estou trabalhando profissionalmente, que é o que me dá o sustento financeiro, até mesmo nessas horas, não deixa de estar ligado à bruxaria. Até mesmo nas coisas que eu uso, seja meu cabelo, sejam meus turbantes, minhas roupas, meus colares que não são enfeites. Nada do que eu uso é enfeite. Tudo tem um propósito e é devidamente consagrado.

Era fascinante perceber como cada um lidava com o sagrado, com o seu dom e, ao mesmo tempo, como havia tantas semelhanças entre suas descobertas e as maneiras como desenvolviam seus dons.

Então, foi o momento de Tânia contar sua história:

– Sou bisneta de ciganos, a minha bisavó veio da Romênia e, com o meu bisavô espanhol, vieram para o Brasil. Aqui tiveram a minha avó, que teve minha mãe, que me teve. E eu ficava muito com a minha avó. A minha avó acabou me ensinando muito sobre as coisas de magia, cristais, ervas e tarot, e fui me apaixonando por isso. Ela nunca usou o nome bruxa, mas depois comecei a estudar outras linhas de bruxaria, comecei a pesquisar e vi que tudo o que minha avó explicava e me ensinou tinha a ver com magia. Então foi daí que começou.

Tânia continuou:

– Aos nove anos eu já lia tarot, já sabia trabalhar com as ervas, já tinha a parte de quiromancia e fui adaptando esse mundo mágico a esse mundo maluco que a gente vive. E quando me formei e fui trabalhar em contabilidade e fui na linha do magistério, vi que aquilo não me completava e decidi largar a linha acadêmica e me dedicar ao que me trazia muita alegria, que é a bruxaria, e passar essa magia para outras pessoas. Meus pais sempre acharam minha avó meio doida e esse lado meio estranho. E eles não aceitavam muito essa questão de eu querer ir para esse lado, de ensinar as pessoas e fazer na prática a bruxaria em casa, de acender vela... meu pai e minha mãe nunca gostaram muito disso. Mas com os anos, eles perceberam que eu estava me tornando uma pessoa melhor, que isso estava fazendo bem para mim e chegou uma hora em que eles foram obrigados a aceitar.

Meus olhos brilhavam, e Zelinda percebeu. Ela sorriu:

– Minha bruxaria, se eu posso me chamar de bruxa, é muito mais mental: tarránicas, que é a que me considero, que lidam com os mistérios das estrelas. Por isso que nosso espaço em São Thomé das Letras chama Cidade das Estrelas. Nasci de pais simples e fui para Campinas, morei lá quando era pequena. Minha mãe sempre foi espírita e meu pai sempre

foi ateu. Minha mãe e eu, a gente sempre ia escondida nas sessões espíritas, a gente ia escondida porque meu pai não gostava.

Zelinda continuou:

– Depois de um tempo, por um acontecimento pessoal entre meu pai e meu avô, o primeiro se encantou pela Eubiose e passei a frequentar a casa de um dos fundadores, Dona Helena e Professor José Henrique de Souza. Lá comecei a aprender uma porção de coisas, fora que, com minha mãe, eu já aprendia o lado espírita. Comecei a estudar tudo isso e a procurar outras coisas também. Estudei sobre Rosa Cruz, Cientologia e fui em tudo que é canto que você possa imaginar. Porque não acredito que toda a verdade esteja num lugar só! Numa dessas, um dia eu disse assim: “Vou fazer uma coisa chamada O Despertar da Bruxa”, porque toda mulher tem uma bruxa interna: a bruxa que eu digo é aquela que faz essa ligação do céu e da terra, e sempre estudei isso, a minha vida inteira. Aí começou o caminho.

Zelinda, então, narrou seu percurso como bruxa:

– O meu caminho, como bruxa mesmo, comecei a fazer em São Thomé das Letras, sobre o Despertar da Bruxa, e fui aprendendo e desenvolvendo toda essa parte sobre o treinamento mental. Porque a gente tem uma caixa maravilhosa, mas não tem o manual de instrução! Meu marido e eu, nós dois sempre gostamos muito dessas coisas e fomos criando cursos e treinamentos, e nessa, a bruxa entrou: a bruxa é basicamente aquela que ama a terra. Na Eubiose, a cidade de São Thomé das Letras é a quinta cidade sagrada. Não sou mais da Eubiose, mas eu amo. Na época, precisava conhecer a cidade, e quando cheguei a primeira coisa que eu disse foi: “Nossa, parece que estou voltando pra casa”. Então comecei a andar pela cidade e tive muitas experiências estranhas, isso foi em 1992.

Zelinda relatou algumas experiências na cidade mística. Contou de quando o fogo tomou conta do morro onde está sediado o espaço onde ela realiza atividades sobre o Despertar da Bruxa; porém, em contato e pedido a seres da natureza, o fogo não atingiu o lugar. Falou também do dia em que estava com mais doze amigos e resolveram subir no alto de um morro, no ponto turístico conhecido como Pirâmide: quando chegaram no alto, uma luz muito forte veio do céu e foi refletida sobre eles: um dos amigos ficou com a metade do corpo bronzeada e a outra metade não. Deixou claro que todos estavam lúcidos, sem uso de bebidas ou alucinógenos (pois não gostavam disso), e que as experiências foram reais.

Ouvíamos, atentos. Cada um se doava em sua fala.

Por fim, Carlos Fernando comentou sobre dons e sobre sua trajetória com o sagrado:

– Comecei na igreja católica e passei por várias [igrejas], assembleia de deus, universal. Fui passando por várias, mas sempre evangélicas, onde fiquei até os quinze anos de idade. Nessa idade, começou a bater mais forte a questão da sexualidade, porque sou homossexual e isso não combina com igreja evangélica. Então foi o primeiro choque. Mas, além disso, eu já tinha outro conflito: sempre fui uma pessoa questionadora, sempre perguntei demais e, de todas as perguntas que eu tinha, eu nunca obtinha respostas. Era sempre “só acredite, só acredite”. Desde criança, eu queria entender as coisas! Então, juntou esses dois pontos, a questão da sexualidade com a espiritualidade, e aí não dava mais para continuar no ambiente dentro da igreja. Eu sentia uma conexão com alguma coisa além, com uma força que me escutava. Então, saí da igreja e fiquei alguns anos nesses conflitos entre acreditar e desacreditar e não sabia o que fazer da vida. E fiquei nesse vazio por um tempo.

Carlos Fernando continuou:

– Aí comecei a me interessar por ocultismo e entrei num grupo, aqui em Campinas, que desenvolvia práticas gerais de magia e então comecei a aprender. Dentro desse grupo conheci a pessoa que me levou para o terreiro de umbanda e, desde então, venho me firmando cada vez mais na umbanda e na prática da feitiçaria. Foi um processo fácil, não teve muita perturbação, porque o mais religioso de casa sempre fui eu. Minha mãe, apesar de se dizer evangélica, não ia muito [na igreja] e meu pai sempre foi distante, a vida toda. Minha mãe sempre foi a autoridade de casa e, assim, nunca tive dificuldade de conversar sobre essas coisas com ela. Quando tive a certeza de que queria esse caminho e que ia me firmar ali, falei com minha mãe e ela falou comigo, disse para eu tomar cuidado e alertou que as pessoas não gostam dessas coisas. Meu pai ficou sabendo por ela, mas foi muito tranquilo.

Carlos Fernando, por fim, concluiu:

– Acabei aprendendo muita coisa com minhas avós e tias, ao longo da vida. Elas não deixavam tão explícito do que se tratava, mas falavam assim: “Olha, coloque essa folha atrás da orelha”, “Não pode botar a mão nisso”, “Quando você passa por tal lugar, você tem que pedir licença”. Então eu perguntava: “Tem que pedir licença pra quem?”, e elas só respondiam: “Só peça licença, menino!”. Era desse jeito. E foram me ensinando várias coisas de uso de ervas, principalmente, desde o uso medicinal até o uso para proteção, cura... esse sentido mais energético. Assim, fui aprendendo, elas ensinaram várias coisinhas ao longo do meu crescimento, só que nunca deixaram explícito do que se tratava.

A cada palavra, a cada história, eu notava que os referenciais teóricos visitados nem sempre davam conta de acompanhar a conversa. As narrativas pessoais, as histórias vividas, as trajetórias, os olhares únicos e as falas singulares eram tão inéditos e continham

tamanha força que ultrapassavam os escritos acadêmicos. Nesses momentos em que vidas tomavam tamanha grandeza e potência, o convite era apenas o de estar ali, ouvindo e aprendendo.

Raiar do dia: afetos e cuidados

Logo os primeiros raios do Sol surgiriam no alto do morro. Parecia que havíamos acabado de nos encontrar. A conversa fluía.

Ahamy havia voltado para a roda, depois de ficar um tempo olhando para o céu. Estava com um chocalho e com uma machadinha em suas mãos, ambos confeccionados por sua comunidade. Contemplando aqueles dois artefatos, comentou:

– A gente sempre tem que entender que o dom não é status. O dom que nós temos é responsabilidade! Nós recebemos esse dom, mas é para ajudar, nós viemos com o dom para ajudar. A caridade é importante e nós temos aquilo para levar um pouco de apoio às pessoas.

Ahamy continuou:

– Às vezes, só a forma de você acolher uma pessoa, dentro do seu sagrado, de você dar uma palavra, a pessoa sai tão fortalecida que não precisa mais de nada! A gente tem muito o que dar!

A fala dela me fazia lembrar de tantas e tantas pessoas me perguntando se eu conhecia alguma benzedeira, bruxa ou feiticeira, principalmente no início da pesquisa de doutorado. Eram pessoas de crenças díspares, de situações econômicas e sociais variadas, de lugares distantes uns dos outros. Também havia pessoas do meio acadêmico. Algumas vinham e me perguntavam diretamente, já outras surgiam envergonhadas e tímidas. Todas, no entanto, demonstravam desejo de encontrar uma possibilidade de mudança, de controlar as adversidades do destino.

Quintana (1999) comenta que a busca por sujeitos de ofício com o sagrado nos permite reconhecer um pouco mais sobre nosso passado, uma vez que esses sujeitos modificam nosso presente e nos lançam um olhar diferente sobre nosso futuro.

Ali, com Ahamy, Francisca, Tânia, Igor, Zelinda e Carlos Fernando, sentia o quanto aprendia com eles e o quanto cada um me fazia lembrar, refletir e ressignificar conteúdos de meu passado. Era nítido notar o quanto a presença e as narrativas deles me

tocavam profunda e sensivelmente. Recordei sonhos significativos que anotava, desde 2010, em um caderno reservado somente para isso.

Cada um me fazia remeter ao meu tempo interno: eu começava a resgatar meu sagrado pessoal, abriam-se portas e janelas para mudanças pessoais. Eles haviam me afetado profundamente.

Para Wallon³⁰ (2007), *afeto* é tudo o que envolve uma reação para o sujeito, deslocando-o em direção a algo e interferindo na construção de seu conhecimento. O termo *afeto* relaciona-se à capacidade de cada um ser afetado, seja negativa ou positivamente, tanto por sensações externas quanto internas. Em seus estudos, Wallon (1966 *apud* Bezerra, 2006) relatou que havia algo em seus pacientes que lhe chamava atenção; no caso, a relação entre a situação vivida por eles e o quanto ela interferia em seus comportamentos e em suas atitudes. Assim, ele desenvolveu um estudo que resultou em sua teoria sobre o afeto. Nela, Wallon defende que o afeto está presente em toda a vida humana, em maior ou menor grau, e que se expressa de três maneiras, respectivamente: pela emoção, pelo sentimento e pela paixão.

Ahamy continuava:

– Na minha aldeia, todos os dias, às seis da tarde, a gente começa um ritual de agradecimento. A gente não vive o outro dia, a gente vive o hoje. Eu não sei o que vou fazer amanhã, não sei o que o Grande Espírito reservou. Então, a gente faz esse ritual de agradecimento. Infelizmente, o ser humano reclama muito e agradece muito pouco. Tudo o que acontece na roda da vida está dentro do sagrado. Até a pandemia está dentro do nosso sagrado! Ela veio para mostrar que o dinheiro que a gente tem não vale nada, pois ele não vai te alimentar, ele não vai te curar! O nosso sagrado é muito além disso.

Durante a fala de Ahamy, eu pensava sobre o quanto o sagrado pessoal tem sido esquecido. Bruxos e bruxas, feiticeiros e feiticeiras, benzedoras e benzedores tornam-se os mediadores para aqueles que, de alguma maneira, buscam ressignificações pessoais. Eles nos ensinam a ver o mundo além do cotidiano, facilitam-nos aprendizados importantes que foram esquecidos, dão-nos segurança diante dos enfrentamentos de desafios, mostram-nos maneiras de nos relacionarmos com o outro e conosco de modo mais amplo. Eles estavam me mostrando tudo isso.

³⁰ Henry Wallon (1869-1972) foi médico psiquiatra com formação também nas áreas da Psicologia e Filosofia. Ao atender soldados da Segunda Guerra Mundial e crianças com distúrbios neuromotores, realizou investigações sobre emoções e lesões psicológicas.

E Ahamy continuava:

– É para praticar o bem, para conseguir a cura! Porque através disso a gente consegue a cura. É essa a conexão que nós temos com a natureza! [...] A forma como vivemos numa comunidade indígena é realmente uma comunidade: você não vai ver muros nem cercas, porque tudo o que temos ali não é nosso. A gente está ali para cuidar! E viver aquele tempo que nos foi cedido para a gente viver na terra, viver da melhor maneira possível.

Ahamy, então, falou de sua comunidade:

– Até para sairmos para uma caça, nós temos que fazer um ritual, pedimos a Inhanderu Tupã que ele nos conceda uma caça. Se a caça não acontece, é porque o animal não estava preparado para ceder a vida dele. E a gente não vai morrer de fome, porque a gente tem outras coisas: o palmito, a mandioca, a batata...

Ahamy concluiu:

– Não consigo entender por que minha geladeira tem que estar cheia de carne. Por que não posso dividir o que eu tenho? Preciso entender que as pessoas também precisam. São muito poucas as pessoas que conseguem olhar para o outro. A pandemia veio num momento em que muitas pessoas começaram a olhar o seu vizinho, para ver se ele tinha o que comer, o que vestir. Isso começou a tocar a humanidade de maneira diferente. Toda a nossa vida é regradada dentro de um sagrado. Tudo que a gente faz, tudo que a gente vive, a cada minuto que a gente vive é dentro do nosso sagrado. Isso é muito importante pra gente.

Ahamy falava da importância e da necessidade do cuidado. Eu me sentia como quando tive o primeiro contato com a história O teatro de sombras de Ofélia, de Michael Ende. Esta narrativa falava sobre coisas que já haviam me falado, mas um modo bastante diferente, e isso fazia toda a diferença. Do mesmo modo, Ahamy falava sobre o ato de cuidar de uma maneira totalmente diferente do que eu já havia escutado.

Todos ali, desde o início, apresentavam seus olhares sobre os afetos e sobre o cuidar, tanto para o outro quanto para si.

Foi quando me lembrei de Foucault e de seus escritos sobre o cuidado.

Foucault (2020) apresenta a concepção de *cuidado* ao pesquisar e descrever sobre a história da sexualidade; em sua fala, entende o corpo enquanto uma unidade corpo-alma que precisa ser compreendida de modo integral³¹. A partir disso, a análise sobre o cuidado abrange três momentos de referência.

³¹ Para Michel Foucault, o conceito de *alma* tem sentido de sujeito da ação, à medida em que o sujeito exerce uma relação consigo mesmo de maneira singular.

O primeiro diz respeito ao período socrático-platônico, em que o cuidado estava voltado somente ao sujeito, de maneira concreta e particular: o cuidado estava voltado para o próprio corpo e para as ocupações do mesmo. O segundo refere-se à cultura helenística e romana, em que era acentuado o privilégio do cuidado de si, com um investimento favorável para condições que o permitissem. O terceiro momento é chamado de ascético-monástico e está relacionado ao cristianismo, em que o cuidado de si passou a ser considerado como o cuidado com a espiritualidade, prevalecendo a auto-observação e a desqualificação dos valores da vida privada.

O cuidado não está restrito a uma determinada fase da vida, mas é uma tarefa de todo o tempo, não se limitando a um vínculo pessoal, mas expandindo-se para vínculos de amizade, de amor, de parentesco e de profissão, estando também em ambientes institucionalizados e coletivos. Ou seja, o cuidado de si não se restringe apenas ao indivíduo, mas faz parte e aparece nas relações sociais: o cuidado é válido para todos, em todos os lugares e em todos os tempos.

Para Foucault, cuidar de si é um ato de amor-próprio e de interesse individual; no entanto, a partir da ação de ocupar-se consigo mesmo, também nasce a obrigação de ter cuidado com os outros. As práticas sociais precisam do outro para acontecer, ninguém é capaz de cuidar de si sozinho. O cuidado se fundamenta, portanto, no ato da troca de cuidados com o outro, em que o cuidado de si mesmo vem primeiro, seguido pelo cuidado com o outro.

Igor sorriu e acrescentou:

– As pessoas me procuram e, geralmente, chegam através de outras pessoas, procurando o meu serviço, meu trabalho, procurando um aconselhamento, um atendimento com tarot, procurando feitiços, procurando algum tipo de trabalho que auxilie nas mais variadas necessidades que se pode imaginar. Desde um simples benzimento, uma limpeza porque a pessoa está sentindo desconforto, até mesmo auxílio de uma pessoa transtornada, porque apanhou do marido e quer buscar recurso dentro da magia ou casa de axé para fazer aquilo se movimentar. Gosto de estar em paz, dentro da minha casa e poder exercer em paz, assim, o meu ofício, a minha religiosidade. Eu gosto que as pessoas ao redor também estejam em paz.

Em seguida, Francisca me trouxe um pouco de café. Tânia comentou:

– Sou da seguinte opinião: se uma pessoa quer se dedicar a muitas coisas, ela não se dedica a nada. Se ela tem um amor, se ela tem uma paixão, ela tem que se dedicar àquela paixão, e a bruxaria é uma das minhas paixões. Gosto da bruxaria, da feitiçaria e do

benzimento, acho que os três têm pontos muito positivos e podem, independentes, melhorar a vida de muitas pessoas. Acredito muito na feitiçaria, acredito muito nas benzeduras e acredito muito na bruxaria, que é meu grande ofício de vida.

Então, Francisca comentou sobre o ato de cuidar, lembrando-se de quando fez o benzimento em Bruno:

– É com a agulha, você pega o paninho e vai costurando e falando as palavras. E depois você põe numa porta e assim vai embora o que tiver na pessoa. Eu coso para... se você estiver com mal jeito no pé, no braço, só assim...

Francisca ainda falou:

– Você tem que ajudar as pessoas e não atrapalhar a vida das pessoas! A gente está aqui neste mundo, ninguém é melhor que ninguém, não... em cima da minha cama tem uma pilha de roupa que levo pra uma senhora aqui, que tem necessidade.

Ahamy ouvia e às vezes me olhava, sorrindo. Disse:

– E digo uma coisa pra você: a benzedeira, ela tem muita fé no que faz! Assim como a bruxa e como o feiticeiro. Há muita fé! Só que essa cura só chega a você se você também tiver essa fé. Não adianta você chegar, pedir um benzimento e ficar assim: “Vou esperar para ver se acontece mesmo”. Isso quebra aquela energia toda. Você só é curado porque você também tem fé. [...] É por isso que eu digo, todas às vezes: agradeça o seu dia! Não interessa se você perdeu, se você ganhou, o importante é que você está ali, respirando. E agradeça também pelos que partiram.

Em seguida, Carlos Fernando completou a fala de Ahamy:

– Tenho a convicção de que o universo realmente funciona da seguinte maneira: tudo tem um equilíbrio, tudo é uma troca! A nossa existência é uma troca. Para que a gente sobreviva, a gente tem que se alimentar de plantas ou de outros animais. Tudo é uma troca, até hoje não vi nada que foge disso. E o benzimento é a mesma coisa!

Então, Carlos Fernando comentou sobre benzimento e cuidado:

– O benzimento, para mim, ele é compartilhar algo que você cultiva, que é uma energia positiva, uma crença, um trabalho sagrado. Você compartilha, você doa uma parte daquilo que você tem. Tem gente que se doa. Já vi pessoas que têm esse trabalho de cura muito forte e vivem doentes. Aí tem que descarregar, senão fica acumulando carga negativa que absorve de outras pessoas, isso faz mal. [...] No benzimento, você compartilha algo de positivo e absorve de negativo o que a outra pessoa tem. Se você não despachar, fica difícil. E a magia sempre percorre o caminho mais fácil, mais prático, que é ir para você. Então, é um ciclo, você doa o positivo e absorve o negativo. Tem gente que tem consciência de que ela precisa ter

cuidado com isso. Vejo pessoas que usam ervas, folhas, porque a carga negativa vai ficar nelas. A pessoa vai usar as folhas para se proteger e para que a folha seja a esponja que vai absorver o que tem de negativo ali. E depois ela vai despachar as folhas. Tem gente que depois toma um banho de ervas, que faz uma oração no sentido de se limpar. E já vi pessoas que não fazem, e que acabam ficando doentes porque não fazem.

Carlos Fernando concluiu:

– Acredito que se você, a benzedora, faz o trabalho e não tem esse cuidado de não ficar absorvendo as coisas dos outros, vai adoecer sim... porque, na feitiçaria, a gente entende que tudo é uma troca, tem que ser uma troca equivalente e a gente fica mais consciente da questão da própria energia. A gente aprende que tem que zelar mais pelo próprio corpo, pela própria força. A gente toma consciência de que regularmente tem que fazer limpezas, usando outros meios para se recarregar, tem que colocar um contrapeso. Uma pessoa que é feitiçeira, ela geralmente vai usar colares ou outras ferramentas que se tornam patuás para proteger o corpo: então é feito um benzimento sem se pegar a carga do outro.

Ali entendi que cada um cuidava de si e do outro ao seu modo. Enquanto alguns usavam folhas no cuidado alheio, outros usavam terços, agulhas e panos, ou simplesmente a imposição de mãos. Para uns, depois de seus ofícios, era necessário fazer uma limpeza pessoal com ervas, banhos e ingredientes específicos para o cuidado, enquanto outros precisavam preparar um chá, descansar a fim de se recuperar energeticamente ou fazer uma oração de proteção e de agradecimento.

Muitos pássaros cantavam e algumas borboletas passeavam por perto: já era manhã. Todos nós percebemos que chegava o momento. A fogueira acabava de apagar e cedia lugar para que o Sol iluminasse e aquecesse todos nós. Da mesma forma, todos entendiam que era hora de me deixarem ir, para trilhar meu próprio caminho, agora consciente de tantas coisas. Assim como os pais retiram as rodinhas auxiliares quando os filhos começam a entender sobre equilíbrio e aprendem a andar de bicicleta, ali estava eu, amparada por bruxos, benzedoras e feitiçeiros, sendo convidada para trilhar, sem receio nem dúvida, minha jornada do sagrado pessoal.

Francisca se aproximou e me apresentou com pedaços de sabão artesanal. Ahamy me ofertou o chocalho e a machadinha que tinha nas mãos. Desejou que eu trilhasse um bom caminho e disse que aqueles instrumentos simbolizavam força e proteção.

Os animais se aproximavam de seus tutores, também dando a entender que nosso encontro, naquele momento, chegava ao fim. Recebi um abraço e um beijo de cada um. Aos poucos, todos foram se despedindo e voltando para seus destinos.

Durante um tempo fiquei ali, sentada, olhando a paisagem e apenas sentindo tudo o que havia acontecido. Chorei. Lembrei-me das palavras de Amadou Hampâté Bâ quanto à força das histórias orais:

O aprendiz não deve fazer perguntas. Deve apenas observar com atenção e soprar. Esta é a fase muda do aprendizado. À medida que vai avançando na assimilação do conhecimento, o aprendiz sopra em ritmos cada vez mais complexos, cada um deles contendo um significado. No decorrer da fase oral do aprendizado, o mestre transmitirá gradualmente todos os seus conhecimentos ao discípulo, treinando-o e corrigindo-o até que adquira a maestria. Após uma “cerimônia de liberação”, o novo ferreiro poderá deixar o mestre e instalar sua própria forja (Bâ, 2015, p. 170).

Entendi que um rito de passagem havia acontecido.

Pensei que eu poderia ter falado mais, perguntado mais, mas lá no fundo eu sentia que tudo o que havia acontecido era uma passagem de conhecimentos, era um momento de aprendizagem. Compreendi que, no início, há há sempre tantas perguntas, mas, aos poucos, tudo muda e o silêncio vai convidando a escutar e a aprender.

Era chegada a hora de dar continuidade ao meu próprio caminho.

Olhei mais uma vez para o horizonte. Depois agradei e também voltei para casa.

REFLEXÕES DE UMA BRUXA

[...] *olhou sua alma através de um telescópio. O que parecia irregular eram belas Constelações: então acrescentou à consciência mundos ocultos dentro de outros mundos.*
(Jung, 1962)

Havia uma floresta densa, tudo era frio e úmido, com uma névoa presente. Andei por um caminho que alguém já havia aberto, mas, em algum momento, quis me embrenhar pela mata.

Parei diante de uma árvore imensa e vi que, entre suas raízes, havia uma caveira coberta de musgos. Peguei-a e observei que ela estava ali havia muito tempo. Comecei a limpar os musgos em volta das órbitas e percebi que aquela caveira me olhava com imensa profundidade.

De repente, eu não estava mais na floresta, mas num lugar escuro, como se fosse muito abaixo da terra. Eu estava no meio de um rio de sangue.

Aos poucos, minhas ancestrais foram aparecendo e se aproximando, até formarem uma roda de muitas delas ao meu redor. As mais distantes eram as mais antigas e tinham aparência de rochas ou de cascas de árvores. Estávamos todas nuas, banhadas naquele rio de sangue.

Uma ancestral se aproximou de mim e disse que estava devolvendo o que era meu. Ela me mostrou um colar de macramê³² preto, com uma pedra azul ao centro. Era todo trabalhado, feito à mão. Ela colocou o colar em meu pescoço e todas me olhavam. Eu chorava de alegria.

De repente, o rio e todas as mulheres haviam sumido. Novamente, eu estava em frente à árvore, olhando para a caveira. Em meu pescoço estava o colar com a pedra.

Apesar de ter aparecido em sonho, a pedra azul existe e me acompanha desde 2020, quando aconteciam aprendizagens sobre herbalismo e *tarot* com Igor.

O sonho havia acontecido na madrugada de um sábado de 2020. No decorrer do mesmo dia, comecei a pesquisar sobre a pedra azul. Não havia nome nem orientação de como

³² O macramê é um artesanato de tecelagem manual, em que os fios são trançados com uso de nós.

encontrá-la. As únicas informações eram as de que a pedra tinha um brilho diferente e forte, com nuances de outra cor conforme sua posição era mudada, e de que seu formato era de gota.

Quando falei do sonho e da pedra para Bruno de Moura Barbuda³³, tanto ele quanto eu ficamos curiosos e começamos a procurar sobre pedras azuis em *sites* de busca e pesquisa. Foi então que conseguimos identificá-la: era uma labradorita. Nunca havia ouvido falar dela. Mas era a pedra de meu sonho.

Em seguida, surgiu a imagem de um pingente. Era ela, a pedra de meu sonho, com o mesmo formato e as mesmas nuances. Conversei com Cláudia Marisa Teixeira³⁴ e recebi informações específicas sobre a pedra. Não demorou muito para que ela chegasse até mim.



Figura 8. Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Cláudia Marisa Teixeira. 2023.

³³ Meu companheiro afetivo.

³⁴ Cláudia Marisa Teixeira, pesquisadora e artesã, com trabalhos voltados para confecção de joias de prata e cristais. É mestra em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp e autora da dissertação *A educação da consciência de si na Interação Humano/Cristal*, defendida em 2020.

Não consigo considerar tais acontecimentos, tanto o sonho como o encontro real com a pedra, como acontecimentos aleatórios. Penso em sincronicidade.

Jung (1964) comenta que a sincronicidade é uma coincidência temporal significativa de dois acontecimentos, de um interno com um externo, sem que dependam um do outro de modo casual; tanto a matéria quanto a psique são aspectos diferentes de uma mesma coisa. Ou seja, a simultaneidade dos acontecimentos causa uma coincidência significativa, que vai além de uma probabilidade casual. Hark (1988) apresenta três categorias de coincidência significativa. A primeira relaciona um acontecimento, vinculado a um estado psíquico, com um acontecimento externo e objetivo. A segunda volta-se a experiências psíquicas, geralmente sob a forma de sonhos arquetípicos, relacionadas a acontecimentos distantes. A terceira, por sua vez, refere-se a estados psíquicos vinculados a acontecimentos futuros.

Olhar para o acontecimento com a pedra azul e pensar sobre sincronicidade me fizeram dar atenção para outro acontecimento.

Recordo que, quando pequena, minha mãe tinha um porta-joias simples, guardado num cantinho escuro de um armário. Lá havia algumas correntes e pulseiras antigas quebradas, abotoaduras que meu avô materno usava, dentes de leite meus e de meus irmãos, uma pedrinha de ametista e broches. Mas havia duas peças que eu amava ver e que sempre pedia para minha mãe mostrar: elas eram um relógio dourado, bem delicado, e um anel banhado a ouro, com uma pedra de água marinha. O relógio era muito bonito, mas o anel me encantava mais. As duas peças eram de minha mãe e haviam sido dadas a ela por seu pai, meu avô. Há muito tempo minha mãe não as usava. Ela dizia que, assim que eu ficasse maior e me tornasse responsável, ela me daria tanto o relógio quanto o anel de presente. Nesses momentos, eu não via a hora de crescer. Assim o tempo passou e as duas peças realmente ficaram comigo.

Acontece que, no período em que minha mãe ficou doente, houve um grande desentendimento familiar. Durante algum tempo, quis esquecer minha ancestralidade materna e devolvi o relógio e o anel para minha mãe. Por três vezes fiz este movimento – por três vezes, de maneiras diferentes, as duas peças voltaram para mim. Na última vez, fiquei encarregada de vendê-las para arrecadar fundos financeiros para os tratamentos médicos de minha mãe, mas ela acabou falecendo antes da venda.

Certo dia, eu estava em casa e resolvi procurar uma pulseira na primeira gaveta de uma cômoda, onde ficavam meus apetrechos. Vi minha caixinha de madeira, toda trabalhada, mas não lembrava o que havia guardado ali. Quando abri, lá estavam eles, o relógio e o anel. Recordo que fui tomada por um arrepio, pois lembrei o sonho que tive com a máscara africana. Passei o dia todo pensando nessa relação. Na mesma semana, conversei com minha tia Zula

(irmã de minha mãe) sobre isso e também com meu irmão mais velho. Ambos fizeram comentários parecidos: se por três vezes as joias retornavam para minhas mãos, elas deveriam ficar comigo.

Houve um dia em que peguei o anel e fiquei olhando para ele demoradamente. Uma parte de seu detalhe dourado estava quebrada. Ali, olhando, pensava que gostava muito dele, mas que, ao mesmo tempo, por motivos pessoais, ao invés de adornos dourados, eu preferia joias de prata.

Novamente, conversei com Cláudia sobre cristais. Na ocasião, falei não só sobre a água marinha e o gosto pelo anel, mas também sobre a dificuldade em usar adornos dourados. Foi então que algo muito significativo aconteceu. Cláudia Marisa Teixeira mencionou a possibilidade de fazer uma réplica do anel em prata, mantendo, no entanto, a pedra. Estávamos falando de ressignificar! Compreendi que era necessário e importante ressignificar, não somente a peça, mas também todo o conteúdo emocional e psíquico que ela representava para mim. Era chegada a hora de, definitivamente, aceitar minha ancestralidade e a mim mesma. Aceitar ambas com amor e respeito.

Durante a conversa, Cláudia disse que tinha a impressão de que estávamos no caminho certo em nossas reflexões e de que minha tese começaria a ser desenvolvida depois que o anel ressignificado chegasse em minhas mãos. De fato, até então vários ensaios de capítulos de tese eram escritos, mas ficavam apenas no rascunho. Compreendi que há situações que nem sempre conseguimos explicar, apenas as sentimos. Foi assim com o anel. Ele representou, de maneira física, minha ancestralidade materna com toda a sua bagagem. Quando parei de negá-la e de rejeitar minha história, aceitei minha ancestralidade como um precioso presente transmutado. E assim pude continuar minha jornada.

Esses acontecimentos, tanto o do sonho e o do encontro com a labradorita quanto a ressignificação ancestral por meio do anel, ambos cheios de coincidências significativas e agregados aos encontros e às conversas desta pesquisa, me convidaram para outros olhares.

Não só a escrita da narrativa “Ao pé do fogo”, como também os relatos significativos me fizeram compreender que eu havia vivido um rito de passagem, momento em que eu deixava de ser a aprendiz em busca de respostas para dar voz à bruxa em sua jornada pessoal. E foi assim que abracei tantos aprendizados – agora ressignificados – para apresentar minhas reflexões e considerações.



Figura 9. Fonte: Acervo pessoal. Foto: Cláudia Marisa Teixeira. 2023.

Bruxa, feiticeira e benzedeira se misturam

Por inúmeras vezes, perguntei às pessoas – amigos, parentes, conhecidos – sobre o entendimento que tinham daqueles que seriam os norteadores desta tese. As respostas nem sempre eram claras: bruxa, feiticeira e benzedeira muitas vezes se misturavam.

Para muitos, a bruxa também recebia o nome de feiticeira e ambas traziam a mesma entonação assombrosa. Percebo, no entanto, que o arsenal histórico da imagem da bruxa tem se voltado, em alguns momentos, à figura daquela que protege e cura. No entanto, ainda é possível notar que há uma diferenciação entre bruxa e feiticeira: no senso comum, enquanto a primeira é temida, a segunda é vista como protetora.

Com relação às benzedeadas, noto que elas são muito associadas, na maioria das vezes, ao catolicismo, e que são as detentoras de saberes contra os malefícios do corpo e da alma. No entanto, depois das conversas apresentadas na história, entendo que há estreitas relações entre bruxas, feiticeiras e benzedeadas, visto que aquelas que benzem apresentam atributos semelhantes aos que vemos nas feiticeiras e nas bruxas.

Depois dos encontros que tive, considero que não há como definir bruxas, feiticeiras e benzedeadas de maneira isolada, porque suas origens e histórias se cruzam e misturam. Como os próprios entrevistados disseram, para se desfazer um feitiço, é preciso saber fazê-lo. Para mim, isso já é motivo de aproximação.

Noto que, assim como as figuras da bruxa e da feiticeira, a benzedeadas não deixa de ser temida em sua comunidade, mesmo sendo aquela que promove curas. Porque há algo de diferente e de sobrenatural que se vincula a ela e que não pode ser explicado. Noto que essas personagens, sejam elas da ficção ou da vida real, ao praticarem seus ofícios, não deixam de causar estranheza àqueles que as procuram.

Gomes e Pereira (2004) lembram outra semelhança entre bruxas, feiticeiras e benzedeadas quanto à utilização de artefatos e de elementos diversos: o uso de água e ervas; as figuras do círculo, da cruz e do pentagrama; os ofícios praticados em determinados horários e dias da semana. Araújo (2007) cita que a feiticeira medieval era uma aldeã curandeadas e parteira, muitas vezes solitária, que causava estranhamento e desconfiança em seu meio social. De modo semelhante, a benzedeadas é a mulher vinculada à medicina popular, como a parteira ou a mulher que se sobressai em artes curativas. Essas personagens, portanto, assumem um forte simbolismo no que diz respeito tanto à vida quanto à morte; vejo que tal fato também as une em semelhanças.

Sendo assim, a benzedeadas, a feiticeira e a bruxa atuam em duplo efeito? Aqui, é interessante lembrar o que Ahamy fala em algum momento da conversa, ao deixar claro que o ser humano é dual e que apresenta aspectos positivos e negativos em si. Ahamy ainda afirma que depende de nossas escolhas ajudarmos ou prejudicarmos alguém: tal condição é humana, não sendo exclusiva a pessoas consideradas bruxas, benzedeadas ou feiticeiras.

Depois de muito tempo, a pergunta que eu fazia encontrava sua resposta. Para mim, bruxos e bruxas, feiticeiros e feiticeiras, benzedeadas e benzedeadas são seres selvagens que atuam como mediadores entre o sagrado e a humanidade. São aqueles que ensinam e que desenvolvem suas práticas a fim de auxiliar transformações pessoais. São mantenedores de ambientes e de conteúdos sagrados, educadores que afetam e cuidam de modo a desempenhar a mediação no equilíbrio entre as pessoas e o mundo em que vivem.

Seres de fronteiras

Depois de um longo caminho percorrido, paro para fazer uma retrospectiva. Sinto como se há muito tempo eu guardasse para mim mesma um presente: uma caixinha empoeirada com um papel dentro. Neste papel, a pergunta: qual meu lugar no mundo? Penso naqueles presentes que são dados com um bilhete, orientando sobre quando ou onde abri-los. Pois bem, quando iniciei este percurso, acredito que, de maneira figurada, recebi um bilhete assim.

O processo de criação da presente tese foi ao encontro desta pergunta. Durante as entrevistas, compreendi que também havia um desejo íntimo de encontrar uma resposta para ela.

Ao longo da pesquisa, ficou evidente que bruxos e bruxas, feiticeiros e feiticeiras, benzedoras e benzedores apresentavam algo em comum: a percepção do estranhamento alheio com relação aos seus ofícios, às suas vestimentas ou aos seus modos de vida. Por conta disso, nem sempre são compreendidos e, por vezes, recebem comentários desrespeitosos e atitudes de preconceito. Por isso, de certa forma são temidos: porque não se encaixam em definições pré-estabelecidas.

Num primeiro momento, essas observações me fizeram lembrar do termo “não-lugar”, que, segundo o etnólogo e antropólogo francês Marc Augé (2017 *apud* Scherer Jr.; Chiappini, 2011) são espaços de passagem incapazes de dar identidade para os sujeitos que ali se encontram.

Mais adiante me deparei com Scherer Jr. e Chiappini (2011) e a apresentação das fronteiras culturais, onde a ideia de fronteira está além da definição vinculada à territorialidade e a territórios. Ou seja, ela pode ser algo móvel, imaginário, sem um território pré-estabelecido, sujeita a ressignificações³⁵. Para os autores, em primeiro lugar, as fronteiras são, antes de mais nada, simbólicas, pois são referências mentais que guiam a percepção da realidade. São “produtos desta capacidade mágica de representar o mundo por um mundo paralelo de sinais por meio do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo” (Pesavento, 2002 *apud* Scherer Jr.; Chiappini, 2011, não paginado).

Em seguida, os autores me apresentaram seus apontamentos sobre o termo *cultura*, com os quais concordo. Com sua origem do latim, *cultura* relaciona-se à ação de cultivar. No entanto, ao longo do tempo, o termo ganha novos sentidos e passa a representar o que é próprio

³⁵ O historiador Frederick Jackson Turner apresentou, no final do século XIX, um estudo expondo suas ideias sobre o conceito de fronteira além da noção de território e de territorialidade.

do ser humano: suas ideias, seus costumes e seus pensamentos, representando, também, características de povos e civilizações. Os autores trazem o entendimento de *cultura*:

o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos comunicam-se entre si e partilham suas próprias experiências, concepções e crenças (Thompson, 1995 *apud* Scherer Jr.; Chiappini, 2011, não paginado).

A partir disso, compreendi que fronteiras culturais são espaços e lugares de realidades simbólicas que envolvem vivências e formas de pensar, gestos, ritos, comportamentos e ideias. Assim, elas nos possibilitam condições de expansão. Apresentam viés metafórico, possibilitando-nos perspectivas diversas e novas concepções de mundo.

No entanto, nesta tese, não estamos falando de lugares, mas de pessoas que não têm uma definição concreta diante dos olhares da sociedade. Recordei uma fala do Prof. Dr. Nelson Filice de Barros, durante a defesa de mestrado de Cláudia Marisa Teixeira – pesquisadora e artesã de pratas e cristais, já citada anteriormente. O professor comentou sobre *pessoas de fronteiras*; sua fala me tocou profundamente. Ele demonstrou, de modo claro, que há pessoas que não pertencem a um lugar definido e que não podem ser classificadas ou identificadas de maneira definida, justamente porque transitam em vários lugares e desenvolvem ofícios que vão além dos limites do cotidiano. Essas pessoas parecem ser de tantos lugares e, ao mesmo tempo, de nenhum deles. São seres de fronteiras.

Entendo, assim, que bruxas e bruxos, benzedeiras e benzedores, feiticeiras e feiticeiros são seres de fronteiras – físicas ou não – já que transitam entre lugares que nos possibilitam outras e novas formas de perceber, de ver e de ressignificar tudo o que nos afeta, inclusive nós mesmos. Por isso não lhes cabem definições. Essas pessoas trilham vastos espaços, físicos ou subjetivos, moram e trabalham em grandes cidades ou no campo, têm as mais variadas profissões. Ao mesmo tempo, ensinam e afetam pelo viés do sagrado nos vãos entre o senso comum e a cientificidade. Encontram-se em situações, em condições e em lugares que muitas vezes não são definíveis.

Enfim, meu bilhete com a antiga pergunta havia encontrado sua resposta.

O poder da fala

É por meio do que falamos e ouvimos que compreendemos o mundo. Conforme Quintana (1999, p. 35), “como já é sabido, o que caracteriza o ser humano é a fala. É através dela que podemos construir os universos simbólicos”.

Com esta tese, refleti muito sobre o ato de falar. Entendo que o corpo todo fala, mas aqui me atendo à fala propriamente dita. Os encontros me mostraram o quanto a palavra falada tem poder curativo e o quanto bruxos, benzedores e feiticeiros, conscientes disso, sabem muito bem usá-la.

Aqui, reflito sobre a fala enquanto meio daquele que direciona o processo de cura. A reflexão sobre o poder da fala me fez lembrar das tantas vezes em que, durante consultas médicas, mal me perguntavam o que eu estava sentindo: a fala era, na maior parte do tempo, deixada para um segundo plano no processo terapêutico. Não havia intercâmbio de falas, a consulta tornava-se uma ação técnica e, como consequência, eu me sentia um objeto. Acredito que, infelizmente, meu relato representa muitos outros casos que já aconteceram ou que ainda acontecerão em consultórios médicos das mais variadas especialidades. Não é minha intenção colocar em questão o conhecimento e a experiência de um médico, mas registro a importância e a necessidade do intercâmbio entre o profissional e seu paciente por meio da fala atenta, acolhedora e cuidadora.

Ao receber um benzimento ou ao pedir ajuda a uma bruxa ou feiticeira, essa relação do escutar e do falar ocorre, tanto de quem procura ajuda quanto de quem atua em ajudar. Pela fala, aquilo que traz desconforto torna-se nominável, ganha formas e adquire entendimento. Quintana (1999, p. 46-47) diz que um indivíduo aceita sua enfermidade quando pode dar um sentido a ela. A dor é intolerável porque significa algo arbitrário, mas, quando adquire sentido, torna-se então suportável. O autor comenta que é por conta dessa linguagem que as pessoas também buscam uma benzedora: ela escuta, fala, orienta e nomeia o que aflige. No entanto, lembro que não é uma fala comum: ela acontece em situações ritualísticas, com uso de gestos, frases, palavras, objetos específicos, atuando como mediadora entre o sagrado e o mundo.

Percebo que essas personagens, da ficção ou da vida real, são terapeutas populares, estão acessíveis e acolhem aqueles que as procuram. Elas atuam na cura, que não é somente orgânica mas também simbólica, pois auxiliam na reconstrução de um universo simbólico que foi afetado com o surgimento de uma doença ou com o desequilíbrio de alguma espécie, ajudam a integrar um contexto significativo que se encontra, muitas vezes, fragilizado ou fragmentado.

De modo geral, quem procura uma bruxa, uma feiticeira ou uma benzedora está diante de um conjunto de sintomas que, para si, não faz sentido. Elas, em seus ofícios, ajudam a pensar, a compreender, a experimentar e a superar tais sintomas, convidando as pessoas que as procuram à experimentação do sofrimento a partir de um lugar subjetivo e simbólico, a fim de ressignificarem a dor.

A fala do benzedor, do bruxo ou do feiticeiro, integrada ao ofício desempenhado por cada um deles, auxilia no processo de cura pessoal, uma vez que eles compreendem o ser humano enquanto um complexo que vai muito além de nervos, músculos e ossos. A fala da bruxa, da benzedeira e da feiticeira é, a meu ver, uma fala ao inconsciente, em que se restaura o equilíbrio que, por algum motivo, foi perdido. Gerber (2007, p.344) complementa o que digo, quando menciona que os seres humanos são um complexo de mente, corpo e espírito e que há um equilíbrio dinâmico contínuo com dimensões energéticas superiores da realidade. O autor, ainda, diz que o corpo físico necessita também de energias vibracionais que conferem à estrutura física humana suas propriedades vitais e de expressão criativa.

Durante as conversas, tive a certeza de que todos os participantes, junto de suas práticas ligadas ao sagrado, usam suas falas para auxiliar aqueles que os procuram. Por meio de suas falas, fazem o acolhimento necessário, não somente ao corpo físico, entendem e escutam a dor do outro. Falam de modo a fazer diferença. Atuam em busca da cura integrada, ou seja, da cura que atua nesse complexo que somos.

O poder da fala também me levou a refletir sobre o ato de contar histórias. Em cada encontro, ouvi histórias e elas me apresentaram caminhos possíveis de simbolizações e de ressignificações. Não tenho dúvida alguma de que as histórias contadas também têm alto poder curativo.

Lembro de quando li a história “La loba” (Estés, 2018, p. 41), da mulher que é loba e que é mulher. Aquela história me tocou profundamente. Mas, quando vi uma contadora de histórias contando “La loba”, nunca mais fui a mesma. Aquela contadora conseguiu sussurrar e apontar necessidades minhas, em espaços internos que estavam doentes e que precisavam de cuidado e restauração. Recordo que tive a sensação de ter recebido um benzimento: as palavras daquela contadora trouxeram significado ao que eu sentia e não conseguia identificar. Aquela contadora sabia o que estava fazendo, sabia que não estava apenas narrando: ela falava dentro de seu conteúdo mais íntimo e sagrado, convidando seus ouvintes a também acessarem esse lugar profundo e subjetivo.

Ao desenvolver esta tese, tantas e tantas recordações surgiram, todas elas me mostravam o poder do que é falado. Assim, entendo que a palavra falada, em harmonia com o sagrado pessoal de quem a profere, é uma força inarrável, que traz consigo um repertório de imagens, de particularidades e de curas, promovendo o resgate de nossa força criativa e integradora, nos lembrando de nossa profunda natureza selvagem. A palavra nos diz sobre nós mesmos, ilumina nossas fraquezas e nossos tesouros, nos indica olhares para caminhos de cura pessoal.

O encontro com o sagrado pessoal e a retomada da jornada

Por que bruxas, feiticeiros e benzedores sempre me chamaram tanto a atenção? Hoje consigo compreender o que eles ensinam! Na narrativa “Ao redor do fogo” foram apresentadas maneiras de se cuidar, de cuidar do outro, de olhar o mundo com respeito, de entender a própria história e de ressignificá-la quando necessário.

Em nosso cotidiano, de modo geral, esses ensinamentos muitas vezes são esquecidos, tidos como distantes de nós e tratados de maneira burlesca. Nossas conexões com nosso sagrado pessoal se enfraquecem e muitas vezes nem damos conta disso.

Entendo que a procura por bruxos, feiticeiros, benzedoras e benzedores se dá por conta daquilo que a ciência, a tecnologia e a racionalidade não conseguem acolher, como, por exemplo, feridas simbólicas e rupturas que muitas vezes não nos permitem dar continuidade e sentido às nossas próprias vidas. A procura por essas pessoas não é a procura pela verdade, mas pelos significados que precisamos compreender e que permitem dar fluidez e continuidade ao nosso caminho.

Esses seres de fronteira nos mostram, muitas vezes, a retomada de nós mesmos, as conexões que deixamos para trás e que são de extrema importância: as conexões com nosso sagrado pessoal, com nossas fontes criativas que nos tornam integrados. Eles mostram que nossos dons são as potencialidades que fazem parte de nossa natureza criativa e criadora, que estão no íntimo de nossa natureza selvagem e que comungam com nosso sagrado pessoal.

Quando me tornei consciente de que meu sagrado pessoal estava sendo negligenciado, entendi que ele precisava ser resgatado. Durante o processo da tese, compreendi que bruxos, feiticeiros, benzedores e benzedoras me mostravam a importância de entender e de retomar minhas potencialidades, visto que elas conduzem à harmonia com nossa natureza selvagem, com nosso sagrado particular, e que mostram a importância de conciliar os opostos, assim como citam Gomes e Pereira (2004, p. 60):

O momento primordial é a indiferenciação dos opostos, a plenitude da unidade fundamental: luz e treva, terra e céu, bem e mal, masculino e feminino – todos esses duplos eram apenas potencialidades, em coexistência, unos. Essa consciência de que o absoluto é unitário está instalada na sabedoria mítica: o ser completo originário se fragmentou quando os opostos ganharam existência independente. Essa é a noção de quebra de harmonia, de ruptura, de estado de desagregação. A luz se distancia da treva, terra e céu são polos opostos, o bem e o mal se combatem incessantemente, o masculino e o feminino são agora naturezas ímpares, incompletas. Essa dualidade do mundo, essa luta de contrários, é falsa e enganosa, correspondendo a um estado de pecado, de erro. A salvação está na conciliação dos opostos, no retorno à unidade fundamental, no reencontro do absoluto.

Compreendi que lidar com o que é tido como sagrado é algo individual e particular, e que ocorre o tempo todo, todos os dias. Quando me preparo para contar uma história, estou em contato com meu sagrado particular. Da mesma maneira, quando estou em casa desenvolvendo meus afazeres, também estou em sintonia com meu sagrado. Entendo que há momentos em que desenvolvo alguns rituais e que há espaços da casa ou instrumentos que utilizo para fins ritualísticos, mas isso não separa o conteúdo sagrado de meu cotidiano. Essa foi uma das grandes aprendizagens que tive durante esse processo de encontros: o sagrado pessoal se dá o tempo todo, é preciso apenas estar consciente de tal fato. Não consigo desvencilhar-me de meu sagrado pessoal quando estou em situações de trabalho, quando estou contando histórias ou quando estou regando uma planta. Ele simplesmente está. Ele faz parte de mim; entendo que vivo e pratico meu sagrado particular a todo tempo. Particularmente, sinto que os momentos ritualísticos pessoais me permitem a interação mais intensa com meus conteúdos sagrados. Todo esse entendimento me fez olhar para minha jornada pessoal de maneira mais consciente.

Meu olhar para o momento de escrita da tese mudou, já que também era um momento de encontro com meu sagrado. A escrita tornou-se um ritual.

Lembrei as vezes que me preparava para contar histórias e que ritualizava a preparação para a contação. Da mesma forma, compreendi que precisava preparar a escrita da tese. Entendi que era um momento importante de encontro com meu sagrado. A cada retomada de escrita, um ritual acontecia. Havia um lugar específico em minha casa para acender vela e incenso. Meu pensamento voltava-se ao pedido de ajuda e de orientação, vinculado ao meu sagrado pessoal. Meu coração se aquietava em uma breve meditação. Ao som de uma música que se repetia³⁶, a mágica da escrita acontecia. Ao final da queima da vela, eu agradecia e finalizava a escrita daquele momento. Assim acontecia em todas as vezes e somente desse modo ela pôde ganhar contornos.

Os diálogos com Igor, Carlos Fernando, Zelinda, Tânia, Francisca e Ahamy também fizeram com que meu olhar para cada história de vida que ouvi se aprofundasse em mim. Contando suas trajetórias, cada participante mostrava sua saga pessoal, com suas dores e alegrias. Cada um precisou aprender a lidar com sua individualidade e com seus dons, com seus processos de autoconhecimento, com suas reflexões, aprendizagens e mudanças, para então poder atuar com e para o outro. Em suas buscas por novos sentidos de viver, todos passaram por acontecimentos que lhes exigiam, a cada dia, transformações subjetivas. Suas narrativas me

³⁶ A música era “Shape of My Heart”, canção do músico britânico Sting, coescrita com o guitarrista Dominic Miller. Foi lançada em agosto de 1993.

fizeram pensar sobre o que Campbell (1989) apresenta como “a jornada do herói”, isto é, a jornada de vida de todos nós que estamos no mundo.

Todos somos chamados para essa jornada, várias vezes na vida. Nela, há situações e condições que podem, muitas vezes, nos causar grande desconforto, mas que, ao mesmo tempo, podem nos dar condições, de alguma forma, de mudar significativamente nossa vida. Nesse sentido, o herói é aquele que, apesar do medo, tem a coragem de aceitar o desafio, de dar o primeiro passo para a jornada pessoal e, depois de percorrê-la, de mostrar para as outras pessoas como elas também podem fazer o mesmo. Com suas ações, o herói – por meio dos mitos – nos convida a mudanças e nos deixa rastros de caminhos possíveis.

Campbell (1989) diz que o chamado para tal jornada sempre apresenta uma recusa, uma incerteza ou uma dúvida, principalmente quando se trata de algo que sai do senso comum ou da nossa zona de conforto, já que, para encarar a jornada, é preciso estarmos sozinhos e enfrentarmos nossa própria existência. É justamente nesses momentos de extrema dúvida que a figura arquetípica do herói, através do mito, entra em ação, pois ela nos fala sobre a necessidade de buscarmos força e energia internas, responsáveis por causar mudanças importantes em nossos processos de ressignificação pessoal. É essa figura, essa imagem que nos sustenta em momentos de dificuldade.

A jornada mencionada por Campbell (1989) apresenta algumas características, como o chamado e a recusa à aventura, a ajuda do sobrenatural, os enfrentamentos e as provações, a ressignificação pessoal e o caminho de volta para casa.

Em suas narrativas, cada entrevistado me apresentou sua jornada e, ao mesmo tempo, me mostrou pistas para que eu seguisse meu próprio caminho e aceitasse o convite à minha própria aventura. Cada um, em sua individualidade, me mostrou a importância de aceitar as próprias escolhas e de olhá-las com responsabilidade. Cada um me auxiliou a compreender o processo de individuação, no qual o indivíduo, ao realizar sua jornada pessoal, torna-se um ser único, alcançando uma singularidade profunda e integrada, onde consciente e inconsciente completam-se harmonicamente (Jung, 1964, p.12). Todos me ensinaram, por meio de suas histórias de vida, sobre o sagrado pessoal e a importância da imagem arquetípica do herói.

Posso dizer que feiticeiros, bruxos e benzedores são sujeitos cheios de significados simbólicos, com os quais, de alguma maneira, nos identificamos. Eles nos falam de suas histórias, as quais não apresentam nenhum privilégio ou poder mágico capazes de fazer desaparecer as dificuldades encontradas pelo caminho. Muito pelo contrário, esses sujeitos nos mostram que as dificuldades foram as grandes mestras em suas aprendizagens.

Meu encontro com cada participante foi um grande convite – aceito – para um processo significativo de ensino-aprendizagem sobre aceitações e ressignificações. Depois da acolhida em trilhar esse percurso, compreendi que eu já estava em minha própria saga e que nunca mais seria a mesma de antes. Pude, enfim, entender e aceitar minha natureza selvagem.

Ensinamentos de bruxos, feiticeiros e benzedores

É nítido notar como esses seres de fronteiras, pelo viés do sagrado, nos envolvem em suas sutilezas e nos ensinam.

Em cada entrevista, houve menção à importância da compreensão do ser humano como uma unidade dinâmica. Os participantes falaram sobre aceitação de potencialidades e individualidades, defendendo que, somente assim, podemos respeitar e aceitar o outro. Maturana e Rezepka (2000, p. 41) comentam que “só é possível aceitar o outro em sua total legitimidade” quando me aceito como sou, pratico o autorrespeito e, conseqüentemente, aceito e respeito o outro como ele é. Nas entrevistas, cada participante mostrou que, como seres humanos, não basta termos uma constituição anatômico-fisiológica, é preciso vivermos conscientes de nossas atitudes e de nossas convivências.

Durante os encontros refleti sobre tantas coisas e, aos poucos, fui compreendendo que Igor, Tânia, Zelinda, Francisca, Ahamy e Carlos Fernando me ensinavam sobre criar, educar e curar, de maneira profunda.

Quando reflito sobre os ensinamentos transmitidos por essas pessoas, penso sobre a maneira como afeto a mim mesma e às pessoas ao meu redor. Penso nas minhas interações com alunos.

Nos dezessete anos em estive em sala de aula³⁷ como professora de Educação Física, houve momentos em que relacionei conteúdos de aulas ou acontecimentos cotidianos a histórias. Nessas aulas, ouvia um ou outro aluno mencionar que gostaria de ser igual a um bruxo ou uma bruxa, porque assim teria superpoderes, seria temido ou não passaria por sofrimentos. Pois bem, os participantes desta tese narraram suas histórias e falaram sobre potencialidades, mostrando que houve um percurso de autodescoberta e de aprendizagem para chegarem onde estão. O fato de desenvolverem seus ofícios e de os voltarem ao sagrado não os fez diferentes ou privilegiados em comparação a outras pessoas.

³⁷ Há aproximadamente seis meses estou atuando como coordenadora de gestão pedagógica geral numa unidade escolar da região de Campinas (SP).

Após o período de entrevistas, quando ainda estava lecionando, comecei a conversar com meus alunos sobre a importância de aprendermos com as adversidades da vida e de entendermos que, de alguma maneira, as vivências nos ajudam em nosso processo de crescimento individual. Novamente, usei algumas histórias para pensarmos sobre isso. Falei de personagens como Vasalisa, Ofélia (de *O teatro de sombras*), Harry Potter, entre outras: percebemos que todas essas personagens, antes de chegarem ao ápice de suas histórias, haviam aceitado e trilhado suas jornadas com todas as dificuldades e as adversidades que se apresentaram em seus caminhos. Somente passando por elas, conseguiram cumprir suas trajetórias.

Para mim, ficou mais claro que, depois dos encontros que tive, as aulas de Educação Física tornaram-se mais profundas. Houve momentos de trocas de experiências e de aprendizagens mútuas, cheios de acolhimento e cuidado. Esses momentos tornaram-se, de minha parte, mais lúcidos, porque eu havia aprendido que também precisava, de alguma maneira, ofertar e dar continuidade ao que havia aprendido.

Notei, mais do que nunca, o quanto é importante conversar com os alunos sobre o respeito em relação ao que é tido como diferente. Por diversas vezes nas aulas, presenciei ações e falas que beiravam situações de preconceito e desrespeito. Nesses momentos, foram necessárias rodas de conversa, muitas vezes com narração de histórias. De modo parecido com o que aconteceu comigo, os alunos compreendiam o que nem sempre é entendido por meio de palavras explicativas: aprendiam por meio das narrativas. Aqui também se mostra o poder da palavra! Aqueles que narraram suas histórias em volta da fogueira desta tese são exemplos vivos de sujeitos que passaram por situações de preconceito e de não aceitação. Suas falas permitem refletir sobre a importância do respeito ao que se apresenta como novo e diferente. Carlos Fernando, Igor, Zelinda, Ahamy, Francisca e Tânia me ensinaram de modo tão profundo que me levaram a refletir também sobre minha atuação na escola. Seus ensinamentos por meio do sagrado me afetaram e me convidaram a pensar e a repensar sobre meu ofício enquanto agente transformadora no meu dia a dia, no ofício de contar histórias, no desenvolvimento de minhas práticas sagradas e também no ambiente escolar.

O cuidado pessoal e o cuidado com o outro

A importância de cuidar do outro e de se cuidar foi um aspecto que me chamou atenção durante os diálogos, pois neles o ato de cuidar estava sempre presente. Nas falas, estava implícito o respeito ao ritmo individual, com a natureza e com os seus ciclos, com o planeta,

com as pessoas e suas individualidades. Os relatos falaram sobre o tratamento de enfermidades físicas e subjetivas, sobre a importância de chás e banhos, sobre a necessidade de uma boa noite de sono, sobre o silêncio, sobre saber ouvir, sobre se respeitar e se cuidar amplamente, tanto na atuação do ofício quanto na vida cotidiana.

O que faço para cuidar de mim e do outro? O que significa cuidar de mim? O que significa cuidar do outro?

Foucault (2020) nos apresentou, de maneira acadêmica, o cuidar de si e do outro, mostrou que não somos seres solitários, mas que vivemos com o outro e que o cuidar de si também permeia a dança com o cuidar do outro.

Ahamy, Igor, Carlos Fernando, Francisca, Tânia e Zelinda ensinaram e praticaram esse cuidado pelo viés do sagrado, estiveram o tempo todo vinculados ao ato de cuidar, tanto pessoal quanto com aqueles ao seu redor: cuidaram de mim, me ensinaram a me cuidar, me ensinaram a cuidar dos outros.

Quando Ahamy começa a narrar sobre as conversas que teve com sua avó, ela revela também sua própria atuação na comunidade em que vive, apresenta a importância de tomar um chá e de ter um tempo de descanso: ela mostra e ensina diferentes manifestações de cuidado. Da mesma maneira, quando Francisca, durante a entrevista em São Thomé das Letras (MG), benze Bruno de Moura Barbuda, nos oferece café e nos presenteia com barras de sabão caseiro, quando diz que se sente triste porque a cidade onde mora mudou muito de uns anos para cá, ela fala e ensina sobre cuidado. Carlos Fernando apresenta a importância de se preparar para um benzimento e a igual importância de se cuidar após a prática do ofício: ele também fala de cuidado.

Todos eles, cada qual com sua maneira de ser, mostram a importância e a necessidade do cuidado pessoal e do cuidado com o outro; o ato de cuidar que acontece tanto em suas práticas cotidianas quanto em suas práticas sagradas.

Aprendo e entendo, então, e mais do que nunca, que o ato de cuidar está nas coisas simples – nem por isso menos importantes – da vida. Cuidar é entender que precisamos de uma noite reparadora e de descanso, mesmo cientes de que o dia seguinte trará compromissos e desafios. É ter o tempo para fazer nada e deixar os pensamentos vagarem. É poder acalmar o coração, ver e ouvir a natureza.

Cuidar também é ouvir o outro, é estar presente para o outro e aproveitar a presença do outro. É poder olhar para a natureza, nossa grande mãe ancestral, e tratá-la com o cuidado e o respeito que ela merece, retribuindo tudo o que ela nos presenteia. Cuidar é poder entender

que não estamos sozinhos no mundo, que estamos todos ligados por uma grande rede que se chama vida.

Entendo que é preciso, mais do que nunca, cuidar da vida. E, para mim, cuidar da vida significa olhar profunda e respeitosamente para nós mesmos, olhar com respeito para o outro e para tudo o que nos cerca. É entender que tudo precisa de cuidado, do micro ao macro.

Cuidar nos ensina e nos convida a ser íntegros e responsáveis, sensíveis e amorosos, conscientes de quem somos e de que o mundo onde vivemos surge e se faz com o nosso viver.

Essas foram minhas reflexões e considerações para este momento, enquanto uma bruxa na retomada de sua jornada pessoal. Entendo que tantas outras abordagens poderiam ter sido trazidas para esta tese. No entanto, acredito que, pela maneira como o processo criativo da tese se desenvolveu, com tantas sincronicidades e ressignificações pessoais, estes foram os conteúdos que me tocaram profundamente para refletir. E reflexões nunca são um fim. Gosto de vê-las como um convite para outros olhares e para novas jornadas.

FINAL DE UM CICLO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que não as tenha conhecido, que nunca tenha se encontrado com elas, suas ancianas, suas sábias antepassadas, existem.[...] Suas luzes continuam a oscilar no escuro... através de nós... pois, com uma única tirinha de palha, podemos acender nosso fogo a partir do fogo delas... ter inspirações a partir das suas inspirações. Nós somos as herdeiras. Desse modo, nós também aprendemos a passar oscilantes pela escuridão. Uma mulher assim iluminada não consegue encontrar o próprio caminho à luz de uma vela ou à luz das estrelas, sem também lançar luz para outras.

(Estés, 2007)

Um ciclo se fecha. E assim deve ser.

Uma jornada é finalizada quando é feito o caminho de volta e quando são contadas as aventuras para aqueles que ficaram à nossa espera. Voltamos, contamos nossas histórias e regamos as sementes de novas esperanças e anseios, tanto para os outros quanto para nós mesmos também. Finalizamos uma jornada e ficamos abertos para novas aventuras.

Entendi, por meio dos mitos, que a jornada do herói também nos ensina a fazer o caminho de volta e a aguardar a chegada de um novo convite. Não tenho dúvidas de que esta tese foi a narrativa da jornada de uma bruxa e de outros seres selvagens e fronteiriços.

Esta tese começou com a história de uma pesquisadora em busca de seu próprio caminho. Depois de ter aceitado e partido para uma longa caminhada, é chegado o momento de fazer o caminho de volta.

O convite que me levou a aceitar esta jornada estava presente muito antes da escrita de um projeto para o ingresso no curso de doutorado. Estava presente desde minha infância. Não foi somente o fascínio pelas cartas de *tarot*, pelas histórias de bruxas ou pelas atividades de benzedura que minha mãe fazia em nossa casa que me trouxeram até aqui. Foi a busca pela aceitação pessoal.

Quando elaborei alguns questionamentos norteadores para esta tese, na verdade, mesmo sem entender direito, eles estavam em mim há muito tempo, mas eu não tinha condições de respondê-los sozinha. Então, bruxos e bruxas, benzedoras e benzedores, feiticeiros e feiticeiras, todos esses seres fronteiriços me acolheram e me ensinaram. Foram tantas as coisas ensinadas! Com o tempo, observei que esses questionamentos se aquietavam e que as respostas chegavam aos poucos, sem pressa e sem necessidade de serem explicitamente apresentadas ou escritas. Ao mesmo tempo, também aos poucos, deu-se um processo de ressignificações

internas que resultaram numa profunda cura pessoal. Não havia outro caminho a ser percorrido, pois eu havia aceitado percorrer este.

Durante o período de 2017 – quando ingressei no curso de doutorado – até os dias atuais, iniciei aprendizagens sobre benzimento, feitiçaria e bruxaria, *tarot*, modos de cuidar de mim e do outro com uso de massoterapia, de óleos essenciais e com aplicação de Reiki. Também retomei minha jornada ao encontro de meu sagrado pessoal. Mas faltava-me, ainda, a aceitação pessoal. Ela também chegou aos poucos, sentou-se ao meu lado e esperou pacientemente. Nosso encontro se deu de maneira tranquila, numa roda de conversa, aquecida pelo fogo e iluminada pela Lua. Como dizia Dona Zefa, “aconteceu quando precisava acontecer”.

Compreendi e aceitei que trago minha ancestralidade, com seus conhecimentos de benzeduras, com seus feitiços, cuidados e afetos. Nada foi perdido ou esquecido, apenas ressignificado. Trago histórias de homens que lidavam com a terra e que conheciam seus ciclos, histórias de donas de casa que benziam – todos e tantos seres de fronteiras, disfarçados em suas vidas simples e em suas tarefas do dia a dia. Entendi que, por meio desta tese, foi possível dar voz a eles e possibilitar a continuidade de suas histórias, por meio das minhas.

Todo este percurso me fez ter certeza do poder da palavra. Certeza de que as narrativas chegam em lugares profundos de quem as ouve. Certeza de que, sendo educadora, bruxa e contadora de histórias, meu ofício pelo viés do sagrado também se dá por meio das narrativas. As histórias, com suas bagagens universais e ancestrais, ensinam, curam ferimentos, dão amparo psíquico e convidam para profundas transformações pessoais.

A MENINA-CORVO

Há muito tempo, num lugar distante, nasceu uma menina.

Certo dia, de repente, ela começou a sentir duas bolotinhas bem atrás dos ombros. Aos poucos se transformaram em duas pontinhas. Era como se dois dentes estivessem nascendo ali.

Seus pais ficaram preocupados com aquilo e trataram de levar a filha ao feiticeiro da aldeia onde moravam. Ele, por sua vez, só precisou olhar a menina para dizer:

– Nasceu com asas de corvo e logo elas vão aparecer... é da natureza da menina.

– Asas de corvo? – perguntou o pai, surpreso.

Então o feiticeiro explicou que às vezes isso acontecia. Disse que, em algumas crianças, coisas diferentes aconteciam, consequência de algo parecido que já aconteceu com

algum ancestral dela. Falou que já tinha conhecido muitas crianças diferentes, inclusive outras “crianças-corvo”. E ressaltou:

– Sei de histórias antigas de crianças com asas de corvo. Assim que as asas começaram a crescer, os pais trataram de cortá-las. Em algumas crianças, as asas não apareceram mais, mas em outras foi impossível fazer algo.

Ele falou que essas coisas geralmente demoravam para acontecer e revelou que, para aquela menina ter asas rápido daquele jeito, alguém da família, muito próximo, já havia passado pela mesma situação.

Foi quando a mãe contou que ela mesma as teve um dia, com a mesma idade, e que elas foram cortadas ainda cedo. Falou que, apesar de elas nunca terem desaparecido, sempre que davam algum sinal de aparecer, ela tomava poções mágicas para que não crescessem. Revelou ainda que seu pai, o avô da menina, quando pequeno, também tivera as tais asas. Um dia, sem querer, ela viu as asas dele. Nesse mesmo dia, ele tratou, não se sabe como, de escondê-las, e falou que aquilo era algo muito perigoso. Quando as dela começaram a surgir, ele as cortou e disse que ela não deveria pensar mais sobre aquilo.

A mãe contou que achava que o avô da menina era meio bruxo, mas poucas pessoas da família falavam sobre isso. Ela mesma havia aprendido algumas coisas com ele, mas já fazia tanto tempo que ela nem se lembrava mais.

A verdade é que, mesmo vendo a surpresa e a preocupação dos pais, a menina estava gostando daquilo. Ela não sabia o que ia acontecer e nem mesmo como ia lidar com as duas asas que apareciam em suas costas, mas no fundo, gostava delas. Ela nunca tinha visto outra criança assim.

Não demorou muito para as asas começarem a crescer. As penas eram longas e pretas. Quando batia a luz do sol, ficavam com reflexos azuis, verdes e roxos. Os pais fizeram o corte, na esperança de que nunca mais voltassem. Mas não demorou muito e lá estavam elas, crescendo novamente.

A própria menina começou a cortá-las totalmente, porque tinha medo e vergonha. Medo por não saber o que fazer com elas, vergonha porque não conhecia ninguém assim. Com o tempo, vendo que elas não sumiriam, passou a contê-las como pôde. Percebeu que o próprio medo fazia com que elas não crescessem.

As pessoas da aldeia não sabiam das asas, mas sentiam que havia algo diferente com a menina.

O tempo foi passando e as asas começavam a crescer novamente. A menina já havia tentado de tudo; mesmo assim, elas cresciam. Nem o próprio medo era capaz de conter o que

estava acontecendo. As pessoas a olhavam com desconfiança, outras tinham medo e algumas até davam risada dela. Ninguém nunca havia falado de algo tão estranho e diferente na aldeia.

A menina tentava esconder aquelas asas como podia, mas, com o tempo, elas se tornaram tão grandes que eram vistas por onde quer que a menina fosse. Ela não sabia mais o que fazer e então teve uma ideia.

Havia um momento em que suas asas se misturavam com a escuridão: era a única hora em que ela podia caminhar com tranquilidade pelas ruas da aldeia. Foi por isso que a menina resolveu fugir à noite, quando todos estavam dormindo.

Assim ela partiu em direção à floresta que ficava logo à frente da aldeia. As pessoas costumavam dizer que aquele lugar era assombrado, cheio de criaturas estranhas. Diziam também que as pessoas que haviam se aventurado a entrar naquele lugar nunca mais foram vistas.

Mesmo assim, a menina seguiu em frente. Quem sabe não haveria alguém naquela floresta que pudesse ajudá-la? Era nisso que ela pensava.

Antes de entrar, já perto da entrada da floresta, a menina parou. Olhou para trás e viu a aldeia. Tantas coisas passaram por sua cabeça... e se ela se perdesse na floresta? E se sua comida acabasse e ela não encontrasse mais nada para se alimentar? E se ela encontrasse seres maldosos pelo caminho? E se ela não conseguisse voltar?

Ela passou um bom tempo ali, com todos aqueles pensamentos. Pensou em tantas pessoas, inclusive em seus pais. Por fim, entendeu que eles ficariam bem e que ela realmente precisava partir para sua aventura, a fim de encontrar ajuda. Foi então que deu o primeiro passo adiante.

Aos poucos, a aldeia ficava cada vez mais distante, até que sumiu de vez. A floresta possuía caminhos tortuosos, muito diferentes de todos os caminhos que a menina já havia andado. Às vezes, tinha a impressão de que o lugar tinha olhos e a observava.

Ela havia caminhado a noite toda por caminhos desconhecidos. Por fim, cansada, com medo e sozinha, encontrou um rio e parou em suas margens. Ela tinha sede, muita sede.

Ela se sentou e, quando ia estender a mão para encher o copo que carregava, viu, através do reflexo da água, uma figura escura e imensa bem atrás dela. Lembrou as histórias do povo da aldeia sobre a floresta assombrada e, fechando os olhos, disse:

– Por favor, não me mate...

Seria seu fim... mas, para sua surpresa, ouviu gargalhadas e alguém dizendo:

– Ela está com medo das próprias asas!

Num salto, ela abriu os olhos e novamente olhou para a água. Viu nela as suas asas refletidas. Pela primeira vez estavam abertas. E como eram grandes!

Atrás dela, um menino com orelhas e com dentes de lobo e uma garota com olhos de coruja e com cristais pendurados no pescoço olhavam, curiosos. Eles davam uma risada gostosa e contagiante da menina que tinha medo das próprias asas.

Logo foram aparecendo outros seres assim: uma mulher que tinha antenas de mariposa, um homem com garras de morcego e até um menino com rabo de gato.

Não demorou muito para surgir, do meio das árvores, o feiticeiro da aldeia, deixando aparecer suas mãos de galhos e folhas. Ele contou à menina que ali existiam muitos outros seres que eram assim como ela e que todos, em algum momento, acabaram indo para a floresta. Falou que a floresta não era perigosa nem amaldiçoada. Era apenas um lugar diferente daquele que as pessoas da aldeia conheciam e, por isso, elas costumavam ter medo. Falou que era um lugar possível para todos, mas que, por algum motivo, muitas pessoas achavam melhor chamar a floresta de perigosa e, assim, não se aproximavam. Disse também que havia muitas outras florestas como aquela.

Naquela noite, foram surgindo bruxos, feiticeiros, benzedores, cada qual com características singulares. Eles chegavam de outros lugares e de outras florestas. Quando já era madrugada, todos se aconchegaram numa roda em volta de uma fogueira, tomaram caldo quente e começaram a contar histórias. Os pequenos, atentos, ouviam. Os mais velhos narravam. Por fim, alguns bruxos, benzedores e feiticeiros voltaram-se para a menina e disseram que, assim como todos que estavam ali, ela aprenderia a ver que suas asas não eram motivo de castigo ou de vergonha, mas um grande presente. Antes de irem embora, disseram-lhe que ela aprenderia a cuidar de suas asas.

E assim foi. A menina passou a amar e a cuidar de suas asas; com o tempo, também aprendeu a voar. Amava voar à noite, na companhia de dragões que protegem a floresta. Tanto o menino com dentes e orelhas de lobo quanto a garota com olhos de coruja e colar de cristais tornaram-se seus grandes companheiros de aventuras.

Muitas e muitas luas passaram pelo céu e a menina com asas de corvo tornou-se uma lenda na aldeia onde viveu. Todos, inclusive as crianças, sabiam da história.

Certo dia, apareceu na aldeia uma mulher diferente, que nunca tinha sido vista por ali. Usava um vestido preto com nuances azuis, verdes e roxas.

Ficou numa hospedaria até anoitecer. Quando a Lua Cheia apareceu no céu, fez uma pequena fogueira na praça da aldeia. A mulher com vestido preto acendeu o fogo e começou a contar histórias. Num primeiro momento, chegaram algumas poucas crianças,

desconfiadas. Depois, vieram alguns adultos e, quando já era tarde da noite, formou-se uma roda de moradores em volta da fogueira, ouvindo suas histórias. Não se sabe ao certo quanto tempo passaram ali, mas todos voltaram para suas casas cheios de aventuras diferentes daquelas que estavam acostumados a ouvir.

No dia seguinte, não havia mais mulher de vestido preto nem fogueira na praça. A vida voltava ao normal.

Mas algo diferente aconteceu. As crianças disseram aos seus pais que a mulher da noite anterior estava vestida de grandes asas de corvo. Elas conseguiam vê-las. Na verdade, alguns adultos também as viram. Depois de algum tempo, muitos entenderam que a mulher misteriosa era a menina-corvo, que voltava para contar suas histórias e para mostrar que todos aqueles que até então haviam entrado na floresta não estavam mortos, mas apenas transformados e diferentes em relação ao modo como as pessoas da aldeia costumavam enxergá-los.

Dizem que as histórias da menina-corvo e dos seres da floresta continuaram sendo contadas na aldeia e que, por conta delas, muitas pessoas passaram a buscar ajuda na floresta, trilharam seus próprios caminhos e, depois, voltaram para contar suas aventuras. Mas essa é outra história...

Sempre gostei dos corvos. Eles fazem parte de seres que, simbolicamente, passeiam entre os mundos físico e espiritual, assim como bruxos e bruxas, feiticeiros e feiticeiras, benzedores e benzedoras transitam em lugares fronteirços e simbólicos. Os corvos são seres de fronteiras. Por isso um corvo faz parte da história narrada acima.

A narrativa fala de angústias, mas também de acolhimentos, ressignificações, curas e transformações. Fala daqueles que nos ensinam a encontrar o próprio caminho. Fala de cuidados e afetos, faz o que muitas explicações racionais não conseguem fazer – fala diretamente para a alma. Fala do que é vivo: “Minha avó era uma boa contadora de histórias. Só que ela não contava as histórias, ela as vivia. Ou melhor, talvez as histórias ganhassem vida na vida que ela vivia” (Munduruku, 2015, p. 21).

Depois de um percurso de quase sete anos de leituras, pesquisas, encontros e conversas, entendo que benzedoras e benzedores, bruxos e bruxas, feiticeiros e feiticeiras têm muito a ensinar. Cada qual mostra, ao seu modo, que o sagrado não necessita de regras ou de compreensões racionais, mas sim possibilita afetar o outro de maneira profunda e acolhedora, promovendo o cuidado necessário para a jornada do autoconhecimento.

Concluo que, a partir do momento em que temos contato com seres fronteiriços e nos abrimos para suas histórias e para seus ensinamentos, nunca mais somos os mesmos. Uma lembrança selvagem muito antiga nos é resgatada. Passamos a pegar a mão de outras pessoas, ajudando-as para que também trilhem seus caminhos. Deixamos pegadas e centelhas acesas para aqueles que virão e darão vida a novos ciclos.

Tendo contado minha história – feita de tantas outras –, finalizo esta aventura, na esperança de poder ter contribuído para que outras pessoas também aceitem seus chamados, trilhem suas jornadas e voltem para contar suas histórias.

Porque assim deve ser.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. M. *Medicina rústica*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ARAÚJO, S. A. *Paradoxos da modernidade: a crença em bruxas e bruxarias em Porto Alegre*. 2007. 246p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007, 246p.

AZEVEDO, G. X.; AZEVEDO, J. A. F. Benzedeiras em Mircea Eliade, uma aproximação possível. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 35, p. 54-64, set./dez. 2014.

BÂ, A. H. A tradição viva. In: MEDEIROS, F. H. N.; MORAES, T. M. R. *Contações de histórias: tradição, poéticas e interfaces*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 155-188.

BEZERRA, R. J. L. Afetividade como condição para a aprendizagem: Henry Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. *Revista Didática Sistemática*, v. 4, p. 20-26, 2006.

BOLSONI, B. V. O cuidado de si e o corpo em Michel Foucault: perspectivas para uma educação corporal não instrumentalizadora. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012, Caxias do Sul. *Anais [...]*. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1577/920>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CAMPBELL, J. *As transformações do mito através do tempo*. São Paulo: Cultrix, 1992.

CAMPBELL, J. *Mito e transformação*. São Paulo: Ágora, 2008.

CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 1989.

CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPBELL, J. *Reflexões sobre a arte de viver*. São Paulo: Gaia, 2003.

DANNER, F. Cuidado de si e estética da existência em Michel Foucault. *Filosofazer*, n. 32, p. 73-94, jan./jun. 2008.

DANTAS, P. S. *Para conhecer Wallon: uma psicologia dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ELIADE, M. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ENDE, M. *O teatro de sombras de Ofélia*. São Paulo: Ática, 1993.

ESTÉS, C. P. *A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

- ESTÉS, C. P. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994; 2018.
- ESTÉS, C. P. *O dom da palavra: uma fábula sobre o que é suficiente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra, 2020, v. 3.
- FROMM, E. *A linguagem esquecida: uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- GERBER, R. *Medicina vibracional: uma medicina para o futuro*. São Paulo: Cultrix, 2007.
- GOMES, N. P. M.; PEREIRA, E. A. *Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2004.
- HARK, H. (Org.) *Léxico dos conceitos junguianos fundamentais a partir dos originais de C. G. Jung*. São Paulo: Loyola, 1988.
- JUNG, C. G. *Memórias, sonhos, reflexões*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1962.
- JUNG, C. G. *O homem e seus símbolos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.
- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- KRENAK, A. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MACHADO, A. M. *Contos de fadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- MARCHI, E. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 43, p. 33-53, 2005.
- MATURANA, H.; REZEPKA, S. N. *Formação humana e capacitação*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- MUNDURUKU, D. A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígena. In: MEDEIROS, F. H. N.; MORAES, T. M. R. *Contaçon de histórias: tradição, poéticas e interfaces*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015, p. 21-28.
- MURPHY-HISCOCK, A. *Bruxa natural: guia completo de ervas, flores, óleos essenciais e outras magias*. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2021.
- PRIETO, H. *Lá vem história*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.
- QUINTANA, A. M. *A ciência da benzedura: mau olhar, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: EDUSC, 1999.

RADINO, G. *Contos de fadas e realidade psíquica: a importância da fantasia no desenvolvimento*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2003.

RAMOS, M. I. A. *Contadora de histórias: elaboração de uma trajetória pessoal*. 2013. 169p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013, 169p.

RUSSEL, J. B.; ALEXANDER, B. *História da Bruxaria*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SALLES, M. (Dir.) *Dicionário Houaiss: sinônimos e antônimos*. São Paulo: Publifolha, 2012.

SCHERER JR. C. ; CHIAPPINI, C. G. Fronteiras culturais: algumas considerações sobre o tema. *Centro de Estudos de Literatura e Psicanálise Cyro Martins* [Revista eletrônica], 2011. Disponível em:
http://celpcyro.org.br/joomla/index.php?option=com_content&view=article&Itemid=0&id=889. Acesso em: 30 jun. 2023.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. *Caderno do Professor – Protagonismo Juvenil. Ensino Fundamental – Anos Finais*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2021.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, N. S. M. *As “mulheres malditas”*: crenças e práticas de feitiçaria no nordeste da América Portuguesa. 2012. 123p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012, 123p.

SILVEIRA, L. R. P. *A importância da afetividade na relação professor-aluno para a construção de uma aprendizagem significativa*. 2010. 45p. Trabalho de conclusão (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010, 45p.

SILVEIRA, N. *Jung: vida e obra*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SPERBER, S. F. *Ficção e razão: uma retomada das formas simples*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Fapesp, 2009.

TEIXEIRA, C. M. *A educação da consciência de si na Interação Humano/Cristal*. 2020. 161p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020, 161p.

WALLON, H. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WANZELER, M. C. *O cuidado de si em Michel Foucault*. 2011. 127p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011, 127p.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: Uma conversa em volta da fogueira: bruxos, feiticeiros, benzedeadas e benzedores que contam e encantam com histórias, afetos e cuidados por meio do sagrado

Nome da pesquisadora responsável: Ma. Maria Isabel Alves Ramos

Orientador: Prof. Dr. Adilson Nascimento de Jesus

Número do CAAE: 25334719.6.0000.8142

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa e é elaborado em duas vias, uma que ficará com você e outra com a pesquisadora, Maria Isabel Alves Ramos.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

Esta pesquisa busca compreender e refletir sobre as imagens de bruxos, feiticeiros e benzedores, desde épocas remotas à atualidade, em importância e necessidade social, cultural e simbólica, como também as influências exercidas no meio em que vivem. Busca mostrar a importância de experiências individuais, histórias de vida e opiniões daqueles que se consideram bruxos, feiticeiros e benzedores na atualidade.

Pretende-se que os entrevistados sejam os norteadores desta pesquisa, a fim de entender como vieram a ser bruxos, feiticeiros ou benzedores, sendo este um dos objetivos. Outro objetivo é refletir sobre a contribuição de seus conhecimentos para a formação de saberes populares nas regiões onde vivem, contribuindo para que a cultura popular das regiões a serem visitadas e pesquisadas, pelo olhar dos entrevistados e participantes, sejam registrados e estejam ao alcance de todos.

Procedimentos:

Participando do estudo você está sendo convidado a: contribuir nessa pesquisa na condição de entrevistado, com depoimento registrado por áudio e vídeo (imagem), em encontro

previamente marcado, a fim de falar sobre seu ofício enquanto bruxo(a), feiticeiro(a) ou benzedor(a). São participantes dessa pesquisa apenas os indivíduos que por meio de observação e contato, por parte da pesquisadora se intitulam como tais. Esse é o fenômeno objeto deste estudo. Essa colaboração consiste na sua participação em entrevista onde você irá oferecer seu depoimento. O tempo previsto para a entrevista é de aproximadamente 2(duas) horas.

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do participante

Serão tomados todos os cuidados para preservar sua integridade física, emocional e psíquica. A sua narrativa gravada em áudio e vídeo será transcrita, você terá garantida a privacidade e confidencialidade na avaliação e apresentação dos resultados, e apenas será utilizada sua gravação e imagem com sua autorização. Todas as gravações serão armazenadas em pen drive por tempo indeterminado.

Desconfortos e riscos:

Nesta pesquisa não há previsão de riscos, mas a entrevista será aplicada respeitando seu limite, assegurando os cuidados necessários para sua segurança e integridade física, emocional e psíquica. Havendo algum imprevisto, você contará com o suporte da pesquisadora e seu orientador, podendo encerrar a entrevista em qualquer momento.

Benefícios:

Esta pesquisa está voltada à ampliação de conhecimentos e reflexão sobre o tema abordado, relacionado com a vida cotidiana e às práticas desenvolvidas pelos entrevistados. Você não terá benefícios diretos nesta pesquisa, no entanto, indiretamente, um grande benefício é que você, ao ser entrevistado, por meio de suas falas, enriquecerá informações já existentes sobre os conteúdos abordados na pesquisa.

Outro benefício é que sua contribuição nesta pesquisa possibilitará dar a continuidade de seus conhecimentos a outras pessoas, sejam elas da própria região ou não.

Sua participação também contribui para que a presente pesquisa enriqueça ainda mais conteúdos de memória cultural, simbólica e popular, tornando-a atualizada e dinâmica, de modo a auxiliar futuras pesquisas sobre o assunto aqui abordado.

Acompanhamento e assistência:

Durante toda pesquisa você receberá acompanhamento, uma vez que a técnica utilizada é a observação participante, assim chamada por contar com a observação do próprio pesquisador. A entrevista é semi-estruturada, pois utiliza a técnica de coleta de dados em que o pesquisador tem um roteiro como referência para a entrevista que transcorre de forma mais livre, tal como uma conversa entre entrevistador e entrevistado sobre os temas de interesse da pesquisa.

Em caso do surgimento de qualquer imprevisto, você contará com o suporte da pesquisadora que, como professora e pesquisadora, possui competência técnica para te oferecer o suporte adequado.

De acordo com experiências anteriores a observação participante não apresenta dificuldades em ser aplicada e desenvolvida. No entanto, em caso do surgimento de qualquer imprevisto, ou desconforto por sua parte, você contará com a entrevistadora, em oferecer o suporte técnico necessário, ou ainda, interromper a atividade a qualquer momento, respeitando sempre a sua vontade e o seu conforto.

Rubrica do Pesquisador

Rubrica do participante

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo, se assim desejar, e que a mesma será apresentada apenas e somente se você assim desejar e autorizar, e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado, a não ser que você autorize, e os registros em áudio e imagem só serão utilizados caso haja o consentimento expresso pelos responsáveis legais por meio de autorização de uso de voz e imagem. O material produzido no decorrer desse projeto será guardado em formato digital pela pesquisadora responsável do projeto. Materiais impressos serão armazenados na UNICAMP e destruídos antes do descarte. Em todos os casos, os materiais da pesquisa serão armazenados por tempo indeterminado e poderão ser utilizados em projetos futuros, sob as mesmas premissas de sigilo e privacidade firmadas nesta ocasião.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data:

Local:

Nome:

Ofício:

1. Fale sobre você.
2. Fale sobre seu ofício.
3. O que você entende por bruxaria, feitiçaria e benzimento?
4. O que é o sagrado para você?
5. O que você entende por dom e como ele foi despertado em você?
6. Por que as pessoas te procuram? E como é sua atuação com elas?
7. Que relação você faz entre a bruxaria, a feitiçaria, o benzimento e as mulheres?
8. Como você se cuida em seu ofício? E como cuida do outro?
9. Como você se sente ou se define em seu dia a dia e em seu ofício voltado ao sagrado?